

4.º vol. da COMEDIA DO CAMPO

NOVOS CONTOS

DE

BENTO MORENO

La plupart des drames sont dans les idées que nous nous formons des choses. Les événements qui nous paraissent dramatiques ne sont que les sujets que notre âme convertit en tragédie ou en comédie, au gré de notre caractère.

H. DE BALZAC—*Modeste Mignon.*



EDITORES

TAVARES CARDOSO & IRMÃO

5, LARGO DO CAMÕES, 6

1887

The Project Gutenberg eBook of Novos contos

This ebook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this ebook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

Title: Novos contos

Author: Bento Moreno

Release date: August 17, 2020 [eBook #62954]

Language: Portuguese

Credits: Produced by Rita Farinha and the Online Distributed Proofreading Team at <https://www.pgdp.net> (This book was produced from scanned images of public domain material from the Google Books project.)

*** START OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK NOVOS
CONTOS ***

COMEDIA DO CAMPO

LISBOA
TYPOGRAPHIA DE ADOLPHO, MODESTO & C.^a
Rua Nova do Loureiro, 25 a 43
1887

4.º vol. da COMEDIA DO CAMPO

NOVOS CONTOS DE BENTO MORENO

La plupart des drames sont dans les idées
que nous formons des choses. Les
événements qui nous paraissent
dramatiques ne sont que les sujets que
notre âme convertit en tragédie ou en
comédie, au gré de notre caractère.

H. DE BALZAC—*Modeste Mignon*.

EDITORES
TAVARES CARDOSO & IRMÃO

5, *Largo do Camões*, 6
1887

OBRAS DO MESMO AUCTOR
PUBLICADAS PELOS EDITORES DAVID CORAZZI E TAVARES CARDOSO &
IRMÃO

COLLECÇÃO DA COMEDIA DO CAMPO:

Contos—1 vol.	500
Amor divino—1 vol.	500
Antonio Fogueira—1 vol.	500
Novos contos—1 vol	600

COLLECÇÃO DA COMEDIA BURGUEZA:

Noivos (quasi esgotada)—1 vol. de 500 pag.	1\$000
O Sallustio Nogueira—1 vol. de 500 pag.	1\$000
O Grande Homem (Comedia)—1 vol.	700

A MINHA MORTE

Estava na convalescença d'um typho. Não teria doze annos, mas na minha imaginação representa-se ainda nitidamente esse longo periodo de febre e de terriveis visões. Apesar de debil e quasi enfesado resisti heroicamente ao soffrimento e á molestia. Sempre de costas na cama, passava o tempo a contar e recontar as tabuas do tecto e a fileira de cachos dependurados ao longo da parede branca. Sentia-me embebido em estupidez; as perguntas que me faziam, ácerca do meu estado, do sabor dos remedios e do apetite, ficavam sem resposta. Olhava para todos sem comprehender o que diziam, ou, pelo menos, sem ter os meios de exprimir tudo quanto de violento e de extraordinario se passava em todo o meu corpo. Era como um empastamento geral da minha carne, uma liquifacção do meu cerebro, a ausencia de mim mesmo para sentir. Até as dores que soffria, tendo um resto de consciencia para saber que se passavam em mim, attribuia-as mais facilmente a outro corpo. O meu interior era o de uma enorme fornalha; o proprio halito parecia-me de labaredas brancas, formadas de ar incandescente. As minhas sensações reduziam-se a uma sede permanente, que se não podia mitigar. Por mais que me humedecessem a lingua, nem por um instante m'a podiam tornar molle e flexivel: era uma lingua de papagaio, que seria facil quebrar como se fôra um caco. Ainda me recorde de quanto me custava a supportar-a na bocca e de ter, por vezes, desejos de a arrancar.

Mas depois fui melhorando. A volta das sensações ordinarias fazia-se uma a uma, como pombos escorraçados d'um pombal. Era um renascimento gradual, e noto que appareceram primeiro as sensações mais elementares, aquellas em que o homem tem menos imperio. Todos os dias a febre decrescia, reconquistava um pouco do viver antigo, como se eu tivesse feito uma viagem ao chimerico paiz das sombras, e de lá voltasse por um comprido corredor de muitas legoas, approximando-me instante a instante da benefica luz

do sol, que se visse brilhar ao fundo, cá n'este mundo vulgar que todos habitamos. Entrei por fim em convalescença. O facultativo consentiu que me levantasse todos os dias um nadita. Já podia ir fazendo tentativas de chupar a minha aza de frango. O enjôo da comida ainda era grande, por isso o meu desgosto era enorme. Reconhecendo-me melhorado não estava nas condições das outras pessoas...

No entanto a minha alegria e satisfação voltaram com o franco apetite. Tudo era pouco para mim, não havia coisa que me satisfizesse e era preciso que me ralhassem para não ser tão guloso, que me podia fazer mal. Até não queria que os outros comessem ao pé de mim; porque isso me dava inveja, e até raiva, ficando a reparar com olhos avaros e insaciáveis. O medico argumentava que o meu estomago devia estar fraco, que não supportaria sem damno grandes quantidades; mas eu sentia-me como uma grande planta, que lançasse por toda a parte as suas ambiciosas raizes, para se sustentar á custa da seiva que pertencia ás outras e roubar-lh'a com o poder absorvente de uma enorme bomba. A comida de predilecção n'essa minha convalescença eram as boas sardinhas de Vigo, cabeçudas e grandes, que os gallegos iam vender á minha terra. Á distancia de 26 annos, ainda hoje sinto no paladar o sabor d'essa incomparavel comida.

A chuva d'esse aspero mez de dezembro era frigidissima, o vento assobiava pelas frinchas das portas. Como já podia andar por toda a casa ia de vez em quando ao mirante, olhar para os montes que estão ao norte, e contemplava-os todos cobertos de neve, como se fossem pyramides collossaes, formadas d'assucar.

Mas a chuva e o vento que soprava d'aquelle lado obrigavam-me a descer; pois que a janella não era guarnecida de vidraça. N'uma d'essas occasiões até, a saraiva me veio bater na cara e eu, com medo de recahir, fui-me logo sentar ao lume, que estava vivo, imponente, abrangendo grandiosamente em labaredas, os potes de ferro que estavam ao redor.

A nossa cozinha era comprida, terrea e de telha vã. A lareira, grande, coberta pelo enorme e phantastico chapéu da chaminé,

muito farta de lenha—podia aquecer uma dúzia de pessoas á vontade. Na vespera do sarrabulho ou na noite da consoada, essa cozinha tomava o aspecto glorioso d'um templo em festa. Havia maior numero de potes; as labaredas melhor sustentadas enroscavam-se umas nas outras sempre na mesma altura, como parafusos sem fim. Era manifesta e patente a alegria, a satisfação, o contentamento que este bom fogo produzia em todos, principalmente quando as castanhas estoiravam debaixo das brazas e sabendo-se que estava perto a enfusa de vinho.

Mas quando desci apressadamente do mirante, batido no rosto pela saraiva e com o tetrico medo de recahir, a cosinha estava solitaria e lugubre. Era dia ordinario, o lume bem acceso, o pote da ceia gorgolhava com a fervura, os gatos e os cães, fraternalmente misturados, enroscavam-se do lado do forno. Fui-me sentar ao meu canto, contando estar ali até á reza. Lá fóra das portas era quasi escuro, a chuva e o vento passavam ruidosamente sobre o telhado, produzindo ressonancia dentro da chaminé. Todo este barulho exterior e material tornava mais sensivel a minha solidão. Sabia que minha avó, estava á janella na dupla occupação de reza as suas contas e de vigiar se os visinhos traziam sardinhas da praça, que era para tambem as mandar comprar. Porém o rom-rom dos gatos, o arfar do lume, o ralho da fervura e o sussurro do vento formavam um ambiente caracteristico de solidão ao qual se veio juntar a nota sentimental e lugubre do toque das trindades. A torre da igreja era sobranceira á cosinha e as nove badaladas cahiram-me espaçadamente no cerebro imprimindo uma sensação gemebunda e prolongada. Apesar da viva chamma do lume ser propria para desfazer tristezas, sentia sobre mim o lendario pezo da noite, com todo o seu imprevisto de sombras. E a enorme chaminé, negra de ferrugem, abria sobre mim um espaço indefinido, d'uma amplitude amedrontadora. Diante dos meus olhos, em correnteza, estavam pendurados os salpicões e eu contava-os machinalmente até á minha chouricinha e á de meu irmão, que estavam juntas, á esquerda. Fui pouco a pouco cahindo n'um longo esquecimento, fui perdendo a consciencia, a ponto de quasi se extinguir o meu ser.

Provavelmente o calor benefico do lume concorria para o entorpecimento. Já quando o sino acabou de tocar as «ave marias» eu voejava n'uma atmosphera de sensações vagas, como suspenso no meio do espaço. A cadencia das badaladas deu-me o impulso ondulatorio que me atirou por desconhecidas regiões, fóra de toda a contingencia. Um pingo d'agua cahia a compasso da torneira da cosinha e o som tristonho parecido com o gemer d'ave, feria-me levemente o ouvido como se fôra o desfallecer d'uma d'essas musicas ideaes, que só existem na região do azul. O estrepito do vento tambem se distanciára de mim, ouvia-o dilatado e longinquo, com a doçura e encanto do som d'um pinheiral. Estava envolvido, tapetado d'uma substancia isoladora que me fazia perceber attenuadas todas as sensações. O meu pensar vago e indeciso, traduzia esta especie de aniquilamento das minhas forças phisicas e a perda das minhas idéas pessoaes. Reconhecia-me consubstanciado n'este mundo novo e abstracto, balouçando-me n'uma amplitude infinita como a da morte. Cá na minha, eu já não pertencia ao numero dos vivos apesar da memoria me reproduzir claramente toda a realidade material que eu gosára e soffrera, durante os annos da convivencia terrestre. Confesso que tive saudades do que fôra. Gostava da vida, mesmo simples e humilde como sempre a passára. Viver por viver e para viver, é que me enthusiasmava e não as altas posições da fortuna e da gloria. Todo o homem tem dentro em si tantos meios de ser feliz, que não saber aproveitá-los é signal de desequilibrio e doença. Por isso, a idéa de ser um morto não me alegrava e, bem pelo contrario, principiei a apavorar-me á maneira que percebia que isto era sério. Deixar assim de repente, sem uma despedida, a vida terrena, na qual eu ia sonhadoramente gosando a minha obscuridade, lá me parecia duro. E sem enterro, sem chôro de parentes, sem nenhuma pompa funebre... como é que eu tinha morrido? Depois, independente da questão do céu e do inferno, aquillo lá pelo outro mundo não é satisfatorio. Antes de entrar nas regiões da perpetua ventura ou do infinito castigo eu não via senão caras tremendas, que nada tinham de commum com as expressões minhas conhecidas. Os que riam era com esgares terrificantes, boccas arrepanhadas e olhos de fogo que me faziam medo; os que choravam abriam taes guelas, e

figuravam-se-me tão pavorosas as suas cabelleiras formadas de florestas, que me senti gelado, não podendo sequer encaral-os.

Não me faziam mal, não se approximavam de mim; mas eram desagradáveis companheiros na sua impavidez sinistra. Também, lá por esses espaços, que levianamente se chamam sideraes, eu não encontrava senão precipícios, abysmos sem fim, montanhas cujos pincares a minha vista não podia alcançar. Por cima da cabeça tudo eram nuvens encastelladas e carrancudas, que deviam conter fogo e tempestades para myriades de seculos. Um raio de sol palpitante rompeu n'um momento esta espessura; mas isso, maiores saudades me fez, por me lembrar com entranhado amor tudo quanto tinha perdido de carinhoso e bom. Nunca senti como n'esse instante o preço da vida. A epopeia grandiosa da eternidade, attrahia-me muito pouco, não seduzia, com as suas magnificencias, a imaginação simples da creança. Por isso a minha anciedade, a minha tortura cresceu progressivamente. Nunca mais voltaria a gosar a tranquillia convivencia do rio, dos montes, das campinas e dos penhascos?!... O canto dos passaros, as paizagens floridas, o melancholico luar do outono, a exuberancia da primavera, os gosos familiares, as festas, as vindimas, as amizades... tudo teria acabado para mim?!

Que tristeza, que amargura, que saudades me torturavam! As lagrimas cahiam-me em fio, sentia-me soluçar, a minha admiração pelos sublimes coros celestiaes, diminuia d'um modo consideravel. E tamanha era esta saudade e esta dôr que nem o aspecto patente do fogo da querida lareira, dos potes a ferver, dos salpicões pendurados diante dos meus olhos, me dava a precisa tranquillidade e resignação. Não me lembro mesmo se cheguei a considerar estas visões enganosas, como perfidos meios de transacção, para eu me habituar á outra vida. O meu desespero só fazia augmentar, sentia pungentissimamente quanto perdi. A minha chouricinha, que estava ali em frente de mim, já eu não a poderia saborear, em quanto que meu irmão, que era um vivo, havia de comer as duas e talvez muito regalado.

Principiava a reconhecer-me fatigado, exausto de forças e ambicionava um momento de repouso. Visto estar morto, a

tormentosa viagem através dos espaços infinitos havia de acabar. Decerto era este o pavoroso caminho da eternidade, que teria no fim o céu ou o inferno. Bem sei que logo para começo podia ser o purgatório, como lugar de purificação; mas declaro francamente que esta transigência nos sofrimentos não me foi muito consoladora. Talvez pelo receio de ter a vida cheia de peccados, julguei mais provável não vir a ser um dos eternos habitantes do paraíso!... Estaria mais satisfeito, se o meu destino estivesse no céu—atmosfera ideal, mais pura que o diamante, de cor mais serena que a perola, lugar onde não ha noite, nem sombra, onde os cantos são perpetuos, como é perpetua e renovada de instante a instante a floração d'aquella primavera sem fim. No entretanto, se me fora licito ter uma opinião, haveria declarado preferir a todas as sublimidades ideaes, o continuar na terra contingente, com todos os seus males, desgostos e contratempos. Porém já que me achava no outro mundo desejava antes o paraíso do que o inferno, ou mesmo o purgatório. Infelizmente este horrendo caminho que seguia, com a velocidade d'um cyclone, não me dava esperanças de me levar á patria eternamente luminosa e bella. O ultimo precipicio em que estava era d'um horrendo incomparavel. Por todos os lados a treva sem limites, e para o fundo um inconcebivel funil por onde ia resvalando!

Como no terrivel naufragio do conto de Poe, no qual todos os destroços eram engulidos pelo redemoinho infernal do Maelstrom, assim o meu corpo, o meu cerebro, o meu pensamento soffriam as torturas d'um movimento concentrico. Sentia que de instante a instante me apertavam mais e mais as paredes d'esta nova prisão. Descendo sempre estava cruelmente atormentado e os meus olhos cheios de pavor não percebiam a menor restea de luz. A minha existencia conhecia-a sómente pela dor d'uma perna onde cravára com desespero as proprias unhas. A superficie interna do funil era lisa a ponto de lhe não perceber o contacto.

Os circulos que eu descrevia eram cada vez menores, a ponto de para o fim redemoinhar em volta de mim mesmo, como se houvera um eixo material, servindo de ponto fixo. Evidentemente estava a chegar ao meu pavoroso e tetrico fim! Uma sensação de frio

penetrava-me até á medula dos ossos, apesar de que, por uma inexplicavel contradicção, conservava no meu corpo viva reminiscencia do meu calor natural e procurava concentrar-me, aconchegar-me, metter-me por assim dizer, para dentro de mim mesmo.

Veio uma onda de calor que me lambeu a cara... Talvez o desmoronamento da pilha d'achas que formavam a fogueira. Esta sensação, de certo agradável em outras circumstancias, poz-me em grande terror; pois que mais me confirmou na ideia da proximidade do inferno. Lá ia eu cahir n'esse fogo perpetuo, que tão horrendo antevira nas descripções dos missionarios! E apesar do pavor, irritava-me esta evidente injustiça d'um poder sobrenatural. Que peccados teriam commettido os meus doze annos, para merecerem tão severa punição? Já não tinha lagrimas, sentia-me anniquillado e sem força para me oppor. O meu incomparavel infortunio, não se limitava a perder o gozo da vida terrena, que tanto amava. E transigia covardemente: Se, ao menos, fosse trocar o mundo, a familia, os brinquedos, a caça aos pardaes, a pesca aos barbos, a minha chouricinha... pelo reino do ceu, vá lá. Não teria ganho, mas vá lá. Porem abandonar todas estas coisas sympathicas e ter para todo o sempre de gritar entre chammass, com o diabo a espicaçar-me e monstros horrendos a deitarem-me perpetuamente pelas guelas chumbo derretido, breu e azeite a ferver!... era o que eu não podia levar á paciencia. A grande afflicção em que me vi deu-me ainda um momento de revolta, que resultou d'uma onda de sangue novo que se me espalhou no cerebro. Por mais que esquadrinhasse na consciencia, por mais que posesse aberto e claro o meu passado insignificante, não me sentia merecedor de tão formidavel pena! Resolvi interpor recurso. Deus é infinitamente misericordioso e de certo me ouvirá—pensei. Alem de que eu tinha sobejos motivos para assim proceder, attendendo ao modo excessivamente escuro como correra o meu processo. Não me lembrava de ter apparecido na sua divina presença; não vira aquellas venerandas e compridas barbas, brancas como espuma do mar; não me recordava dos coros dos anjos e das virgens, nem das incomparaveis bellezas da celestial habitação... Quem sabe se eu ia para o inferno por engano! Quem me dizia não ser eu victima de manobras d'alguem verdadeiro

condemnado que tivesse tido artes de se trocar por mim?! A minha perturbada intelligencia comprehendia esta possibilidade. Por tanto —resolvi—levantemos um clamor bem alto, uma supplica formidavel, que alargando-se por este funil em que me acho, suba aos ouvidos justiceiros do bom Deus, grande e omnipotente. A convicção da minha innocencia, dava-me força para tamanha ousadia. E tomei enorme folego, enchi o peito d'ar, concentrei em mim todas as energias da terra. Da minha garganta sahiu um estridente brado que se dilatou pelos espaços! Ao mesmo tempo fugi pela cozinha fóra e fui-me agarrar a minha avó, que resava as suas contas encostada á janella. Contei-lhe toda a minha afflicção e os tormentos mentaes em que me vira. Ella reconheceu logo, bem como depois o confirmou um sacerdote nosso amigo, que este facto devia ser tomado como um aviso do ceu. Apesar da minha pouca idade, este toque divino, mostrava claramente que eu andava em peccado mortal. Uma confissão geral de todo o meu negro passado era urgente. Os esconjuros deviam completar esta obra de limpeza espiritual. Procedeu-se por esta forma e os exorcismos foram resados por um padre gallego, que era homem eminente em escorraçar demonios.

Janeiro de 86.

NOSSO SENHOR JESUS CHRISTO

(A Valentina de Lucena)

Entardecia. Como o brilho do sol desaparecera, uma iluminação igual ameigava a paisagem. Os ultimos sotos de castanheiros transmontanos, pareciam nodoas de relva nas encostas dos montes. A escuridade cahia lentamente sobre os povoados, como um tenue orvalho. A physionomia das terras, em especial dos arvoredos, principiava a ser minhota. Havia mais d'uma hora que a carruagem rodava por uma estrada em declive. Disse-me o cocheiro, que algumas casas e uma egreja agglomeradas n'um valle, na margem direita do Tamega, formavam a povoação de Ribeira de Pena. Montanhas severas e apocalypticas emmolduravam este bocadinho de campo, no qual eu principiava a reconhecer a paisagem querida dos meus primeiros annos.

Vinha só e sentia-me triste sem motivo. O continuado e monotono barulho da carruagem, o assobio dolente e vago do cocheiro, a amortecedora luz do crepusculo infiltrando-se por entre as penedias das encostas, os renques d'arvores do valle tinham-me lançado n'um estado de inconsciente melancolia. Já cançado da jornada, ainda me faltavam muitas horas para chegar ao Arco, logar onde ficaria essa noite. N'um estado intermedio ao somno e á vigilia, as ideias perpassavam-me no cerebro, umas vezes, como nuvens transparentes e macias recordando momentos d'agradavel convivencia; outras vezes, encastelladas e escuras, como são as ideias proprias d'aquelles que vão perdendo o contente palpitar da mocidade!... Oh! minha encantadora e modesta infancia, eu que sou um dos homens que mais tem rido, dize-me tu se já algum dia fui alegre, despreocupadamente alegre!...

Á ponta da noite, no momento em que á luz indecisa, os objectos tem adquirido um esfumado que os avoluma, a carruagem parou á

porta d'uma taberna para se desaguiarem os cavallos. Os meus nervos foram chamados á realidade com energia. N'um banco de pedra, d'esses toscos e muito usuas que se encontram juncto das habitações dos camponeses minhotos, estava sentado um velhinho magro, tendo ao lado um saquito enfiado n'um páu e uma pequena almotolia d'azeite presa á cintura por uma correia. O seu rosto sumido era gracioso e terno como o d'uma creança; o sorriso natural, que lhe ressaltava da expressão, parecia sahir d'um berço.

Havia o quer que fosse de inconsciente e ethereo, de amavel e bondoso, no rosto d'esse pobresinho. Ali ninguem o conhecia; mas elle olhava para todos com uma attenção familiar e intima. Um porco atrevido roçava-se-lhe pelas calças, roncava-lhe junto á cara e elle afastava-o com humildade e carinho, dizendo-lhe até palavras de conselho. De certo os seus nervos delicados se encommoavam com aquelle grunhir insolente; mas nem por isso se mostrava menos attencioso, para com o bruto. Fallava a todos tão suave e brandamente que a sua voz semelhava um murmurio e uma consolação á cabeceira d'um enfermo. O seu olhar, d'uma tranquillidade de justo, prolongava-se pelo espaço infinito, quando olhava para o ceu. Os cabellos brancos, enquadrando-lhe o rosto pacifico, eram limpos, finos e fluctuantes como floccos de neve, tinham a transparencia do nimbo dos sanctos. Tocou-me aquella bondade, aquella ar compadecido e altivo. Pareceu-me um pedinte e olhei-o com attenção antes de o interrogar. Elle sorria-se para mim, com a expressão d'uma pessoa que conversa junto d'uma lareira aldeã, quando a fogueira crepita e o vento uiva victoriosamente sobre o telhado. Sentia-me attrahido para elle e então perguntei-lhe mesmo de dentro da carruagem:

—Vocemecê vem de longe?

Parecera-me que sim. Os pés tinha-os doridos, talvez d'uma longa caminhada. Estava alli a descansar. A dona da taberna disse que o não conhecia e que não era das redondezas. O velhito, como eu lhe fallei, levantou-se sorrindo e approximou-se. E n'um tom de mysterio, para que mais ninguem o ouvisse, segredou-me:

—Se venho de longe? De muito longe. Nem eu mesmo o sei.

Tomei estas palavras como de soffrimento resignado e tive piedade.

Não sabia d'onde vinha, estava alquebrado pelo cansaço e não encarecia as suas dores para me pedir esmola! Conheci-lhe pela expressão dolorida do semblante, quando pôz os pés no chão para me vir fallar, que andára muitas leguas a pé. Talvez para ir ver uma filha enferma! talvez para exprimir outro grande affecto que lhe restasse no coração! Tantas terras percorrera, que até a sua memoria enfraquecida pela idade não retivera os nomes! Ter-se-hia perdido no caminho?...

Insisti com modos de incredulo:

—Essa é boa! Então não sabe d'onde vem?

Olhou-me com ar sereno e firme como de quem tinha dicto uma coisa perfeitamente exacta.

—Não senhor. Ninguém sabe!...—segredou-me com extrema reserva.

E acrescentou sorrindo intelligentemente:

—A mim ninguém me conhece; mas eu conheço todo o mundo. Bem sei quem o senhor é... É o senhor conde. Ah! cuidava que não sabia?...

No rosto do pobresito appareceu uma aurora de triumpho. Para lh'a sustentar perguntei muito baixo:

—Mas como advinhou? Quem foi que lh'o disse?

A enormidade do seu poder reconheci-a no desdem superior com que me olhou. Continha lá dentro infinitos thesouros de sabedoria e perspicacia, á qual não resistiam os insondaveis mysterios do amplo ceu. Quem era eu, um misero conde, diante d'aquella omnipotencia que considerava o globo terraqueo como uma insignificante bolinha de pão?! Na minha tristeza e confusão devia-se reconhecer que o comprehendí; pois que o velhinho, para me consolar acrescentou:

—Eu sei tudo, advinho tudo. Se não digo d'onde venho é porque ando por todo o mundo. Agora ahi vou eu para Hespanha ver se

componho *aquillo* e se acabo com todas essas questões que por lá vejo. Levo aqui—designou o saquito—os papeis e livros necessarios para dar luz e felicidade *a todos*—sublinhou.

Entristeceu-me ver tamanho valor e convicção reunidos n'um corpo assim fragil. Pedi-lhe com interesse e bons modos que me deixasse examinar os seus thesouros. Accedeu da melhor vontade abrindo primeiro o sacco d'estopa, dentro do qual estava um de panno preto, contendo ainda outro de chita de ramagens. O cocheiro e a dona da taberna aproximaram-se ironicamente para disfrutarem o pobre; mas elle, com um verdadeiro olhar altivo e nobre, afastou-os significando, que taes segredos não eram para espiritos grosseiros e motejadores. A meu pedido os indiscretos retiraram-se e por fim o pobresito mostrou-me envolvidos em farrapos e bem ligados com fitas de cores e cordeis, tres velhos alfarrabios em lingua hespanhola e algumas folhas manuscriptas, d'uma lettra amarella e inintelligivel. Pelo meio havia folhas seccas de castanheiro, algumas flores mirradas e pequeninos ramos d'alecrim. Examinei com escrupulosa attenção estas preciosidades, dando-lhes grande valor! Elle seguiu todos os meus gestos e movimentos faciaes com olho sagaz e aspecto orgulhoso. Quando lhe entreguei as suas preciosas reliquias, encarecendo-lhas elle concluiu:

—Já o senhor conde vê que não é ninguem ao pé de mim.

—Oh! de certo!...

E depois que já tinha guardado os seus livros e papeis inestimaveis perguntei-lhe:

—Mas como vem de muito longe deve trazer fome. Quer que lhe dê alguma coisa?

Sem altivez respondeu:

—É da lei acceitar sempre a esmola. Fome não tenho. Ando por aqui ha um rôr de seculos e nunca senti fome.

E com um sorriso delicioso, como quem faz uma revelação:

—Isso é para vocês que são d'este mundo. Para mim não, que não sou de cá.

—Ah! vocemecê não é de cá?

—Eu sim!...

E sorriu-se da minha estupidez, da minha falta de compreensão, abrangendo n'um infinito olhar toda a amplitude da terra ao ceu! Habitava essas regiões ideaes e interminaveis do azul, suspenso na serena ondulação do ar, e bafejado da poeira brilhante da luz. A expressão humilde e conformada do seu rosto, a grandesa e compaixão que lhe resaltava da voz fraca e singela, o seu triumphante sorriso de tranquillidade... convenceram-me de que este velhinho resumia em si uma entidade poderosa. Quem julgará elle representar n'este mundo?—perguntei a mim mesmo. Talvez algum sancto milagroso, algum lobis-homem das lendas, algum bruxo afamado entre o povo!... A convicção da sua immaterialidade e do seu immenso poder reconhecia-se que a tinha, pelo tom desdenhoso e superior com que se referia a tudo que o cercava. D'elle só veriam sahir protecção e bondade:—os beneficios que um acto rudimentar do seu querer podia espalhar sobre a terra eram incalculaveis. Um simples designio da sua vontade tornaria os homens eternamente felizes ou desgraçados. Não comia, não se cançava, não havia ponto na terra d'onde tivesse partido ou que devesse occupar...—o mundo, o ceu, os espaços inconcebiveis eram a séde da sua ubiquidade. Nem a dôr, nem o falivel o tocava. A misera fraqueza humana não a sentia, a contingencia do globo merecia-lhe um pensamento compadecido. Sereno e grande vivia no seu reino especial!...

Qual seria pois, o personagem imaginario que este velho magro, de rosto sumido, alegre, bondoso, expressão de soberba e de compadecido, julgava representar? Perguntei-lh'o com a premeditada cautela que elle empregava nas suas palavras:

—Então quem é vocemecê?

—Pois ainda não advinhou?! Olha bem para mim creatura!... Nosso Senhor Jesus Christo!

E fixando-me com tremenda piedade concluiu:

—Ando aqui para os salvar a todos.

Dei-lhe uma esmola. O pobresito retirou-se serenamente, depois de me recommendar:

—Agora caluda, por causa d'esta gente. São hereges, não acreditam.

Janeiro de 85.

O CEGO DE GUARDIAM

Logo que expirou o cunhado, José Domingues cahiu n'um scismar atormentado. Só elle comprehendia a grande desgraça que n'esse dia entrára na casa de sua irmã, pobre mãe de cinco filhos, que tinha para os sustentar, unicamente uma roca. Lembrou-se de os trazer todos para onde a si; mas como poderiam viver tantas pessoas com duas pipas de vinho e um carro de pão? A pensar n'isto se consumia o pobre José Domingues, e aquelles olhos cegos desde tenra infancia, estavam grossos como punhos de tanto que tinham chorado. Até perdera o gosto á rebeca, prenda que seu tio frade lhe deixára, juntamente com as territas de que vivia. A comida entrava-lhe na bocca só á força, depois de muito o apoquentarem. Como toda a gente o estimava em Guardiam, iam alli pela eira pessoas conversar com elle, dando-lhe consolações e conselhos, coisas de pouca valia, pois não produziam alimento para os sobrinhos. O seu amigo Miguel Tinta, trouxe o violão uma noite, para lhe acompanhar a rebeca; porem o cego é que não estava para tocar.

—Que queres, não posso. Tenho aqui um peso de seiscentas arrobas—rematou arrepanhando o coração.

Mas como algumas raparigas, com o fim caridoso de o tirarem d'aquelle malucar, lhe pediram insistentemente, José Domingues tocou umas musicas tristes, muito populares e queridas d'aquella gente. Foi n'esta occasião, que o Miguel, sentindo o cerebro illuminado por uma ideia, disse com entusiasmo:

—Ouve lá. E se nós fossemos por ahi abaixo ambos! Não se ganharia alguma coisa?

Todas as pessoas presentes acreditaram que sim e applaudiram com estrepito a lembrança. Só o rabequista não tinha grande fé, pois disse:

—O que, a tocar? Uh!...

—Hade haver muito quem vos queira ouvir. Tentar fortuna é sempre bom prophetizou emphaticamente Zé Maximo, o barbeiro.

Resolveram-no logo alli. Os dois mais interessados planejaram a coisa detalhadamente, mencionando as terras que percorreriam e as musicas que haviam de escolher. Uma manhã de primavera, partiram com o sol rubro no horisonte. Andaram por fóra alguns mezes e quando voltaram vinham satisfeitos, porque traziam um bom par de moedas na algibeira. Foi uma alegria para aquella gente, mormente para José Domingues, que ao entregar o dinheiro á irmã pulava de contente, com os sobrinhos todos em volta a agarrarem-se-lhe ás pernas. No forte das suas expansões, o cego, planeava uma vida d’abundancia: queria que se comprasse um porco para matar n’esse anno e mais um bácoro, para o seguinte.

—N’esta casa!—com seiscentos diabos!—hade tornar a haver salgadeira e fumeiro, como antigamente—affirmou.

Foi este o começo da vida de tocador de rebecca, que tão popular fez o cego de Guardiam, em toda a provincia do Minho.

O seu nome chegou mesmo á cidade do Porto. Quem fallasse no *ceguinho* designava logo José Domingues. A expressão persuasiva e bondosa do seu rosto tornava-o attrahente e querido. Ou tocando a chorosa rebecca, ou a cantar modas alegres, ou a gracejar com as raparigas, era sempre comedido e delicado; por forma a ser cubiçada a sua presença. De todos os cegos pedintes e trovadores, só elle gosava de verdadeira sympathia. Chamavam-no a muitas casas para o ouvir e, alem da paga, offereciam-lhe vinho e marmelada. Tambem elle não se parecia com nenhum d’esses tocadores de sanfona, lamorientos e porcos. Sempre limpinho:—vestido de briche; camisa lavada; botas de cano, toscas e fortes; a mão apoiada no hombro do companheiro; o extincto olhar voltado para o sol; assim percorria a provincia. Tinha o seu orgulho d’artista e de pequeno proprietario—nunca exaltou ou fingiu miserias e necessidades para provocar compaixão. Acceitava o que lhe dessem, fosse muito fosse pouco, agradecendo tudo com um

sorriso. O que ambicionava principalmente era que o escutassem com religião e amor. Se havia pelas janellas senhoras formosas, em quem presumisse melhor compreensão da musica, o Miguel advertia-o; pois que n'essas circumstancias, o arco de José Domingues, tinha movimentos expressivos, alma entusiasta, e coração de poeta.

Que ideia faria elle da formosura!...

Fora tão cedo, logo no começo da infancia, que perdera a vista!... As suas recordações não podiam deixar de ser pedaços de mundo dispersos, mal definidos, impressões fugitivas, como as da luz no pôr do sol. Comtudo na viva e larga imaginação, era certo que lhe esvoaçavam encantadoras imagens. A meiguice do sorriso, a bravura da expressão em certos momentos, fazem-no presumir. Quando acreditava que a sua alma, a sua rebeca, estava fazendo palpar algum coração de mulher, o rosto bexigoso e feio, animava-se-lhe triumphantemente, como uma aurora. Parecia que tinha um resplendor, que respirava n'um circulo de luz propria.

É porque elle instinctivamente calculava que áquella expansão de sensibilidade que lhe vibrava nos proprios nervos, corresponderiam outros efluvios em nervos mais delicados. E a potente voz da arte embravecia-lhe a natureza cheia de candura, transformando o humilde cego, n'um ente dominador e altivo. A proximidade da mulher, a sua inflexão meiga e dolente, amansava d'um modo absoluto, qualquer aspereza d'este homem, que nunca lhe pudera calcular a pureza das linhas. Talvez isto fosse por conhecer a dolorosa historia de seu tio frade, que morto aos septenta annos, conservára até á ultima, o amor d'uma imagem extincta, evocando-a aos sons da mesma rebeca, que José Domingues tocava!

Esse tio egresso fôra o seu educador e o seu amigo. Homem de viver em si, conhecendo a musica e as lettras, ensinara-o a tocar, e transmittira-lhe a alma que possuia. A doce affabilidade de convivencia com esse bom velho, introduzira-lhe no coração sentimentos preciosos de humildade. Despresar os bens terrenos, para se confortar nos gozos interiores, fôra o que esse obscuro

evangelista sempre lhe aconselhára, como meio de se oppor á desgraça e soffrer com valor as agruras do mundo. Por isso, elle acceitou em toda a conformidade, esta vida de tocador ambulante, por mais que ella fosse contraria, ao seu quietismo aldeão. Ainda assim tinha a impellil-o n'este vagabundear de terra em terra, o seu character impressionavel d'artista. O fanatismo com que todos o ouviam em Guardiam, em Refuinho e n'outros logares, por vezes lhe levantára as ambições e sonhára com publico mais numeroso e selecto. Porem nunca pensára em sahir da sua aldeia, e do adro da igreja, onde nos domingos, depois da missa conventual, até o abbade parava a ouvil-o. *A donzella abandonada*, o *Marinheiro* e o *Cão fiel* eram algumas das poucas cantigas que n'esse tempo conhecia. Expressia-as com tal sentimento e candura, que era frequente perceber-se o chôro d'alguem coração de rapariga enamorada e sensivel, que encontrava nas palavras da canção qualquer lembrança pungente. Então o José Domingues, que era galhofeiro dizia:

—Quem diabo está ahi a fungar, a rir-se da minha rabeca? Anda cá menina que elles não te entendem!...

E beijava-a repetidas vezes, balouçando-a contra o seio, acariciando-a como terna mãe acaricia um filho. Isto dava sempre bom effeito, alegrava os ouvintes, tornava-os communicativos e contentes. Para que todos bailassem, o cego, tocava-lhes a *Canninha verde*, a *Maria Cachucha*, o *Afasta janota, arreda*, e os rapazes acercavam-se das raparigas, formando logo a roda.

Se o Carvalhosa presenciava, nunca deixou de dizer com sorriso de consentimento e um dedo no ar:

—Moços! juizo, ouviram? Muito juizinho.

Agora que andava de terra em terra, a força de sympathia e attracção do José Domingues dilatou-se por muita gente. A sua pequena estatura, a magresa do corpo, a expressão terna, o olhar fixo e indefinido sempre voltado para a luz, a delicadesa natural e a suavidade das suas fallas, a inspiração muitas vezes caudalosa e atormentada da sua rabeca... tudo se fixou na imaginação collectiva,

com traços vigorosos e duradoiros. Elle é que levava pelo mundo a sua fama. Todas as terras o estimavam e queriam a ponto de se fallar com antecedencia da vinda do cego de Guardiam, que tinha epochas determinadas e fixas, para os diversos pontos da provincia. Se tardava uma semana, isso era logo motivo de reparo. Preoccupavam-se com a ideia de que estivesse doente e nem queriam suppor que tivesse morrido. O seu apparecimento era considerado como o das aves cantoras na primavera, que preannunciam os bons dias e as flores. Por isso era recebido com verdadeira satisfação este portador de novas canções e, principalmente as raparigas do povo, saudavam-no com alegria espontanea e sincera. Parava a conversar com pessoas de diversas cathegorias, e sempre lhes narrava coisas novas em que os interessava pela simplicidade da sua palavra.

Estas jornadas, pelos ensombrados caminhos da provincia, começava-as no principio d'abril, quando os pampanos rebentam e parecem olhos de satyros a rir de todo o mundo. O inverno passava-o em casa, junto do lar crepitante, no meio dos sobrinhos, que lhe enchiam a alma de gosos paternaes. Havia magustos com estoiros de castanhas e o bom rascante, colhido nas videiras que lhe legara o tio frade. Havia a matança do porco e a consoada, que eram festas salutaes e bulhentas. A neve embranquecia os montes sobranceiros, a rispida nortada esfuziava, ás lufadas, pelo valle. Era preciso cada qual acercar-se da fogueira para assim ludibriar a furia dos elementos, que zombeteavam cá fora. José Domingues com a sua modestia bem provida do necessario, dizia aos sobrinhos, quando tinham medo do trovão:

—Deixa lá, é a musica do pae do ceu.

—Gosto mais da rabeca do tio Zé. A musica do pae do ceu, não presta—observou um de oito annos.

—É zabumba—considerou philosophicamente outro de menos idade.

A primavera fazia-o sahir de Guardiam acompanhado do Miguel. Tinham um jumento para levar o vestuario e o presigo dos primeiros

dias. Durante as chuvas, como os pintasilgos, tinha a voz amortecida. Só a fragancia do ar tepido e balsamico o fazia cantor. Sentia, como os que tem bons olhos, que a natureza se subtilisava para a festa grande da creação. No fermentar estrondoso das sementes que rebentam, estava a sua paisagem florida. As canções d'esta epoca, o *Regadinho*, o *Pintalhão* eram vivas, travessas e maliciosas. As do outono eram melancolicas, arrastadas e dolentes, sentindo-se no arco da sua rabeca certa preguiça, e o sentimento das vozes ternas, que vem de longe pelas corgas dos montes. Havia n'esses cantos, notas flutuantes que pareciam folhas amarellentas vagueando no ar, impellidas pelo rigido nordeste. Se na volta d'um caminho percebia alguma cantiga sahida de pinheiral rumuroso, parava escutando e, ás vezes, rebentavam-lhe lagrimas. Aproximava-se o tempo de recolher a casa, ás consolações da familia. Lá voltava a Guardiam com a imaginação cheia de lembranças alegres. No logar era festivamente celebrada a sua volta e, rindo e chorando, José Domingues abraçava com effusão e verdadeiro prazer todos que se lhe approximavam. Dançava, pulava, atirava o chapéu ao ar, como uma creança!

É que se sentia entre corações d'amigos.

N'um d'esses periodos d'inverno, que passára junto dos seus, ouviu ler na gazeta que o padre Carvalhosa emprestava ao mestre-eschola de Guardiam, que estava em Lisboa e talvez viesse ao Porto e a Braga um rabequista celebre a quem chamavam pomposamente o «primeiro violinista do mundo».

—Olhem que não tocará melhor que o nosso José Domingues—affirmou entusiasta e patrioticamente o professor.

—Ora, senhor José Fortunato, nem diga isso. Eu, um pobre estúpido, posso lá!...—respondeu com modo agradecido.

—Deixa-te de tolices, homem. Olha que eu com os sessenta e cinco que já conto, nunca ouvi como Frei Gonsalo. E já fui uma vez a Lisboa, com o fidalgo de Refuinho, quando elle era vivo.

—Lá isso, maior que meu tio, não acredito que haja. Devo-lhe a alma que tenho—confessou commovido.

José Fortunato ainda acrescentou:

—Olha que lá as meninas (as de Refuinho) estiveram no Porto com o tio general. Presencearam por lá grandes coisas e disseram-me que antes queriam ouvir o José Domingues.

—Isso são umas santinhas. Eu sou um pobre cego, não sei nada, senhor José Fortunato.

—Não sabes nada? Sabes tudo, tens d'isto—rematou o mestre-eschola, batendo uma punhada sobre o coração.

O mais velho dos sobrinhos do cego, comprehendendo tudo pelo instincto, atirou a carapuça ao telhado, gritando:

—Viva o tio Zé Domingues e a sua rabeca!

—Viva! viva!—acompanharam os outros.

Mas o rabequista, ficou a scismar no que seria, essa maravilha tão apregoada pela gazeta. Que poder, que attracção teria no seu arco, esse homem que era superior a todos os que havia no mundo! Na sua mente ingenua, apresentou-se logo uma figura aureolada de

sol, dominando a multidão dos admiradores que o applaudiam. Um publico de fidalgos e mulheres ricas é bem differente do seu, que era rude e casual. Haveria fragor de enthusiasmo, comprehensão vasta n'esse theatro em que as luzes faziam sobresahir a opulencia. A apotheose alargava-se até aos confins da terra e o artista victoriado levantava-se até ás nuvens... A alma calorosa do cego de Guardiam, sentia-se enebriada com esse imaginado triumpho, a commoção manifestava-se nas lagrimas que lhe apontavam. E batendo uma palmada no joelho disse com resolução:

—Pois ainda não hei de morrer sem ouvir uma coisa d'estas!

N'esse momento chegou o Miguel Tinta a quem perguntou:

—Queres tu ir comigo a Braga ouvir o tal home?! Talvez se lhe possa tirar alguma coisa.

Sempre fora este o seu processo d'aprender e progredir. Musica que ouvisse logo lhe ficava. Tinha no Porto e em Braga, quem lhe arranjasse versos apropriados. Ás vezes mesmo, lhe ministravam musica e lettra, o que valia oiro sobre azul. Entrava em todas as egrejas onde ouvisse tocar o orgão e era assiduo perto das bandas militares, quando soubesse que tocavam em publico. Se qualquer musica lhe calhava, elle e o Miguel tractavam logo de lhe applicar versos dos que sabiam e assim chegaram a popularisar canções, como aconteceu áquella que principiava:

Veja lá menina
Se levanta a saia

.....

a qual toda a provincia decorou. Algumas vezes aconteceu aristocratisarem-se as suas modas até chegarem ás salas de provincia, e então José Domingues ouvindo-as celebradas em piano dizia com orgulho:

—Vê lá Miguel. Aquella trouxe-mol-a nós.

A noticia que ouvira ler na gazeta do padre Carvalhosa, sobressaltou-lhe o coração, cheio de enthusiasmo pela musica. Era rigoroso dezembro; o frio enregelava as carnes; as neves cobriam os montes; o ceu, estucado de nuvens côr de lama, tinha uma immobilitade sombria. Os caminhos estavam intransitaveis, muita gente lhe aconselhou a não fazer a jornada; mas elle, logo que soube que o afamado rabequista chegára a Braga, resolveu o Miguel e partiram. Era como uma peregrinação religiosa. De tempos a tempos, José Domingues soltava seus ais admirativos e dizia para o companheiro:

—Mas como será este home, que é o primeiro rabequista do mundo?

Miguel observou scepticamente:

—Quem sabe lá! Isto de gazetas, consentem o que lhe põem.

—Não, não. Deve ser coisa de respeito!—considerou absorvido na sua ideia.

Logo á entrada da cidade, perto da egreja de S. Vicente, procuraram um estudante de Guardiam, com o fim de lhe pedirem esclarecimentos. Souberam que tudo quanto se dizia era verdade, que o senhor arcebispo, tendo escrupulos de ir ao theatro, convidára o famoso artista para tocar n'essa noite no Paço. O estrangeiro accedera, para conquistar as sympathias do prelado e do publico.

—Ó senhor Joãosinho—supplicou José Domingues—eu queria ouvil-o. Não me poderá arranjar um buraco no palacio do senhor arcebispo? Eu arrumo-me em qualquer parte. Um buraco que seja, menino.

Não foi difficil obter esta infima posição. O estudante era amigo d'um famulo de sua excellencia, o qual pôde esconder o cego n'um vão de escada, proximo do logar onde se realisaria o concerto. José Domingues levou comsigo a rabeca, pois desejava apertal-a sobre o peito para melhor comprehender a musica. Tiveram de o introduzir de dia, n'um momento conveniente para não ser presentido. Durante umas seis horas, esperou que chegasse o instante. Encolhido,

quieto, respirando brandamente para não dar rumor de si, alli se conservou. Perto da noite, accometteu-o uma sede furiosa, que supportou heroicamente, sem o menor arrependimento.

O famulo que alli o introduzira, veio n'uma furtadela perguntar-lhe se estava bem e o cego respondeu agradecido:

—Ricamente, meu senhor. Só tenho uma sêde!...

Satisfeita esta necessidade ficou n'um paraizo. Momentos depois entrava tudo quanto havia de selecto na sociedade bracarense. A alta clerezia appresentou as suas familias respeitaveis. O general, o governador civil, o commandante do 8, o juiz de direito, administrador do concelho, delegado, professores do lyceu, trouxeram suas esposas e filhas. Ondulava um murmurio de vozes e de sedas, e José Domingues ouvia pronunciar nomes consagrados, que toda a vida respeitára humildemente. Isto augmentou no seu espirito o valor d'aquella festa, tornando-a imponente. Era um deslumbramento e um ceu aberto o que principiava a despontar na sua imaginação. Agarrado a sua rabeca, apertando-a contra o seio, estremecendo-a como se fora um ente animado, estava commovido. Ia-se verificar a apotheose d'um seu irmão, e elle identificava-se com a gloria do artista que não conhecia. Entrou o prelado. O cego deu conta d'esse facto pelo recuar de cadeiras e pelos cumprimentos. Pouco depois chega o rabequista e a curiosidade da parte dos assistentes produziu um sussurro maior, que immediatamente se acalmou, seguindo-se um silencio de mar que se esbate sobre a areia.

Logo que os primeiros sons da rabeca encheram a sala, a alma de José Domingues sentiu-se arrebatada para um horisonte largo. Dos seus olhos sem vista, irradiaram fulgurações d'uma belleza sideral. Erguendo-se no amplo espaço com a pujança d'um crente, a sua imaginação livre, vagueou na larguesa sem fim, n'um redemoinho d'harmonias, que o impelliam como ligeiro farrapo de nuvem. Toda a miseria terrena desaparecera para elle. Não estava n'um buraco, como cão despresivel, socio e companheiro de ratos: aos seus olhos apparecia um amplo salão, ornamentado de

riquezas e de mulheres formosas. Esquecera-lhe o rouco uivar do vento sobre a telha vã da sua pobre casa, os caminhos enlameados e cheios de poças, os encontros por vezes desagradáveis da sua vida de tocador.

Quando a rabeca tinha momentos alegres, extravagantes, buliçosos, José Domingues ia indo n'aquella toada e vinham-lhe á mente coisas loucas e pueris: dançava em volta d'uma fogueira, abraçava as raparigas que lhe fugiam aos gritos, ouvia repiques de sinos, e ao longe, a multidão festival passava para a romaria. Se era a dolencia das musicas hespanholas, entranhadas de sentimento arabe, expraiando-se brandamente, como as mansas aguas do Mediterraneo, os seus nervos sentiam uma paz infinita, quasi um torpor. A visão paradisiaca d'uma primavera só formada de cantos de passaros e de perfumes d'hervas e de flores, como elle a contemplava n'esses momentos, era mais intensamente bella do que a paisagem das amendoeiras e dos campos cheios de trevo e de malmequeres brancos.

Mas o seu pendor, a tendencia da sua alma, era para todos os trechos lacrimosos, d'uma plangencia terna que se abrissem largamente em espaços constellados. Não valiam tanto os rouxinoes e os melros no meio silencioso das mattas, e o rio murmuroso ladeado de choupos. Corriam-lhe em fio as lagrimas e apesar dos applausos dos ouvintes, José Domingues sentia que elles não comprehendiam bem aquella musica. Se elle pudesse, entraria de joelhos na sala, para beijar os pés do grande artista mostrando-lhe a sua admiração, n'um chôro copioso e entusiasta! Rastejar pela terra como humilde verme, era o modo que a sua rudeza achava bastante expressivo, para glorificar aquelle seu irmão. Porque não procediam assim esses homens que o ouviam? Vinham-lhe suffucações de colera contra os que se não levantavam em extasis d'um entusiasmo viril e ardente como o seu. É que não tinham alma para sentir. Elle humilde, obscuro, rude, apertado entre as paredes d'aquelle buraco, era-lhes superior, comprehendia o que elles não podiam comprehender, tinha em si um thesouro, que nem todos os thesouros da terra podiam egualar. Vibravam-lhe no cerebro os echos d'aquella musica, a sua commoção era grande, os

soluços que não podia evitar apanhava-os nas mãos para não serem percebidos, com medo de perturbar aquella musica celestial!

Todos estes sentimentos augmentaram de intensidade, e no coração repercutiram-lhe os fremitos magestosos d'uma epopeia, quando os primeiros accordes da «Ave Maria» de Gounod se fizeram ouvir. Na sua imperfeita comprehensão, não se destringavam claramente as bellezas accumuladas no famoso trecho. Vinha-lhe tudo em globo, tumultuariamente, como se a lendaria figura da morte o arrebatasse n'um instante, levando-o por ermos desconhecidos, onde a sensibilidade fosse outra. N'aquella ondulação luminosa d'harmonias, sentia-se crescer, venciam espaços incommensuraveis, passava gloriosamente sobre altos montes, ia em rapido vôo sobre o mar tormentoso, para no fim parar em regiões serenas formadas de luz e melodia. Arrepanhava as carnes procurando a realidade na manifestação da dôr; mordida os punhos a ponto de fazer sangue; queria gritar e não podia; agarrava-se energicamente á sua querida rabeca, n'uma effusão de ternura e o seu coração não se apasiguava nunca! O canto angelico e suave crescia em profundidade, augmentava em area—era como uma palpação infinita. O cerebro de José Domingues enchia-se de carinho, o enthusiasmo suffocava-o, anniquilava-lhe as forças. E lá era levado de novo, subindo até ficar sobranceiro ás nuvens, conhecendo instantes de paz e de tortura, chorando, sorrindo, estorcendo-se no chão como uma cobra ferida.

Os bravos e as palmas d'esta vez foram mais estrondosos. Prolongaram-se porque era o agradecimento final. Porem, todo esse ruido não pôde dominar um doloroso grito, forte como se sahisse do peito d'Othello n'um arranque de ciúme, meigo como se fora o ultimo queixume da rola Ophelia.

Ficaram rapidamente silenciosos e perplexos os espectadores. Um soluçar ancioso continuou e para o logar d'onde elle vinha se dirigiram as pessoas interessadas em tamanha dôr. N'aquelle

buraco escuro, de bruços sobre a rabeca que esmigalhára, estava o cego de Guardiam, que não poderam mais chamar á vida!

Janeiro de 86.

A VELHICE D'UM REI

Sentado na larga poltrona de seda azul, o monarca conversava em voz pausada e lenta. Uma graciosa imagem da Virgem, talhada em marfim, por desconhecido artista da Renascença, dava-lhe ensejo de explicar a velhos amigos, como conjecturava, que teriam trabalhado aquelles talentos singulares, creadores de tantas maravilhas. Tenuissima nuvem de paz, de conforto, de luxo estudado, pairava sobre este ambiente, tornando-o em região intermedia á riqueza mundana e á severidade do gabinete d'um sabio obscuro. No rosto sereno do rei, havia o orgulho do nascimento e a tristeza propria dos annos. A sua longa barba branca, objecto de veneração em todo o paiz, era até commentada entre a gente rude dos campos. Quasi a tinham como symbolo de orgulho nacional, pois com jactancia affirmavam não haver outro rei com barba tão longa, tão linda e tão branca.

A vaidade das coisas realengas—orgulho natural nos paços doirados, sentimento peculiar dos que soltam os primeiros vagidos sentados n'um throno—diziam que a não tinha. A abnegação e o desprendimento de todas essas pompas eram-lhe attribuidos com meiga sympathia entre as classes populares, que são as que melhor comprehendem as inclinações democraticas. Elle abdicára em seu herdeiro o poder de que disposera durante muitos annos e havia praticado esse bello acto sem ostentação e logo que o principe chegára á maioridade. Adquiriu a liberdade de homem, entregando-se ás suas collecções artisticas, aos prazeres da caça e á conversação intelligente. Perdia-se dias inteiros na espessura das mattas reaes, sempre poeta, contemplando a luz e vivendo intimamente na absoluta natureza silenciosa. Para ser um bom rei, querido e estimado, até muitos o diziam generoso e esmoler.

Porém, nem todas as pessoas tinham esta opinião benevolente. Alguns revelavam que fazia sentir as suas dadivas, fallando d'ellas. Censurava os gastos de muitos que os não podiam fazer, tinha a

opinião de que a sua bolsa não era inexaurível. Egoísta e reparador—chamavam-lhe. Desfazia com palavras, alguma generosidade que praticava. Apontavam como impropria, a ponta d'avareza que esboracava o manto real. Um soberano amesquinhasse fallando de coisas tão vulgares. Era o que faltava que procedesse d'outra fórma. Não fazia o povo muito mais pelo rei, do que o rei pelo povo? Qual era o azeite e o vinho que produziam as extensas coutadas que a nação lhe dispensava para os seus divertimentos?!...

Depois a velhice tornara-o rabujento. Os camaristas para lhe entreterem as insomnias, tinham de colher ou inventar episodios escandalosos. Era fatigante a sua exigencia nos detalhes e torturava-os com repetições. A surdez obrigava-os a servirem-se da corneta acustica para lhe fallarem. Havia perguntas e respostas disparatadas, situações grotescas que depois se desfaziam em motejos nas ante-camaras. A consciencia d'estes factos entristecera-o e só a muito custo lhe tiravam um sorriso, um ar de approvação. A sensibilidade embotára-se-lhe com a velhice e só historias picantes, difficeis de inventar, conseguiam distrahir-o.

A rainha,(tratavam-na assim por deferencia, só dentro do palacio) esposa morganatica do rei, senhora ainda forte, saudavel, com vida para gastar, abandonára-o n'este periodo de doença, sob pretexto de que elle estava mais satisfeito entre os seus amigos. A falta d'um contacto feminino, que lhe enternecesse a organização, fizera variar aquella sensibilidade que fôra delicada e exigente. Só episodios burlescos, onde apparecessem mulheres adúlteras, maridos comicamente trahidos, creadas servindo intrigas amorosas, homens escapando-se de gatas por telhados... é que lhe enchiam o vasio das longas insomnias. Alguns dos seus camaristas eram rapazes de sangue ardente, creados n'uma vida ociosa e delicada. Passavam um aborrecimento n'aquelle palacio de grossas muralhas. O que lhes valia era a conversação das companheiras da rainha, senhoras formosas, muitas gentis, todas de uma educação esmerada. Desanuviavam-se reciprocamente d'aquella vida pautada e monotona, fazendo má lingua, fallando da sociedade com a

liberdade de parentes e camaradas. Um ou outro de apetites mais grosseiros, preferia abraçar nos corredores sombrios as simples creadas, mulheres de carnes saudáveis, sangue plebeu e revoltado, que encham a existencia d'alegrias. As provas de tão insignificantes delictos estavam nos beijos a cantar na escuridade, nos vultos a fugir cautelosos, nas palavras de carinho apanhadas avulsamente n'um perpassar rapido.

Um dia, o medico de serviço approximou-se do rei para lhe tomar o pulso. A um contrahir facial de suspeita do facultativo acrescentou o monarcha:

—Não passei muito bem a noite, não.

Tivera soffucações, maus sonhos, um dormir inquieto. O doutor applicou-lhe demoradamente o ouvido á região cardiaca, concentrou-se n'um raciocinio e quietou o doente com o sorriso profissional. Nervoso, talvez a maldita dyspepsia—esclareceu.

Porém logo se dirigiu aos aposentos da rainha a informal-a da gravidade e adiantado da molestia. Poucos minutos levou, para o mais humilde serventuario do palacio saber que o soberano padecia d'uma lesão. Era coisa já antiga e sómente os ultimos gelos a tinham aggravado. Congestões abdominaes e no figado haviam obrigado aquelle velho coração a empregar, nos ultimos tempos, um grande esforço para impellir o sangue até aos confins do corpo. Um coração delicado de rei, batendo sempre moderadamente debaixo de lendarios arminhos, logo que sentiu resistencia ao seu poder, entristeceu; principiou a condescender, a sobrecarregar-se; dilatou-se; adelgaçou... e a terrivel aneurisma estava proxima a romper-se.

—É como se o monarcha, sentisse contra o seu poder providencial a revolta dos seus vassallos—comparou o medico, com delicadeza de phrase.

Tal acontecimento impressionou diversamente. Não havia unanimidade de sentir, nem de crença. Todos viam que o rei continuava a conversar na sua voz pausada e fidalga. O doutor era homem sabio e respeitado, mas podia enganar-se.

—A sciencia humana—disse um velho de sorriso sceptico—é fallivel. «A mais aguda, segundo o poeta, é ignorancia cega ante a divina». O aspecto de sua magestade não é para sobresaltos.

—E a idade?—argumentou outro.

—Sim, a idade é condição desfavoravel—rematou o primeiro.

Alguem notára, que nos ultimos tempos, o rei, outr'ora tão expansivo, se callava frequentemente, levando a mão ao peito quando desejava respirar mais fundo. Porém acreditavam ser o cansaço de estar sentado, o aborrecimento de viver no quarto e a tristeza da maldita surdez, que parecia não ter cura. Que se levantasse algumas vezes, que fosse até á larga varanda admirar a primavera que principiava a romper nos campos e veriam, como logo adquiriria vigor, como os olhos se lhe alegrariam.

Os do pessoal menor do palacio, que tanto como outros viviam da munificencia regia, preocupavam-se, para o caso da morte, com o theor do testamento. Alguns esperavam d'alli uma especie de liquidção vantajosa da propria fortuna; outros, mais reservados e scepticos, temiam não ser contemplados e perderem aquelle bom agasalho e santa ociosidade.

—Não nos fiemos em sapatos de defunto. Poderemos obter d'esta fórma o equivalente do que gosamos?—resumiam.

—Ah! não póde deixar de ser! Até seria uma vergonha se o não fizesse!...

Esse rico papel escripto pelo proprio punho do rei, diziam estar dentro d'um cofre de malachite, guardado n'um armario de ferro. Ninguém o tinha lido, a não ser talvez o primogenito e a rainha; mas para todos era um motivo de palavras humildes e risos captivantes, em face do doente. Este homem, fabulosamente rico, podia deixar a independencia social aos que eram pobres e accrescentamento de fortuna aos opulentos. E tinha de o fazer, se queria engrandecida e celebrada a sua memoria. Isto de reis são orgulhosos, mesmo quando o não parecem; teem a vaidade de que os lamentem depois

da morte, para se conservar a velha ideia biblica de que o monarcha é o pae, é o senhor, é o ungido de Deus!

—N'esse caso que o pague—concluïam.

Poucos dias depois do ultimo alvoroço ácerca da saude do rei, houve um acontecimento que impressionou. O doente não tivera, durante a noite, uma hora de somno tranquillo. Sonhara uma vida agitada de batalhas, sentira o sangue tumultuar-lhe nas arterias.

—Vejam lá, n'estes tempos modernos, eu a imaginar torneios e golpes de lança!—criticou elle mesmo.

O doutor foi de opinião, que lhe devia ter feito mal a visita d'um antiquario estrangeiro. A surdez obrigava o monarcha a grandes esforços na conversa. Durante perto d'uma hora os dois tinham discreteado ácerca de tempos passados, da belleza e encanto da vida d'outr'ora, artistica e batalhadora, despreoccupada e cheia d'aventuras—bons tempos em que houve homens que foram simultaneamente guerreiros, poetas e artistas, como Cellini.

—Evite-me vossa magestade essas commoções. Ponha-me esses sabios na rua—recommendou o medico.

A mulher do rei foi claramente informada da extrema gravidade da molestia de seu marido. Senhora de ascendentes fidalgos, muito temente a Deus, conseguira enfileirar na familia do rei, por um abuso da força poderosa da sua belleza e da sua carne, sobre a organização já caduca do soberano. Tambem se fallava de influencias clericaes, que miravam a obter para certo instituto, parte da fortuna particular do monarcha. Todos entendiam que ella se prestára a aquecer os membros frios d'um velho, por simples vaidade de ser chamada rainha.

Amava a riqueza, a consideração publica, o fausto da corte e a supremacia entre as mulheres. A importancia da doença do marido, cuja morte para ella significava a perda de todas estas garantias e vantagens, assustou-a. O seu rosto de vivo que era, tornou-se tão composto e triste, que abrandou, no começo, a malevolencia de muitos que na corte lhe eram hostis. Ella que tanto amava os

theatros, os bailes, as corridas, os passeios de carruagem ao ar livre, em face das bellas paisagens illuminadas pelo sol, deixou de sahir logo que o mal tomou o character assignaladamente grave, e installou-se ao lado da poltrona onde o marido dormitava, ouvia os seus amigos, e arfava os cansaços da molestia.

Ella, ás vezes sob pretextos futeis pedia que a deixassem só com o rei. Condescendiam os camaristas, formando conjecturas, que nem sempre eram benevolas. Diziam que depois d'essas intimidades lhe notavam no rosto uma agitação febril, mal dissimulada. Accrescentavam que no semblante do rei, apesar da compostura calculada, apesar da respeitavel barba branca que lhe diminuia a expressão, apesar de reclinado na poltrona com as palpebras docemente cahidas... descobriam restos de fadiga e o aspecto d'um homem contrariado. Parece que se percebera n'um dia barulho d'altercação, parece que se ouvira depois um soluçar de mulher. A creadagem affirmava ter sentido beijos de esposos, palavras de colera, expressões de reconhecimento. Tudo isto não podia deixar de ser obra de testamento—entendiam. Os velhos amigos do soberano, sempre lhe tinham tractado respeitosamente a mulher, indicando, ainda assim, na friesa e polidez dos cumprimentos, que a não estimavam. Na ausencia chamavam-lhe intrusa, ambiciosa, desnaturada, pois abreviava os dias do doente com mortificações, e até a sua notoria religiosidade, tomavam como impostura.

A molestia progredia a olhos vistos, e já a ninguem era licito desconhecer o proximo termo d'aquella vida d'opulencia. O proprio doente disso estava convencido e quando lhe diziam palavras d'esperança sorria com amargura. As ancias, as suffocações, agora mais frequentes e incommodas eram um desmentido claro. A oppressão no peito dava-lhe um sentimento de homem repleto. Os beijos engrossavam todos os dias, as olheiras eram fundas como a sombra da noite, as palpebras pesadas e adormecia facilmente como um bebedo. Este homem nascido em berço d'ouro, esta imaginação educada e aberta sempre n'uma atmosphaera de delicadezas, repugnando-lhe as miserias asquerosas d'uma doença

prolongada, começou a ter pelo corpo de que fôra tão vaidoso, um desprezo invencível. As suas pernas estavam grossas como rudes troncos de carvalho, o ventre volumoso chocalhava como um barril mal cheio, e, segundo lhe segredava a memória, devia conter um liquido viscoso, semelhante a baba d'animaes. Preferia ter uma doença de cruciantes dôres. Devia haver molestias para reis, molestias limpas, que fossem o logico terminar da vida das grandezas. A cabeça recostada no espaldar alto da cadeira, o roupão de seda a arfar-lhe sobre o peito, fechava voluntariamente os olhos para fugir á vil realidade e entrar n'um mundo ideal de lembranças dignas. E parecia conseguil-o, pois havia momentos em que o seu rosto era d'uma paz e duma tranquillidade de stoico.

Viveria em imaginação no seu passado?

Fôra criança e logo na idade em que o cerebro começa a perceber viu-se rodeado da consideração, que pode gerar o orgulho —velhos fidalgos iam-lhe submissamente confiar as suas barbas, para que o principe as tomasse como brinquedo. Tinha sido entregue depois a professores, que sobre elle exerciam uma auctoridade parecida antes com a obediencia. Quando cavalleiro, gentil e vaidoso, o fanatismo de todas as mulheres, gosára amores defezos, que tanto o divertiam pela posição do homem enganado. Subiu ao throno, e viu curvadas diante de si, as illustrações do sangue e da sciencia, homens de renome que só d'elle, do seu tradicional poder, deviam receber a consagração. Aborrecido do mando, com o egoismo proprio da velhice, abdicou, creara novos prazeres recolhidos, encontrára ainda uma formosura que o amára, sentira-se remoçado e contente durante certo periodo...

Porém n'outros momentos vinham-lhe subitas crispações faciaes significativas de desgosto. É que sentia o desabar de todo esse mundo, como desabam as montanhas n'um rancoroso terremoto. Tinha, ás vezes, a sensação de que um largo alçapão se abria na terra e o engulia para uma escuridade absoluta e eterna! Era homem como os outros. Diante da miseria da carne estava nivelado com a plebe mais infima. A corôa, o sceptro, a auctoridade real, os

gosos da intelligencia, nada faziam para que tivesse um fim grandioso.

Felizes só os reis antigos, mortos heroicamente nas batalhas medievas, atravessando inimigos com lanças reluentes e acabando entre maldições e hymnos de gloria! A sua imaginação dolorida apresentava-lh'o ainda mais repellente do que estava, o rosto espapaçado—palpebras entumescidas e cyanoticas, beiços grossos e olhar sem brilho. Vira-se uma vez ao espelho e ficara horrorizado de si mesmo. Despresava-se com nojo.

Sobre todas as ironias da carne, vinha ainda a preversidade dos vivos cubiçando-lhe os haveres. A mulher queria um testamento que lhe fosse absolutamente favoravel. Era o legitimo preço da sua belleza e da sua fresca mocidade, que elle estragara com beijos senís. Ao calor emprestado pelo sangue da donzella, devia o rei o prolongamento d'uma vida arruinada. Os filhos questionavam os seus direitos, com razões de casta, ligando-as a interesses d'Estado. Fallavam das tradições de familia; da abundante riqueza que era preciso ostentar, para se imporem pelo fausto, como já se impunham pelo nascimento. Porém elle tinha amigos fieis, companheiros dos enthusiasmos juvenis; creados cujos aturados serviços mereciam uma recompensa, uma lembrança no supremo instante da despedida. A exigente consorte queria tudo para si. Cá regularia todos esses deveres como entendesse. Só assim poderia sustentar o respeito e consideração publica, continuando na sua mão as dependencias que até alli tinham sido do rei. Exhorava-o com beijos, com palavras acrimoniosas, com ameaças sobre a sua memoria.

Como meio de sahir de taes amarguras, o monarcha lembrou-se do suicidio. A razão aconselhava-lhe a findar o mais depressa uma existencia assim despresivel. Seria um acto cobarde?!... Entre o soffrimento e o gozo passa-se toda a vida humana. Quem não póde lutar desaparece d'arena—pensou resolutamente. Ia furtar-se a muito desgosto, a sentir o difinitivo escorrer do seu corpo, que já era massa inerte, alastrando-se pelo chão. Ia poupar-se a afflicções,

não queria supportar o peso d'aquellas pernas inchadas, não queria ouvir por mais tempo o chocalhar dos liquidos no ventre, o que lhe dava a ideia de que elle era um desprezível odre, caminhando no dorso d'um macho.

Que bella noite, serena e calma! Uma lampada de Sèvres, espalhava no amplo quarto uma bruxuleante claridade. A rainha recolhera-se aos seus aposentos. Alguns camaristas, medico e serventuarios, vigiavam os restos d'aquella vida. Quando a apparencia d'um somno tranquillo se espalhou no rosto do doente, todos se retiraram para as salas proximas. O rei sentiu-se bem, só. Calculou que todos estariam despreoccupados da sua pessoa. Convencido d'isto, teve um sorriso de triumpho! Logo tentou erguer-se, fincando as mãos nos braços da cadeira. Mal se pôde mover! Estava entorpecido, o corpo pesado, a sensibilidade ausente. Terrível e severo desgosto foi o seu, quando se viu nas condições de semelhança com um sapo hydropico! Reagiu corajosamente contra a inercia dos musculos e, n'este esforço de dignidade suprema, conseguiu levantar-se. Mas logo se sentou, para não cahir. A colera do seu espirito tomou proporções formidaveis, como o vento que arrasa florestas. Concentrou no combalido coração o antigo vigor da juventude, toda a coragem da mocidade. Queria supplantar este phantasma da impotencia, que se levantava deante dos seus olhos. Passando da cadeira a apoiar-se no rebordo d'uma meza, depois na hobreira da janella, apanhou a bengala de castão d'ouro e pedras preciosas, que lhe mandára de presente um papa, e conseguiu firmar-se em pé. Deu alguns passos cambaleantes; mas parecendo-lhe ouvir um rumor, parou de subito. Não era ninguem. A sombra do seu corpo projectada pela tenue luz estendia-se no pavimento, tremula de susto.

Oh! fraqueza, oh! implacável miséria humana! Este senhor poderoso, esse phantasma movendo-se tropeço e cauto no silencio da noite, é o proprio Luiz XI aterrado diante das visões do seu cerebro! Foi-se abeirando, tímido e com passo incerto, d'uma pequena estante entre duas janellas. Lançou mão d'um objecto que metteu no bolso do *robe-de-chambre*, furtivamente, como homem

que andasse a roubar. N'esse momento a estante oscilou, o barulho attraheu um creado.

—Não preciso... não chamei...

Tremia de medo, como creança encontrada n'uma travessura. Veio o medico e o camarista. Approximaram-se, ampararam-no até á cadeira, e reprehenderam-no amoravelmente.

Desculpou-se com palavras de humildade e sujeição.

Tentára esta experiencia para vêr se podia andar, sem o auxilio de ninguem. Querendo inferir, por si mesmo, da força e vigor de que dispunha, era necessario mexer-se no quarto só, sem que o vigiassem. Ainda estava vigoroso e forte—affirmou. Sentia-se com vida para muito tempo.

Fortificaram-no n'esta ideia; porém retorquiam que fôra temeridade o que acabava de fazer. Podia ter cahido, dar com a fronte na esquina de uma cadeira e isto ser-lhe fatal, no estado de fraqueza em que ainda estava. Assim se interromperia uma boa convalescença, assim adquiriria novos padecimentos que podiam ser mais graves, muito mais graves do que os actuaes.

Concordava em tudo, sorrindo. Porém, a tentativa, visto não ter dado mal nenhum, estava contente por tê-la feito. Atravessára o quarto sem auxilio, e era isso que até alli suppunha impossivel. Talvez no dia seguinte fosse ao gabinete contiguo, depois á varanda e finalmente ao jardim.

—Poderei experimentar doutor?

—Com precauções, meu senhor, com precauções.

Discorreu ainda, com serenidade, alguns minutos. Estava evidentemente melhor, mais desafogado. Aquella experiencia tornára-o communicativo e alegre. Conseguira ter vontade de dormir. Parecia-lhe que ia gozar um somno regalado e sereno. Os olhos estavam com tendencia para se fecharem. Que o deixassem só é que desejava.

—Mas vossa magestade...

—Não me levanto mais—atalhou. Palavra de rei.

Sahiram. Tudo ficou em paz e tranquillidade. O rei conservou-se largo periodo immovel, os olhos fitos n'uma armadura que estava de sentinella a uma porta. Concentrou toda a força dos sentidos, para reconhecer que o não vigiavam. A manhã surgia do infinito dos tempos. Os passaros começaram a chilrear nas acacias do parque. Ouviu-se o cantar lento e monotonico do velho jardineiro, que por entre as flores regougava melopeias do seu paiz. Levantava-se, subindo e alargando-se como um nevoeiro que emerge d'um rio, o sussurro que fórma o dia—mistura de muitos sons. A criação universal ia engrandecer-se com um novo impulso do sol, n'este formoso dia de primavera.

O rei tinha uma expressão firme de tenebrosa coragem. Tacteava com perspicacia, para encontrar no braço esquerdo o signal d'uma sangria, que em moço lhe haviam feito, pela queda d'um cavallo. Na mão brilhava-lhe uma pequena lamina de Toledo, obra de esmerado artista, com multiplicadas linhas d'oiro encrustadas em ferro. Abandonava riqueza e fausto, sentia-se podridão e lama! Com a indomita coragem dos altivos e dos desventurados abriu a cicatriz quasi apagada. E enquanto esse sangue de rei escorria, gottejando no chão, o moribundo encostou a cabeça no espaldar alto da poltrona e com um sorriso de amargura, disse suspirando:

—Acabou-se.

Penderam-lhe os braços, a cabeça rolou para um lado, todo o seu corpo foi entregue ao supremo desleixo da morte!

O segredo d'este acontecimento conservou-se nos intimos do palacio. O medico, ao contemplar o cadaver inerme, com a ideia nos soffrimentos que ainda estavam reservados ao monarcha se continuasse a padecer, concluiu:

—Foi melhor assim!

Lisboa, janeiro 85.

A MULHER DE LUCAS

Diga-nos, então, como foi essa historia do seu casamento; como é que a sua mulher fugiu de casa.

—Ora... não fallemos de coisas tristes. Eu já lh'o contei e o senhor bem o sabe. Compram-me uma cautella?

—Mas desejo—insisti—que este meu amigo oiça tudo da sua propria bocca...

Sorriu, olhou interrogativo para nós ambos e perguntou:

—Porque? Este senhor conhece-a?—E mudando para um tom energico e quasi enfurecido:—Sabe onde ella mora?

Fizemos-lhe signal negativo, e Lucas retomando a sua expressão habitual de paciencia e doçura disse:

—São coisas de que me não quero lembrar. Lá vae, acabou, leve o diabo paixões e mais quem com ellas engorda. Aquella mulher andou muito mal comigo... Eu fazia-lhe tudo quanto ella queria, dava-lhe muita libardade... Foi talvez por isso que recebi o pago que tive...

—Alguem que a desencaminhou... alguma companheira...—insinuou o meu amigo.

—Ná... ná... sempre teve aquella queda. Era muito chibante e espirituosa, não era senhora para mim. Foi uma asneira... Passou—resumiu tristemente.

—Tambem não é tanto como diz. O Lucas estimava-a, e não se póde dizer um velho—consolei-o.

—Ainda assim tenho mais vinte annos do que ella. Mas não fallo n'esse particular. Não era senhora para mim, que sou um bruto. Uma raparigona alta, bonita, bem feita, creada n'um collegio aqui de Lisboa, sabendo francez e grammatica, toda perluxa e bem

fallante... não era casamento para o Lucas. A minha primeira, que Deus tem, é que estava na conta.

—Você também foi cahir em se casar duas vezes!—disse o meu amigo. Lá n'uma, tenho ouvido dizer, quem quer cae.

—Nem sei como isso aconteceu, meu senhor—confessou melancolico. Uma bebedeira que me passou na cabeça. Ha dias que melhor fora a gente apparecer morto na cama. Luisa, a minha outra, era uma dona de casa. Quando morreu fez-me falta para o negociosito, que eu tinha lá na terra. O contracto dos gados trazia-me sempre por fora; chegava a ir á Galiza comprar bois. Uma pessoa para me ficar no estabelecimento, era-me bem necessaria. Depois o achar-me só, em casa, principiou a dar-me para o figuedo, e sem uma companheira vivia triste como uma lesma. Até me lembrei de me afogar. Teria sido melhor—rematou olhando para o chão, a cofiar a barba reles.

—Pelo que vejo gostava muito da sua primeira mulher...

—Assim... Era muito doente, mas boa creatura. Quando morreu fiz-lhe um enterro de truz. Nunca lhe pude arrancar um filho, por mais dinheiro que com ella gastei em medicinas e promessas. Aquillo era molestia das entranhas. Morreu esmaleitada como a cera e magra como um guiço. Passei uma ralação, sempre a por-lhe cataplasmas e a dar-lhe chás de noite, por causa dos ataques. Dava gritos que acordavam a visinhança. Arrotoes que pareciam tiros de espingarda. O ultimo mez, não preguei olho e já não podia... Veio então a Joanna, a irmã d'ella, que me ajudou a levar aquillo até ao fim. Essa é que era boa mulher para mim: geitosa, perfeitaça, trabalhadeira e rija como o ferro. Mas tinha tido uma falta, com um rapaz que depois embarcou para o Brazil, e eu n'essas coisas sempre fui muito dos diabos.

—Pois, attendendo ao futuro, tinha sido melhor ter-se casado com essa sua cunhada—disse o meu amigo, presumindo já, que ao bom do Lucas, lhe haviam succedido coisas da breca.

—Oh! que se a gente advinhasse, quantas vezes melhor!...— exclamou como quem se sentia applaudido n'um pensamento secreto. E a coisa vinha a fazer-se, mais tarde ou mais cedo; porque eu bebia os ares pela moça. Mas logo a má sorte, me levou lá para a casa fronteira, o major com a sobrinha...

—Talvez filha—insinuei.

—Não—respondeu vivamente offendido—era de gente casada. Até creio que de familia muito nobre, cá de Lisboa. Pelo menos ella assim o dizia e acreditem os senhores que tinha geitos d'isso. Morreu-lhe o pae, a mãe e não lhe deixaram uma de X. Foi então que o major de quem eram parentes e quando ainda era capitão metteu, á sua custa, a pequena n'um collegio. Isso lá de educação e sabença, não acredito que haja outra que se lhe ponha adeante. O major depois adoptou-a como filha e trazia-a sempre comsigo.

—Nada ahi anda historia, ella era filha do major—insistiu o meu amigo.

—Não era—certificou com rosto circumspecto—não era, sério. Eu vi-lhe a certidão d'edade, quando se tirou a licença. Era de gente casada e até fidalga, diziam-no todos. Mas faltava-lhe dinheiro; porque o major para a educar, teve de pedir ajuda aos outros parentes. Mas deu-lhe um saber de truz. Eu nunca vi senhora mais distincta!—repetiu com ostentação.

—E depois o tal major, sabendo que o Lucas tinha o seu pataco, impingiu-lha.

Conservou-se alguns momentos silencioso e ar dubidativo. Em seguida esclareceu:

—São sortes. Elles vieram morar em frente da minha casa. As filhas d'um visconde que havia na terra, iam pra lá aprender o francez, o piano e a grammatica. Porque aquillo é uma senhora que sabe tudo—repetiu com vaidade. E bem fallante? nunca vi outra! Aquelles janotas iam conversal-a da rua para a janella e ella sota e az a todos. Que regalo de mulher! O delegado que lá estava ao tempo, disse deante de mim que em philosophias, não encontrára senhora como aquella. Vi muitos homens embasbacados a ouvil-a. E que homens! O desembargador João Xavier que era conhecido em toda a parte. Caramba! que mulher tão esperta!—pronunciou batendo uma palmada na coixa. Pena é que tenha a cabeça leve como uma folha secca.

—E vae, todo cheio de enthusiasmo, namorou-se da lisboeta...—presumi.

—Não senhor—esclareceu—nem tal me passava pela lembrança, se não fosse ella. Eu bem via que não era homem para aquillo. Ella é que principiou comigo de volta, a rir-se para mim, a espreitar pela frincha da janella, a fazer-me tagatés... Não sabia o que tudo isto queria dizer, palavra d'honra! Olhava para mim e via que não podia ser. Principiei a andar assim a modo de esquisito, a não saber o que tinha. Um dia diz-me ella, sem *tirte* nem *guarte*, que eu era um viuvo ainda muito geitoso. Fazem lá ideia! Logo que ouvi tal, d'aquella bocca linda como a maçan camoesa, e com a graça e espirito que ella tinha em todas as coisas, senti cá por dentro taes esfregações, que não fazem uma ideia! Caramba! até perdi o comer! Andava assim a modo de tonto, pesava as coisas tão mal na loja, que era uma risota. E então securas? Todo eu era um forno. De noite principalmente passava o tempo a beber agua e em vez de dormir vinha-me prantar á janella, com os olhos pregados na casa onde morava aquelle demonio tentador, que foi a minha desgraça.

—Era uma paixão—conclui.

—E uma paixão furiosa—acrescentou o meu amigo.

—Sei lá que diabo era! Foi uma grande bebedeira. Parece que me tinham dado alguma bruxaria a comer. D’ahi por diante nunca mais dei conta de mim. Não era Lucas Baptista que fallava, era outro homem. Tinha-a sempre diante dos olhos, quer de dia, quer de noite. As santas da egreja, inclusiva Nossa Senhora—Deus me perdoe!—pareciam-me feias em comparação d’ella. Um dia tirei-me dos meus cuidados e pilhando-a a geito na janella disse-lhe: «Uma casa sem uma dona é triste como um campo de milho sem sacho!»

—E ella entendeu-o?

—Sei lá! Deu uma gargalhada e sahiu da janella. Fiquei assim a modo de parvo. Se se tivesse rido de mim, se andasse a fazer chacota, é porque me ia deitar na levada da azenha e nunca mais appareceria. Mas voltou logo depois e com um sério muito sério, pôz o dedo no nariz a dizer-me que lhe não fallasse assim da rua, que lhe podia arranjar alguma fama. Eu então tive um baque no coração e disse de só para só: «Ella quer!» Logo que encontrei modo perguntei-lhe em segredo: «Deseja a menina ser a dona d’esta casa?» Mas quando estas palavras me sahiram da bocca, vi abrirem-se-me debaixo dos pés as chammass do inferno.

—Porque! Ella disse que não?—perguntou o meu amigo.

—Qual! Pois isso é que foi. O demonio da serpente tentadora, com uns olhos d’uma maganice que os senhores não fazem ideia, responde assim, para só eu ouvir: «Isso é com meu tio!» E sae da janella, indo tocar no piano uma modinha de que eu gostava tanto que até me fazia arrepios. Caramba! Aquillo fez-me cá por dentro tal arrepanho, deu-me tanta alma e coração, que desejava ter de meu o mundo inteiro, só para lh’o dar e fazel-a princeza. Podia lá ser! Um velho, um estúpido, que só sabia pesar arroz e bacalhau e contractar em gados, casado com aquella senhora, tão bem fallante e tão linda!... Eu só queria que os senhores conversassem com ella! Desembaraçada e litterata como aquillo não ha. Vá lá o mais poeta dar-lhe mote, sem vir com a cara a um lado! Os paes d’ella eram gente grauda cá de Lisboa e o tal tio, honra lhe seja, deu-lhe

educação de espanto. Ainda hoje lhe quero bem só por isso! A tal viscondessa de quem a D. Rozita do major, (era assim que lhe chamavam lá na terra) ensinava as filhas, era uma creada ao pé d'ella. Uma senhora de mão cheia, lá isso valha a verdade.

—O amigo Lucas sabe a historia da nossa mãe Eva e a da maçã que Adão comeu?—perguntei.

—Ouvi bastas vezes explicar isso lá ao abbade. Pois a gente não é de pau, é de carne e osso, caramba! Logo n'esse dia o major entrou-me na loja a comprar charutos. Era assim um home todo arroganças, sempre a retorcer os bigodes e a dar com o chicote nas calças. Ainda bem conservado, talvez uns dez annos mais velho do que eu. Chamei-o para traz d'umas saccas d'assucar, que lhe queria dar duas palavras, em particular. A minha loja era grande como um armazem! Fazia muito negocio e todos os mezes tinha pagamentos de duzentos, quatrocentos e mesmo seiscentos mil réis aos caixeiros do Porto, que iam ás cobranças. Ás vezes havia mais que um pagamento. Bah! nem me quero lembrar! Tudo perdi, por causa d'aquella má mulher, que foi a minha perdição. Nunca mais a tornei a ver, não sei onde diabo se metteu; mas se um dia a encontro, ainda perco a cabeça e chacino-a, como se faz aos porcos. Para mim hoje tanto se me dá da costa d'Africa, de morrer no Limoeiro, ou d'um tiro, como se me dá da primeira camisa que vesti—terminou com desespero.

—Mas o major. O que disse o famoso major?—perguntou interessado o meu amigo.

—Ora... uma lenga, lenga. Principiou macambusio, a retorcer os bigodes... Eu que nunca fui medroso, nem peço, pois muitas vezes venci a tiro os guardas de alfandega na raia, por causa do contrabando, tremia como varas verdes. Se elle me diz que não, espetava uma faca na minha propria barriga. Porém, não disse. Mastigou em secco... mastigou... que era o diabo; grande differença de edades; ella sempre tinha vivido com muita decencia, mas não tinha nada de seu; que eu precisava de outra mulher... E dava com o chicote pelas saccas do assucar, e encolhia os hombros e

passeiava d'um lado para o outro, sem atar nem desatar. Este aranzel puchou por mim e disse: «Ó senhor major, eu bem sei que a não mereço; mas se ella, assim mesmo como eu sou, me quizer e se eu tiver meios com que lhe conservar todo o luxo que tem, o senhor não diz que não?»

—Ora, agarrou-lhe com as duas mãos—entendeu o meu companheiro.

—Não é tanto assim! Que não tinha nada com isso. Tinha-a creado; mas não era sua filha. Demais já tinha passado a idade, podia fazer o que quizesse. O que lhe custava era separar-se d'ella.

—Ainda é vivo o major? perguntei.

—Não senhor, morreu d'um ataque, era um grande borrachão. Só o vinho do Porto que elle me bebeu lá da loja?! Ficou-me a dever mais de cem mil réis! Adiante. Por ultimo disse que sim; mas pediu-me quasi a chorar que a tractasse bem, que elle sempre a educára muito mimosa.

—Estava tudo resolvido.

—É verdade, uma infelicidade. A gente não sabe onde as tem armadas. Fomos casar ao Bom-Jesus de Braga e gastei mais de vinte moedas em tudo isso. Foi ella que assim o quiz. O tio major pilhou uma borracheira que chegou a estar de cama! Ao fim de tres dias voltamos para a terra n'um carro fretado ao Franqueira. Parecíamos uns fidalgos. Foi talvez o luxo que a perdeu, coitada, e a mim tambem—considerou com tristeza. Porque ella não era má, os senhores podem acreditar; mas o janotismo deu-lhe volta ao miolo, como acontece a quasi todas as mulheres, para mal dos maridos—concluiu philosophicamente.

—Não foi só isso, talvez—repliquei. Ora confesse, amigo Lucas. O outro era ahi algum rapaz novo e janota...

—Que!... Não senhores—interveio com vivacidade—um gebo como eu! Não me troco! Assim um gordo, de cara espapada e barbicha de cabrito. Não me troco. Essa é que é toda a minha

matação. Se Rosa fosse para onde algum rapaz novo e bem parecido... vá. Sou velho e não me tenho por home que a mereça. Mas para esse bruto com quem ella está! Ainda que eu viva cem annos, não me posso consolar! Que posição tem elle?... (interrogou-se). Uma logita alli para os lados de S. Paulo. Ora abobora!... O bicho mulher não ha ninguem que o entenda!

—Realmente não se percebe bem, a loucura de sua mulher—reflectiu o meu amigo. O senhor tractava-a mal, batia-lhe?

—Eu!? Eu bater-lhe?! O senhor está a caçoar comigo! Só o que queria saber é onde ella desejaria passar, para ir beijar o chão onde pozesse os seus pés. Fazem lá ideia! Aquillo para mim não era uma mulher, era uma santa.

E as lagrimas cahindo-lhe a quatro, Lucas acrescentou:

—Até é uma vergonha, o chorar ainda por aquella ingrata! Não está mais na minha mão.

—Então não comprehendendo—insistiu o meu amigo—como depois de o querer para marido, o regeitou.

—Pois eu comprehendendo muito bem, com sua licença. A questão é que ella casou comigo, para vir para Lisboa. Depois da bôda não nos demoramos quatro mezes lá na terra. Principiou aquelle demonio a atanzar-me, que não podia viver alli, que o negocio não prestava e como o tal tio já tinha morrido, metteu-me na cabeça, que aqui em Lisboa, eu podia ganhar mais dinheiro. Isto lá me custou, porque eu bem via ser uma asneira. Mas ella tanto fez e eu com este meu fraco por aquella sereia, não tive remedio. Viemos e os primeiros quatro mezes foi uma pandiga. Enguliu-se um conto de reis, em carros, em theatros e com amigos que logo arranjei no hotel da rua da Prata, onde estavamos. Muitos d'esses, hoje, nem me comprem uma cautela, só para me não fallarem. No fim d'isto eu que via sumir-se o dinheiro disse-lhe: «Mulher, as libras acabam-se, é preciso arranjar algumas.» Ella então teve a ideia de pômos uma loja de capellista, onde ella estivesse a vender, para chamar freguesia. Para chamar freguesia!—exclamou indignado e ironico.—

O que eu merecia era com uma moca no toutiço! A freguesia de que ella precisava sei eu! Era com um marmeleiro!

—Então foi ahi que ella...

—Não senhor. O tal gebo conhecemol-o á mesa do hotel e no theatro da rua dos Condes. Á mesa estava o machacaz em frente de nós, sempre a offerecer genebra ou vinho do Porto. Por isso, quando a gente arranjou a loja, que foi alli para a Sé, o janota lampana, não me sahia de lá e era dos melhores freguezes de charutos que a gente tinha. Fazia-se muito amigo e eu que sempre fui um simples, contei-lhe a minha vida e confessei que o negocio não dava para os gastos. No fim d'um anno pouco havia dos cinco contos que trouxera da terra! Pois elle, com um estadão como eu tinha, sempre de grande e á franceza, passeios aos domingos, carros, bailes de mascarar!... E querem os senhores saber?... Foi a desavergonhada (eu a este tempo, sou capaz de jurar sobre umas *Horas*, como ella ainda não era má mulher!) que me lembrou fallar com o Gonsalves (era o tal!) para elle me aconselhar alguma coisa, em que se ganhasse dinheiro. Fallei n'isso ao cara de demonio e logo muito prompto me disse que mettesse o que me restava em negocio de vinhos de Torres, que dava muito. Foi até elle que me arranjou conhecimentos. Por este motivo principiei a andar dias e dias por fóra de casa, por um lado e pelo outro, sempre n'uma fona.

—Ahi é que bate o ponto. O que elle quiz foi afastal-o para longe.

—Pois!... Eu nunca pequei por esperto. Penso que toda a gente é de boa fé, como eu!... N'esta coisa de cauteleiro em que ando, tenho aprendido muito. Hoje nem o mais pintado.

—O negocio de vinho fel-o perder a mulher e o dinheiro—raciocinou o meu amigo.

—Como diz; porque logo que, por uma carta anonyma, vim a desconfiar d'aquella ingrata peguei de vigial-a e para melhor o fazer vendi todo o vinho de repente e com perca grossa. Um dia disse-lhe: «Mulher, tem juizo, porta-te bem, olha que a honra não ha dinheiro que a pague!» Respondeu-me que não fosse tolo e voltou-me as

costas. Com o fim de estar perto d'ella, arranjei coisa para ficar em Lisboa. Uns amigos afiançaram-me em algumas casas de commercio, para eu andar a receber dinheiro. Ella ralhou-me por isso e disse que havia de ser grande o meu ganho. Eu respondi: «Para o que tu precisares nunca te hade faltar. Ainda que eu venda o meu corpo ao diabo, terás sempre para os teus alfinetes.» Sabem com o que me veio?: «Eu quero continuar a ir aos theatros e dar os meus passeios. Não hei de estar toda a minha vida mettida n'um buraco.»

—Tinha aspirações, vê-se.

—Tinha o diabo no corpo, é o que ella tinha. Eu não lhe merecia o pago que me deu. Trabalhava como um mouro, só para que ella tivesse tudo. Não havia chuva, não havia vento, não havia calor para mim. Sempre a correr por essas ruas e então que estás! Às duas por tres, cahia-lhe na loja como quem vinha de passagem e sabe Deus se não tinha dado uma carreira de Alcantara até á Sé, só para ver se havia alguma novidade. Os senhores riem-se? É porque não sabem o que isto é. Chegava todo esbaforido, o coração aos pulos no peito, e sempre com aquella mulher diante dos olhos a enganar-me. Não comia, não dormia descansado, um verdadeiro inferno!

—Afimal vê-se que gostava muito d'ella—insinuei.

Respondeu com vivacidade:

—Isso, mesmo cá de dentro. Tinha-me por força dado alguma bruxaria. E que mal me pagou! Já não lhe pedia que me tivesse amor. Bem sei que não podia ser, que sou um velho e um ninguém; mas não devia fazer o que fez. Na noite em que, morto de fome e de frio, entrei em casa depois de ter andado todo o dia n'uma roda viva, e não a encontrei, caí no chão como uma pedra. Tornei a mim, quando a vela do castiçal estava gasta. A casa em desordem, os baus e gavetas abertas, como se tivessem andado ladrões! Aquella mulher perdida não se contentou em me deixar, levou tudo quanto havia de bom, e fiquei com a triste camisa do corpo. Chorei mais do que quando morreu minha mãe! Durante tres dias, quasi

sem comer, nem beber, corri toda a cidade pelos botequins, pelas casas de pasto e restaurantes, pelos theatros com um revolve carregado a ver se os encontrava. Haviamos de morrer todos tres. A ella tinha vontade de lhe beber o sangue por uma tigela e a elle de lhe fazer a cabeça n'um bolo. Se os encontro havia de me vingar até ao fundo d'alma!

—E ainda gosta d'ella?

—Gosto sim senhor, gosto. Para que hei de dizer que não? É o meu peccado.

Teve novas lagrimas nos olhos, que desejou esconder de nós, voltando-se para a parede.

—Se ella o tornasse a procurar?

—Não me falle n'isso! Ferve-me o sangue! Se um dia a vejo...

—Ah! nunca mais a encontrou?—pergunta o meu amigo.

—Já disse que não senhor. Sei onde mora, porque conheço a casa d'esse excommungado que m'a furtou; mas a ella nunca mais lhe puz os olhos em cima. Pois é admiração! Com este meu modo de vida das cautelas e dos jornaes, corro toda a cidade. Nem nos theatros, nem nos dias de procissão, nem no Passeio. Aquillo é que só vae á missa cedo e não torna a sahir—considerou melancolico.

—E se um dia a encontra?

—Mato-a! mato-a, com toda a certeza!—disse exaltado.

Depois mudando rapidamente de tom concluiu:

—Não mato, não mato... Adeus meus senhores, não me apoquentem.

E distanciou-se quasi suffocado pela dôr.

DOIS CATURRAS

Nas serenas tardes de verão, dormida a sésta regulamentar, o dr. Leandro e frei Antonio, costumavam ir dar juntos um passeio. Sempre methodicos e taciturnos saham de casa á hora conveniente, para se encontrarem junto da igreja, sem esperarem um pelo outro. A menor falta n'este ponto, um simples minuto de tardança, era caso para recriminações da parte do que chegasse primeiro, recriminações manifestadas em monosyllabos de desgosto e n'uma ou n'outra phrase curta e rapida, atirada para o silencio com pronuncia desdenhosa: «Pegou-lhe bem na somneca», «Ficou abarrotado com o jantar», «Isto foi pinga de mais...» Mas depois seguiam cabisbaixos pela encosta acima, as mãos cruzadas sobre os rins, as bengalas pendentes, e paravam de vez em quando, para tomar um pouco d'ar. Junto da ermida da Senhora do Amparo, d'onde se disfructa uma paizagem restricta e pacificadora, cada um ia-se sentar no seu banco de pedra, á distancia d'alguns metros, como se fossem desconhecidos. E o frei Antonio, homem d'um fundo de bondade mais rancoroso, depois de saborear a primeira pitada, costumava dizer avulsamente, referindo-se a uma collina fronteira:

—Como é bello aquelle monte lá em cima! E é-o por ser unico!...

Leandro, fingindo que não ouvira, monologava:

—Pena é não haver outro monte igual, do lado d'acolá, por causa da symetria!... Seria incomparavelmente mais bello!

Estas palavras, já significavam uma tregua e uma reconciliação. Eram ironias mansas ao fim de muitos annos de argumentos, em viva polemica, esmorraçando mesas, quebrando cadeiras que atiravam ás paredes juntas com apostrophes. Porém nunca cederam, nem uma pollegada, n'este valioso ponto de esthetica que os separava. Frei Antonio sempre partidario da *unidade*, da simplicidade absoluta, e por extensão de principio do pernao,

detestava o *par*. Tinha orgulho em ser padre, só por causa do celibato. No seu casaco sacerdotal e na ampla batina usava um unico bolso, para n'elle incluir todas as coisas do seu uso—a caixa, as chaves, o lenço vermelho, um pequeno breviario...

E justificava-se:

—Em quanto usei muitos, nunca encontrava o que queria. Agora é só metter a mão e prompto. A caixa?... Aqui. (mostrava-a). O breviario?... Eil-o. As chaves? o lenço?... Tudo, n'um ai.

Exhibia os objectos com o semblante glorioso d'um prestimano. Era aggressivo e até insolente para todos que lhe não acceitavam a invenção. Mostrava-se propagandista, loquaz, capcioso, argumentado pelo seu lado.

O dr. Leandro deleitava-se com a opinião diametralmente opposta. Pela unidade e por tudo quanto era impar tinha mais do que desdem, tinha desprezo. Dizia, como phrase de sentença, que a natureza nunca podia ser manca. Para irritar o seu amigo, na presença de muita gente, extasiou-se diante da insignificante igreja de S. Francisco, só porque tinha duas torres iguaes. Fingiu-se enthusiasmado, mostrando um pasmo acintoso e offensivo, e exclamou com os braços abertos:

—Que bello! Olhem como são perfeitamente iguaes! Como é sublime a symetria!

Frei Antonio sorriu amargamente, encolhendo os hombros, e respondeu com mal desvanecido azedume:

—Deus, a suprema perfeição, é *Um! Um só!*

E espetando o dedo no ar demorou-se com elle, vingadoramente, diante do nariz do doutor, que objectou:

—Mas Jesus Christo, a encarnação do pae, tinha duas naturezas, divina e humana.

O sacerdote enchendo-se de cordura disse-lhe:

—Não gosto de metter n'isto o divino; mas podia responder que sendo tres,—*tres!*—sublinhou com emphase—as pessoas da Santissima Trindade, essas mesmas se reduzem a *uma*.

—É tolo—ainda acrescentou o outro.—Não sabe que pela conta do marinheiro, as pessoas da Santissima Trindade são dez.

—Que diz você seu hereje!—cresceu o sacerdote indignado.

O doutor explicou tranquillamente:

—Pois não sabe? Olhe. As pessoas da Santissima Trindade são tres; Padre, Filho, Espirito santo—seis; tres pessoas distinctas—nove; um só Deus verdadeiro —dez.

Os circumstantes riram-se; o frade afastou-se trombudo; e, por agora, o advogado ficou victorioso, mostrando-o d'um modo saliente.

Como andavam sempre juntos, de momento a momento se levantavam novas birras. O dr. Leandro, que era magro, pertinaz e acintoso estava sempre a espicaçar o egresso. Nunca o convidava para jantar, sem que o numero de convivas fosse par. Levava-os ao jardim para verem as flores e notava-lhes, sempre com insistencia, que as disposera pelo systema de parejas (*de coices*—acrescentava o frade). Se tinha de abrir uma janella procurava logo estabelecer uma corrente d'ar, escancarando outra, o que endiabrava o clérigo, que vivia no terror das constipações. Em tudo se mostrava o rancor d'estes dois irreconciliaveis amigos. Indo no seu habitual passeio, se encontravam alguém a cavallo, o sacerdote aproveitava logo o momento para dizer:

—Bonita egua! Não haverá outra como ella, para a emparelhar?

O dono, se era vaidoso, respondia indubitavelmente:

—Nunca a encontrei. Pois tenho corrido um rôr de feiras!

O sacerdote insuflava n'um sarcasmo mordente:

—É porque não procurou bem. Aqui este senhor era capaz de lh'a arranjar.

—Pois não arranjaste!—duvidava o dono da egua.

O doutor procurou immediatamente a sua desforra. Logo que viu *O das perdizes*, na sua carruagem puchada pela ostentosa parelha de baios, disse-lhe:

—Ó Pessanha! Se esses teus cavallos fossem diferentes era muito melhor, diz aqui o frei Antonio.

—Pelo amor de Deus! não valiam dois patacos! Uma parelha assim, é muito mais cára.

O frade resmungou.

—*Variatio deletact*, meu fidalgo. D'essa maneira até fazem mal á vista.

E quando se distanciou a carruagem, disse o sacerdote avulsamente:

—O universo é um.

—Os mandamentos da lei de Deus são dez e reduzem-se a dois.

—Já lhe fiz saber que não gosto de metter n'isto o divino, e lembro-lhe que a gente faz cada coisa por sua vez.

O doutor apostrophou-o:

—Quantos olhos tem o senhor na sua cara?!...

—E não via as coisas muito melhor se tivesse um só, na testa por exemplo, como os Cyclopes? Até não havia o perigo de se entortarem.

Leandro insistiu:

—Quantas pernas tem o senhor? quantos braços?

—E por quantas boccas come e diz asneiras o meu amigo! Por quantas gargantas engole?—arremetteu o frade. O que o senhor tem decerto, é dois juizos e nenhum d'elles vale tanto, como o casco d'uma cebola podre.

Estava-se nas vindimas. O advogado ía todos os annos para a Feitosa e acompanhava-o alli durante algum tempo frei Antonio. Era

um costume já antigo. Leandro quiz d'esta vez apertar com *argumentos materiaes* a paciencia do sacerdote. «É preciso provar ao latinista—pensou—que vale mais do que um simples casco de cebola podre, o meu juizo.» Logo que frei Antonio chegou á Feitosa, onde o doutor já o esperava, feriu-o uma novidade nos antigos e sustentados habitos d'aquella casa:—era a existencia de duas mezas de jantar, uma para cada um. O doutor só deu esta explicação:

—O senhor tem o seu systema, eu cá tenho o meu.

E na meza de Leandro havia dois talheres, dois pedaços de pão e duas canecas de vinho. Em frente d'um dos pratos estava uma cadeira, com um travesseiro a fingir de pessoa e esse travesseiro tinha um chapéu na cabeça, um bigode de sedas de cavallo e conservava-se impertigado, n'um sentido de troça.

O sacerdote, teve um riso amarello, fingiu que chasqueava e observou com grandeza de animo:

—Tambem é a unica companhia que merece.

E foi-se sentar á sua meza, que tinha tudo estrictamente para um; mas em quantidade muito resumida, tanto de vinho, como de pão. Depois de se ter sugeitado heroicamente a esta prova durante alguns dias, tomou a resolução de assentar junto de si dois bonecos de palha, pedindo que lhe servissem os seus companheiros.

O doutor, que se não quiz mostrar vencido, levou ainda mais longe a premeditada vingança, ordenando que no quarto onde sempre ambos dormiam, houvesse uma só cama. Frei Antonio, um tanto perturbado, quando á noite viu isto, perguntou á velha Joanna:

—Quem diabo vem a ficar aqui?

—Os senhores ambos. Ora o demo da brincadeira dos homes!

E o advogado accrescentou:

—Em coisa de cama sou pela unidade. As ultimas chuvas tem arrefecido o tempo.

Ora, se havia coisa no mundo á qual o sacerdote preferisse a morte, era a dormir com outro. Homem gordo, d'um suor facil, impaciente no sonho, gostava de roncar á vontade, de alargar as pernas e deitar os braços de fóra, quando lhe approvesse. Antes passar a noite no chão, n'uma mangedoura, ou sobre tôjo!... Desde que outro padre, n'uma estalagem de Tras-os-Montes, o atirára da cama ao chão, estando elle a dormir e tendo por essa occasião ferido a testa e o nariz nos cacos d'um objecto que se quebrou, nunca mais acceitou companheiro de dormida.

Leandro sabia que o atacava no ponto mais fraco. O frade disse simplesmente, em tom resolutivo:

—P'ra graçola é de mais! Bem sabe que não durmo com outro. Então monto a cavallo e vou-me *já, mesmo de noite*, embora.

—Pelo que vejo, a respeito de cama... para dois... duas?!—disse com ironia o doutor, mostrando-lhe a outra que estava n'um quarto proximo.

E como não concluíra ainda a sua argumentação pelos *materiaes*, quando no dia seguinte, frei Antonio procurava os butes, para ir dizer a missa conventual, a que se compromettera, encontrou sómente um. Sem ainda calcular a significação do acontecimento, veio á porta em palmilhas de meias, e gritou pela frincha que abriu:

—Ó Joanna! O outro bute?

—Pergunte por elle ao senhor doutor.

O ecclesiastico comprehendeu e disse zangado:

—Mau! mau! mau que m'arrenego!

Então Leandro, com ingenuidade fingida, respondeu-lhe do quarto:

—Passou ahi hontem um pobre, descalço d'um pé e dei-lho. O amigo tem na realidade dois pés?

Frei Antonio, com ar apopletico, em mangas de camisa e em palmilhas, o grosso tronco batido pela luz da janella do corredor, retorquiu energicamente:

—Tenho sim senhor e você tem quatro. Ponha cá o bute e deixemo-nos de chalaças. Já tocou ha um pedaço. Se essa gente fica sem missa por causa das suas brincadeiras... quero ver.

Isto passava das marcas. O sacerdote procurou um meio de tirar a desforra. Havia de ir ter-lhe ao bolso, que era aonde doia mais ao sovina do Leandro. No *Bracarense* da vespera annunciava-se a proxima chegada, á cidade dos Arcebispos, da actriz Emilia das Neves, tão celebre e tão gabada, que alli ia representar no theatro de S. Geraldo. O padre, encobrando ruins intentos, convidou o doutor para irem a Braga. O advogado chasqueou-o por esta manifestação de mundanidade, porém o ecclesiastico explicou-se com modo circumspecto:

—Não que ella só representa dramas sacros. Nem o senhor Arcebispo, consentia outra coisa, na sua cidade.

Combinaram-se n'uma apparente harmonia, acceitando ambos este periodo de tregua. O frei Antonio fazia de bolsa. Como era expedito, sagaz e conhecia Braga, o seu amigo facilmente lhe entregou a administração das finanças communs. Porém, mal conhecia o advogado o que podia dar o rancor d'um frade, que é espicaçado no que elle tem de mais precioso, o appetite. As humilhações, as zangas, a quasi fome d'alguns dias na Feitosa, haviam dado ao rotundo ecclesiastico um faro agudissimo de vingança. Logo na diligencia principiou por comprar tres bilhetes, entregando dois a Leandro que observou seccamente:

—Na verdade eram bem precisos tres logares, attendendo a que o senhor não é um homem, é uma pipa.

Em Braga, no Transmontano, o doutor notou que o dono da hospedaria, um velho coxo e rabugento, que estava sempre a praguejar deante do forno, se ria descompostamente a tudo quanto lhe segredava o seu velho amigo frei Antonio e que dissera depois d'um d'esses colloquios:

—Então afinfa-lhe? Trinca-lhe bem e entorna-lhe melhor? Vae valido.

E tambem percebeu que o sacerdote accrescentára:

—Tudo á farta e contas separadas.

Porém Leandro não se deu por achado. Alongou os beiços, sorriu com esforço e á mesa onde estavam tres talheres, mostrou uma apparencia calma e de coragem.

Por certo que identicas advertencias haviam sido feitas ao Miguel, um creado bebedo e feio, que jogava a batota com os hospedes, pois que esse Miguel, ao segredo do frade retroquiou olhando de soslaio para Leandro:

—S'tá dito! Que pandigos!

E apesar da resolução em que o doutor estava de se mostrar digno e conveniente até ao fim, não pôde deixar de se sentir estrangulado pela indignação, quando viu que o seu amigo lhe comprára dois bilhetes para o theatro. Isto não tinha geito nenhum, era atirar dinheiro pela janella sem necessidade! Na hospedaria, fechado dentro do seu quarto, que estava preparado para duas pessoas, quando elle era só um, exclamou voltado para o tecto:

—Este padre é o demonio! Mau raio, se lhe não espeto uma faca n'aquelle bandulho!

Minutos depois veio pelo corredor frei Antonio que disse, fallando pelo buraco da fechadura:

—Adeus Leandros, boas noites.

E logo em seguida, o Miguel acrescentou com a sua voz avinhada:

—Com bem passem, senhores *doutores*.

O advogado que já estava na cama e com a luz apagada, ressonou forte, para não responder. No dia seguinte levantou-se cedo, com o fim de ir sósinho almoçar debaixo da Arcada. Mas frei Antonio, que o espiava, seguiu-o de perto, entrando logo depois d'elle e mandando vir para tres. Leandro ao sair a porta do botequim, pronunciou de si para si:

—Isto acaba hoje! Deixa estar que hoje acaba!

Tinha, porém, urgente necessidade de mandar fazer uma roupa de panno preto—sobrecasaca, calça direita, collete de cerimonia com uma só ordem de botões; fazenda boa que lhe durasse o resto de vida, que servisse para visitas e festas. Frei Antonio conhecia na rua do Souto um mercador de confiança; o doutor era menos pratico na cidade e por isso não teve remedio senão entregar-se-lhe. Pareceu-lhe que n'este particular não podia haver novidade. Foram ambos, ao lado um do outro, silenciosos e escandalizados.

Em quanto um mestre de *atraz da Sé* tomava as medidas, fallou-se de politica... em deputados... e o negociante, homem discreto, de barba em serrilha opinou:

—Boa asneira! Esfalfa-se a gente para os mandar p'ra essa Lisboa e lá não fazem mais do que andar na pandiga, com moçoilas e em treatos. Tributos são de cada vez maiores! No tempo do senhor D. Miguel...

O alfaiate, absolutista sanguineo, parou subitamente e disse n'uma arremetida, olhando por cima dos oculos, com a medida suspensa da mão:

—E acraditam, que o rei legitimo, não ha de vir pôr fóra do seu reino esta cambada?!

Todos concordaram em que havia de vir, menos o doutor que já lhe tinha perdido as esperanças e se fizera liberal.

Quando voltaram á terra, Leandro teve uma viva polemica com frei Antonio, por causa d'aquellas asneiras fóra de casa. Não era por gastar mais ou menos uma moeda, porém embirrava com tanta tolice deante de desconhecidos. O frade respondeu-lhe que bom gado era porcos, levou-o de troça e continuaram nos seus passeios e nas suas caturrices habituaes.

Quinze dias depois, o advogado recebeu pela diligencia de Braga duas encommendas. Abriu a primeira e n'ella encontrou a roupa que mandára fazer. Vinha tudo nos termos e a seu contento. Vestiu-a para ver se lhe estava bem e a velha Joanna que elle chamou para dar parecer, disse que estava mesmo um cravo, e recordou-lhe os

seus tempos de rapaz, quando elle vinha de Coimbra e era de todos o mais janota. Fôra n'esse tempo que... Ella era creada da mãe de Leandro, uma boa senhora, temente a Deus, confessando-se a miudo e reprehendendo sempre os atrevimentos e brincadeiras do filho com as moças!... Havia 40 annos que Joanna alli estava e ainda na memoria se lhe avivavam facilmente todos os quadros ridentes da mocidade!...

—Mas a outra encomenda?—lembrou.

—É verdade—disse o doutor—isto não é para mim. Ha de haver engano.

Mas pegou n'ella, remirou-a por todos os lados, apalpou-a, cheirou-a para advinhar o que seria... e nada! Pela terceira ou quarta vez releu o subscripto, que era do mesmo talho de lettra da do negociante que lhe remettia a sua roupa e com os mesmos dizeres.

—Só se frei Antonio tambem encomendou alguma coisa e que m'a mandassem para eu lhe entregar—considerou com o embrulho suspenso nas duas mãos.

Para satisfazer a curiosidade de Joanna, sempre foi desatando os barbantes, com precauções e cautelas, na convicção de que era coisa que lhe não pertencia. Encontrou outra roupa, perfeitamente igual á sua. Não podia presumir brincadeira tão pesada do seu amigo, e, como elle morava perto, mandou-o chamar.

—Sabe para quem é esta coisa?—perguntou serenamente.

—Eu! Como posso advinhar?!

—Nada de brincadeiras—avisou. Será para si?

—Não gasto d'esses luxos. Nem eu cabia dentro d'este pé de meia—retorquiu ironicamente o frade, suspendendo as calças no ar.

—Mas com mil demonios!—interroga colericamente o doutor. Sabe ou não sabe?! Responda.

O frade respondeu com todo o socego:

—É provavel que seja para si. Em Braga, ninguém ignora que o senhor é dois!

O doutor adiantando-se, poz-lhe diante dos olhos um punho cerrado.

—Sabe o que eu ignorava?—gritou. É que o senhor fosse um pedaço d'asno como é!... Que o arrebento, seu odre!

O frade scandalizado, escachou as pernas e apresentando-lhe de frente o seu valente tronco, oppoz-se-lhe com vehemencia:

—Ameaçar-me! olhe que o leva um milhão de demonios, seu cabrito esfolado!

E saiu nobremente da sala. Durante boa meia duzia d'annos, conservaram-se inimigos e sem se fallarem. Porém depois reconciliaram-se n'um jantar de boda, onde ambos se emborracharam até á ternura das recordações, e d'alli ao fim da vida, continuaram a sustentar as suas theorias e a dar os seus passeios habituaes.

A POSTURA DOS OVOS

As de Refuinho foram as ultimas a chegar. Por causa do ar da noite, traziam as cabeças envolvidas em muitos chailes e só deixavam um buraquinho para espreitar o creado, que ia adeante com o lampião. D. Michaela, ao recebê-las no cimo da escada, logo ralhou com as meninas por causa do agasalho excessivo. Nem pareciam raparigas novas, tantas eram as cautelas que tomavam. D. Maria justificou as sobrinhas. Fora ella quem aconselhara taes cuidados, por causa das possiveis dôres de dentes. Só quem nunca soffreu d'ellas é que pode fallar! Quanto a si, explicou, tossindo muito, com o seu modo resignado e soffredor:

—Oh! filha! Sempre te ando com uma gosma!...

Logo que entraram na sala, todos vieram cumprimental-as. As da Torre Velha conduziram as primas junto do candieiro, para lhes mostrarem o retrato do irmão, que era militar e estudava em Lisboa. Tinham recebido pelo ultimo correio, essa bella photographia d'um rapagão em pé, apoiado negligentemente na espada e a barretina sobre uma *console*. Assentára praça em cavallaria por inclinação: todos os presentes se lembravam, de como era um demonio em pequeno, percorrendo o quinteiro em todos os sentidos, montado n'uma canna! A carta escripta ás irmãs, era-o n'um luxuoso papel cor de tremço cosido e perfumada d'almiscar. Dizia maravilhas das opulencias da capital, dos seus palacios, dos theatros e das formosas mulheres que passeavam em carruagens descobertas, para serem admiradas.

—Isso já por lá tem uma duzia de namoros—disse frei Ignacio, espreitando por entre as cabeças das meninas.

Mas uma das da Torre Velha, confidente do militar nos seus primeiros amôres, defendeu-o:

—Quem, o Zésinho?! Não é d'esses!

E encarou Clotilde de Refuinho, que baixou timidamente os olhos, conservando-se muito tempo triste, encostada á mesa.

Os parceiros do rancoroso voltarete, enremissados da semana precedente, estavam soffregos sobre o jogo. O desembargador João Xavier, para os desculpar por se não levantarem, disse de longe, com a auctoridade d'um marido, que esteve para ser de D. Maria, quarenta annos antes:

—Ó minha prima. Deus lh'as dê muito boas. Dispenso cumprimentos. Esta remissa de quinze entradas tenho-a atravessada aqui.

Mas quem se aproveitou do reboliço foi o dr. Leandro, que a esse tempo levava uma reverendissima tunda, ás damas, do seu amigo frei Antonio, que as jogava na perfeição. O advogado aproveitou o ensejo de atirar com o taboleiro para o inferno, e fez na sala tal barulho, que parecia a derrocada d'uma torre. Até ia trilhando o medico Pestana, homem de grande saber e azedume, que lá estava com o seu esqueleto arrumado a um canto, a chupar cigarros, todo concentrado no odio ao recebedor da comarca, por causa da morgada, D. Michaela—mulher soberba, que os dois ambicionavam furiosamente. O recebedor, o famoso Silveira, n'essa noite em maré de fortuna amorosa, parecia um redemoinho pela sala, sempre com o chaile-manta cinzento pendurado dos hombros. Foi elle que ao vêr muita gente, propôz logo um quino, fallando com o seu ar estarola. Era quem costumava tirar as bolas e salpicava o jogo de larachas muito apreciadas, que por vezes lhe deram assignaladas victorias, quando a morgada ria até ao engasgamento nervoso. Porém, n'essa noite, D. Michaela preferiu antes ouvir a musica «Ao Luar», tocada no piano, com muito coração e esmero pela Clotildinha. Ella que era romantica e sentimental, adorava esse famoso trecho, que já uma vez a fizera suspirar em Barcellos. Era um idyllio cheio de meiguices dolentes e das suaves fragancias das campinas. Remurejavam brandamente arvoredos, um regato serpeava pela encosta e o poetico rouxinol queixava-se no interior d'um loureiro. Frei Ignacio é quem fazia de rouxinol, munido d'uma gaitinha; mas o famoso Silveira, que tambem conhecia a musica, aproveitou cruelmente mais esta occasião de triumphar sobre o medico. Propôz-se a tomar para si a parte do rouxinol, sem nenhum auxilio de gaita. Os applausos á magnifica lembrança foram calorosos. Todos sabiam, quanto o recebedor da comarca era eximio imitador de vozes d'animaes e especialmente das aves. Em certos casos o engano era completo. Um dia mugiu tão admiravelmente de vacca no quinteiro de Refuinho, que a velha fidalga veio á janella toda afflictta, ralhar com o moço, julgando que andava o gado solto. Ao dar com os olhos no Silveira, que n'esse instante estava mugindo com desolação para o céu, suppondo uma cria distante, reprehendeu-o:

—Fazer de vacca! Isso é peccado. Não teme um castigo do céu? As vaccas não tem alma—concluiu agastada.

O medico Pestana, concordando em que o recebedor não tinha alma, chasqueou o caso dizendo que o *homem*, fazendo de vacca ou de boi que era o mesmo, mostrava grande geito para marido.

Porém a novidade de imitar um rouxinol, foi muito celebrada; porque ninguem lhe conhecia a prenda. O medico emmagrecia a olhos vistos, quando a morgada dava palmas ao Silveira. Este para melhor o aguilhoar exhibiu outras habilidades já conhecidas: fingiu o trote d'um cavallo que se approxima e relinchou com as ventas altas no momento da chegada; o canto do gallo ao amanhecer, batendo fortemente as azas, foi produzido com rara perfeição; o coachar das rans em noites primaveraes, a chegada do cuco em maio, os patos arrebanhados, o pardal, o melro, o perú... tudo foi representado. Já não havia, nem vulturete, nem bisca, nem ideias de quino. Tinham para duas horas. O medico passeava ao fundo da sala, sorumbatico e abatido. Frei Ignacio, sempre brincalhão, disse-lhe de longe:

—Deixe-se d'isso, doutor. Quel-o vêr fazer de porco?

Todos o desejaram e elle não se fez rogado.

Sahiu da sala, para logo voltar silencioso e embrutecido. Vinha sorumbatico e sorna, como um porco ao recolher. Uma creada chamou para a comida: «*coxi, coxi, coxi*» e logo o Silveira principiou a correr, como cevado cheio de fome, dando fortes grunhidos, gritos atroadores, até que foi para um canto sugar a sua lavagem, com um *xou-xou* embrulhado e caracteristico. Por fim suppondo-se um porco perseguido por um cão, correu veloz, ladrando e grunhindo ao mesmo tempo, e sahiu precipitadamente pela porta, dando um encontrão no medico.

Todos riram com boccas escancaradas. Frei Ignacio agachado a um canto, já não podia mais, e por fim encostou a barriga á parede, com medo d'uma colica. As meninas de Refuinho e da Torre Velha gargalhavam no regaço umas das outras. O desembargador Xavier

sorria de longe com dignidade, olhando firme, com os seus oculos d'ouro.

Um joven poeta, estudante em Coimbra, foi da opinião e disse-o claramente, que se aquelle phenomeno se exhibisse no *Palacio de Cristal*, haveria grande concorrência, porque era, em verdade, admiravel! D. Michaela, que applaudira até as lagrimas, perguntou ao academico:

—O senhor Penaguião nunca o viu fazer de gallinha e pôr ovos?!...

—Nunca vi, senhora morgada...

—Então!...—concluiu com um entono que significava preço—nunca viu nada!

Todos se levantaram a pedir ao Silveira que exhibisse esta habilidade; porém elle sentado n'uma cadeira, a limpar o suor do cachaço, não estava para isso. Sentia-se cansado, ficaria para outro dia, não podia ser tudo d'uma vez. A morgada, conhecendo o empenho dos seus convivas, disse mesmo sem se levantar:

—Ande, vá pôr. Quero que o sr. Penaguião veja.

Não hesitou um momento. Um raio de vingança triumphante despediu-se do seu fulvo olhar contra o medico, que ao vel-o prestar-se, sahiu da sala. Porém isto, que todos julgaram um signal de covardia não o era de certo; porque momentos depois o doutor tornou a entrar, com semblante conformado.

Como era uma exhibição mais complexa, tomou cada pessoa o seu lugar. As senhoras em cadeiras, em volta da sala, deixaram o canto livre para a postura, que devia ser junto do piano. Os homens que se não puderam sentar, encostaram-se ás entradas e nos vãos das janellas. O medico, talvez para se mostrar generoso e soffrer deante de todos a propria humilhação, occupou a cadeira mais perto do lugar da postura.

Pareceu um acto publico de conformidade. O proprio Silveira assim o entendeu. No meio d'um silencio valioso, depois de apenados dois banquinhos para servirem de poleiros casuaes, o

recebedor da comarca com o chaile-manta pendente dos hombros, collocou-se no meio da sala, olhando solememente em redor.

Mostrava-se grave, simples e ao mesmo tempo imponente!

A principio houve um cacarejar avulso e sem grande significação. Andava em volta dando pulinhos, erguendo a cabeça para ouvir facilmente, e espanejava-se ao sol. Depois continuou em passo solemne, entoando um cá... cá... cá... reflectido e de concentração. Passados momentos, a voz levantou-se gradualmente mais sonora, tinha gritos estridentes e estendia o pescoço. Andava com vivacidade, os pulinhos eram sacudidos e o corpo avolumava-se-lhe debaixo do chaile, quando afastava os cotovellos. Subiu a um dos poleiros e lá do alto produziu um *ca-ca-ra-có*, rapido e vibrante, como se fora uma sentinella gritando ás armas, para afastar um inimigo possivel. Mas logo desceu para continuar n'um tom manso e natural, andando em passo grave, seguro de que ninguem o viria perturbar. De repente deu-lhe uma especie de furia, uma raiva e começou a correr e a gritar desesperadamente, muito arrastado pelo chão, significando a gallinha apertada por uma dôr e com a necessidade urgente de expellir de si qualquer coisa. Os gritos eram fortes e expressivos, as arremetidas para o lado do ninho insistentes, sempre com as azas de rasto, afastando-se um momento para voltar depois mais precisado.

A situação ia-se tornando claramente dramatica.

O interesse dos circumstantes era cada vez maior. Expressiam o sentimento de admiração que os possuia, em frouxos de riso apanhados na mão e muitos, boquiabertos, pronunciavam: «Ora!... Ora!...»

A morgada, que estava mais á vontade e não temia perturbar a representação observou:

—É tal e qual a minha amarella. Uma coisa assim!...

Vendo-se applaudido pela mulher a quem amava o Silveira foi sublime! Aproximou-se sornamente do canto da postura. Reconhecia-se-lhe na lentidão dos movimentos de parturiente, que se approximava o momento supremo. Já ia arrastando o corpo, d'aza cahida, e um có-có... guttural. Foi enfraquecendo a voz e os movimentos, andando em volta de si mesmo a procurar o geito. Depois acamou-se acororado, todo mettido debaixo do chaile cinzento, n'uma attitude de objecto bruto e informe que para alli estivesse arrumado. Houve um gemer soturno, como o regougar d'um gato.

Foi n'este momento que o medico se abaixou fingindo que apanhava alguma cousa. O Silveira não o percebeu, tão compenetrado estava das suas altas funções de maternidade. Os assistentes, interessados no final da comedia, tambem não repararam. Durante o minuto que o recebedor se conservou agachado, trocaram-se apenas algumas observações em voz baixa. Mas por fim, mestre Silveira, sahiu do ninho mostrando-se patentemente e engulindo em secco, como se viesse d'um sonho. Começou a cacarejar com alegria e orgulho em voz sonora e espantada. Saracoteava-se vistosamente, espanejando-se, refrescando o corpo, na satisfação de quem cumprira um dever e se livrara d'uma diffculdade. Esperto, vivaz, altivo, tudo era *Ca-cá-rá-cá, ca-cá-rá-ki...* para um lado e para outro. E n'uma reviravolta, quando fazia a ultima visita saudosa ao ninho, o soberbo Silveira estacou de repente, empallideceu deixando de cantar, os braços cahiram-lhe n'um assombro!

—Mas eu não fui!—pronunciou inconsciente.

O apparecimento imprevisto de dois ovos authenticos no logar da postura, produziu uma gargalhada atterradora! Frei Ignacio, sempre larachista, agarrou no recebedor pelos hombros, perguntando-lhe:

—Então hoje isto foi a sério, caro amigo?!

Porém o medico, cheio da sua vingança, disia ao mesmo tempo a D. Michaela, em voz alta, de modo que todos ouvissem:

—Compre esta gallinha, senhora morgada, que lhe põe aos dois.
Olhe que sempre é melhor que a sua amarella!

RENDE-TE CENTURIÃO

Esperava-se que d'essa vez os *Passos* fossem grandiosos. Tinha chegado no verão um brasileiro, que para engrandecer a terra, concorria com cincoenta libras. O abbade, depois da offerta, affirmou cathegoricamente, que ía fazer reviver a memoria dos *Passos* do fidalgo do Outeiro, que sessenta annos antes, fizera *uns* de que fallavam ainda com espanto, os velhos das redondezas! Não havia de faltar nada: teriam muitos anjos, musica da melhor e pregador de fama. Se viessem ainda esmolas, mandar-se-hia armar a egreja, podiam-se reformar os andores que estavam velhos; pois seria bonito que apparecessem differentes imagens do Redemptor, significando as diversas partes da notabilissima *Paixão*.

—Quando foram os do fidalgo do Outeiro—acrescentou o abbade—houve a guarda romana com o Centurião á frente, levando o seu distinctivo de videira como emblema do direito de punição corporea, sobre os soldados. Não sou d'esse tempo, mas ha ahi muitos homens que se lembram—concluiu, dando grande preço ás suas palavras.

Era n'um domingo, depois da missa conventual. O abbade fallava na sachristia, deante d'alguns freguezes, que o escutavam respeitosamente. O benemerito senhor Guimarães, que abrira a subscrição com cincoenta libras, era dos ouvintes. Reconhecendo, como todos, que a somma já apontada era diminuta para se arranjar uma procissão a valer, poz serenamente a luneta, pegou no papel onde estavam lançadas as differentes verbas e leu:

—Tresentos e cinco mil e sete centos e cincoenta reis. É pouco!—disse. Quanto entende o senhor abbade, que será preciso para se fazer coisa de truz?!

O sacerdote olhou fixamente o tecto da sachristia, suspendendo-se do labio inferior por dois dedos. Pronunciou, para si algumas palavras de calculo, resumindo em voz alta:

—Quinhentos mil reis. Com quinhentos mil reis faz-se tudo.

—Pois feche lá essa conta e trate do negocio, meu reverendo—concluiu o Guimarães, atirando generosamente com a meia folha d'almaço, sobre o gavetão.

O abbade agarrou-o entre os seus rudes braços de camponez, affirmando-lhe:

—Com isso, temos tudo! Bom sermão; boa musica; bom côro; anjos; igreja rica; um centurião com a sua guarda, que se lhe mandam ahi na villa fazer vestimentas; e andores de espavento, que eu arranjo a virem de Braga, com imagens e mais pertences. Creia o meu amigo, ponho-lhe ahi uns *Passos*, que nem na cidade do Porto. Uma riqueza, verá.

—Então é dar ordens, está arrumado—acrescentou o Guimarães, fazendo um gesto largo com a ponteira da bengala. Dinheiro não faltará, ainda que seja preciso mais. Na minha vida de trabalho levei muito chimbalau, e bastas vezes perdi contos e contos. Dê ordens, meu abbade, e ponha a coisa na rua. Percebeu?

Esta grandeza do Guimarães foi muito gabada em toda a parte, bem como a sua devoção. Felizmente não era como o traste do Cerqueira, um herege que embirrava com missionarios. Esse era raro verem-no pela igreja, e até quiz bater no afamado padre Antonio, porque lhe fez uma santa da sobrinha, a Rosaria do Thomaz do Monte, pobre homem, agora maluco, por causa das heresias que lhe metterá na cabeça o cunhado. Ainda bem que o senhor Guimarães não era assim e gastava dinheiro em fazer coisas boas, como ajudar uns *Passos* de que todos se orgulhavam. Por isso Deus o tinha protegido; por isso, sendo filho d'um pobre artista, era hoje um fidalgo, tinha palacio e suas filhas usavam sedas. Não tardariam em ver-lhe um titulo e era muito bem applicado, a um cavalheiro de tão larga generosidade e que tão amigo se mostrava da terra. Podia ser como outros, desprezar do nascimento obscuro, viver n'esse Porto ou Lisboa, e não fazer caso nem da sua aldeia, nem dos parentes pobres. «Viva o senhor Guimarães, que ainda hade ser o nosso deputado»—affirmavam com emphase pessoas de consideração.

Desde aquelle momento o abbade não pensou n'outra coisa. Logo no dia seguinte montou na sua egua e foi encontrar-se com a diligencia, que o levaria a Braga. Como era homem de imaginação e muita fé, logo que alli chegou entendeu-se com as pessoas que melhores conselhos lhe podiam dar. Depois de varias conferencias resolveu encommendar tudo a um homem da rua do Souto, o que era melhor arranjo. Combinou a armação da egreja; os fardamentos do centurião, guardas, figuras e vestidos d'anjos; os cantores para o coro, os andores e até as imagens. Quanto a imagens foi mais difficil; pois que as confrarias entenderam que as não deviam emprestar, sem o parecer favoravel do senhor Arcebispo.

Depois de trabalho insano só pôde conseguir, um *S. João* e um *Senhor prezo á columnna*. Porém não ficou contente; porque as estatuas, antigas e feias, não eram de causar grande devoção.

—Paciencia—disse resignado. Levam-se os seis andores. Tenho lá *Cruz ás costas* e *Senhora do encontro*. Levo d'aqui *Preso á columnna* e *S. João*. *Canna verde* e *Pretorio* arranjo de Valença. Quem tem amigos...

Procurou, depois, saber onde morava actualmente o padre Silvestre, capellão de infantaria 8 e seu antigo condiscipulo. Era um dos pregadores mais afamados do alto Minho e o abbade, pela terceira vez, o escolhia para lhe abrilhantar uma festa da sua egreja.

Tendo conhecimento de que mudára para a Conega, cahiu-lhe em casa d'um pulo. Havia annos que se não encontravam. Por isso houve effusão d'alegria, muitos abraços e expansões n'este momento.

O pregador, escarranchado n'uma cadeira, disse para o seu amigo que se lhe sentára na cama:

—Tu, magnifico, gordo, sempre abbade! Que diabo te trouxe n'este tempo de trabalhos quaresmaes cá por Braga?

—O diabo não, creatura, foi Deus! Deus, o Senhor dos Passos é que me trouxe hoje por cá. Mas deixa-me perguntar-te, antes que me esqueça. Estás de mal c'o as...

—Estou sim—ataltou—não as podia aturar. Eram umas porcas. Nem roupa, nem comida... uma immundicie. Depois tinha por companheiro o Antunes da Cuspinheira, lembras-te? Um cevado com quem se não pode estar á mesa. Deixei-as...

O abbade conformou-se, accrescentando:

—Pois custou-me a dar co'esta casa. Perguntei ao Sampaio, o famulo. E venho cá por um motivo muito grave.

—Oh! com seis centos!—exclamou o capellão. Talvez algum caso de consciencia. O homem é fraco, bem sei. Eu absolvo-te, diz da tua vida, bezerro.

—Não, não é isso. Tenho uma festa de Passos, coisa rica. Paga lá um meu parochiano, um brasileiro. Quero que tu pregues.

—Quando é? Na quarta dominga? Tenho que fazer, vou aos de Bouro.

—Não principies já com lonas. É na terceira dominga, homem.

—Então posso.

—Mas Souséca! eu quero um sermão novo em folha. Posso-te dar quinze moedas.

O padre Silvestre reflectiu e disse:

—Valeu. Escrevo hoje mesmo ao Germano, o Germano das bochechas grandes. Conhecel-o? Quero que elle me empreste um que lhe enviaram do Porto e que fez grande barulho em Guimarães quando lá o pregou, ha dois annos.

—Mas, porque é que tu não o escreves? Com o teu talento...

—Escrevo sim; mas é para me inspirar. Tu bem sabes que estas coisas são sempre as mesmas. Está tudo sabido, já se não póde inventar. A questão é de *modo*. Percebes abbade?

No sabbado, vespera da terceira dominga chegou a Refuinho o pregador. Foi-se hospedar na *Residencia*. A sua entrada na aldeia foi celebrada com alegria pelo ajuntamento de povo, que estava no

adro da igreja e até haveria repiques e foguetório, se não fôra tempo santo de quaresma.

O Agrella, que ajudava o armador de Braga, veio dar ao padre Silvestre, um aperto de mão, affectuoso e familiar.

—Cá andas tu como o peixe n'agua—disse-lhe o pregador.

—Não ha remedio senão dar um gaudio á raparigada—respondeu o alfaiate. Muito estimei vel-o por cá, meu senhor. Ha que tempos!... Temos ahi uns *Passos* d'arromba. Não haverá outros, cinco leguas em redor.

O padre Silvestre saudava a todos de cima da burra. Os semblantes dos camponeses eram risonhos, como se tractassem d'um noivado. Este rumor attrahiu o abbade que se chegou á janella. Ao avistar o seu antigo condiscipulo, gritou-lhe:

—Eh! Souséca! Sobe para cá diabo.

Mas foi elle que veio abaixo, de tamancos e meias de lã, envolvido no amplo capote. Tomou o hospede entre os braços, apertou-o com amisade.

—Já me tardavas, maroto!—disse. Vou-te mandar pôr a ceia. Ó rapariga!—gritou para cima—Elle cá está.

No alto da escada, appareceu a Joanna, de lenço vermelho cruzado sobre os seios magnificos, e expondo, á vista de todos, a optima carne dos seus braços.

—Então uma fornada, ein?—perguntou o pregador.

—Não ha remedio senhor reverendo capellão. A gente hade comer. Estou a mettel-a no forno. Desculpe recebê-lo assim.

Mas o padre Silvestre não era de ceremonias. Estava acostumado. Em casa de sua mãe, nos tempos felizes em que vivera na aldeia, era a mesma coisa. O trabalho primeiro que tudo. Faz a gente forte. Deu-lhe um abraço de satisfação, fazendo muito gosto em sujar o capote, sobre o lenço enfarinhado e os braços roliços, cheios de massa. A rapariga riu estrondosamente,

entregando-se-lhe com facilidade. O abbade, fingindo-se suspeito, observou:

—Cautelinha, cautelinha, sôr Souséca!...

Tudo era levado á boa parte e sem malicia. O padre Silvestre pediu tamancos e meias de lã, que tinha os pés gelados. Oito horas de diligencia e a cavallo era de morrer. Se viesse alguma chuva não faria mal nenhum, pois amaciava.

—Não imaginas abbade, como elle corta lá em cima, ao dobrar o monte.

—Imagino, imagino. Bastas vezes o tenho levado pela fucinheira. Mas toma lá uns soccos e as meias e vem pr'o lume. Ceia-se alli mesmo.

Pouco depois, pozeram diante do pregador a sua gallinha, salpicão e a tigella de bom caldo, fumegante e appetitoso. Nos tempos em que ha muito serviço divino, não se usam jejuns para quem prega ou canta. Tem dispensa, bem merecida; pois que alguns, como o padre Silvestre, andam de terra em terra, levando a palavra sancta, para converter peccadores. É uma lida de seis centos demonios. Ganha-se dinheiro; mas não vale muito a pena. Se os obrigassem a comer sardinhas, morriam no fim da quaresma. Era Christo a subir ao ceu e elles a descere á cova. Jejuns são para os brutos, para os fortes, que não tem de puchar pela cachimonia.

—Cá na minha—affirmou Joanna atijando o lume—se nós somos tão tapados é por causa da brôa e do bacalhau.

O abbade, que estava estorcegando a sua posta sobre o prato, levantou a cabeça para dizer:

—Olá, princeza. Vou-te mandar vir carne da villa, para tu comeres.

—E olhe que me havia de fazer bem, ao meu rico peitinho—confessou pondo a mão sobre os proeminentes seios. Ao trabalho que lhe tenho.

O abbade continuou troçando:

—Ora sempre a gente vé coisas! Não te me faças lesma. Dá p'ra cá a infusa e deixemo-nos de contos.

Mas o padre capellão fallou sério, explicando. O seu trabalho n'essa quaresma era extraordinario. Em seguida a esse sermão, tinha outros. *Passos* em Bouro e toda a semana sancta em Amares, onde tinha de pregar o do *lava-pés*, o do *enterro*, o de *lagrimas* e o da *ressurreição*, que é sempre uma predica demorada e cheia de conceitos.

—Pois sim—considerou o abbade—mas este d'amanhã é que mais te custa.

—Podéra! Tambem é o de mais pucho. Levou-me oito dias a compôr e oito a decorar. É todo novo, acredita.

Tinham-no prevenido que, para o ouvir, viria gente de longe. Só em casa do Guimarães, uns trinta hospedes—pessoas do Porto, de Braga... o diabo. Mostrava-se preocupado com o exito. Tinha medo que lhe esquecesse algum d'esses trechos flamejantes, em que firmava orgulho litterario. Peça meditada, feita com reflexão e calculo. Havia a bem conhecida passagem do centurião, convertido por um toque de divina graça. O padre Silvestre não julgava isto muito moderno; mas foi o abbade que lh'a exigiu, por saber que era do gosto dos ouvintes e principalmente do bemfeitor. No emtanto, entendia o pregador, que essa passagem produziria bom effeito, se fosse convenientemente ensaiada.

—Quem tens tu ahi para centurião?—perguntou ao abbade.

—Um rapazote da freguezia. Boa figura, alto!...

—Pois hei-de-lhe querer fallar. Que venha cá amanhã de manha. Bem sabes que isto tem o seu bocado de theatro.

No dia seguinte o pregador estava a repetir o sermão na horta da *Residencia*, passeando n'um carreiro, por cima do muro. O sol aquecia-o agradavelmente por um lado, a sombra do seu corpo estendia-se na relva, sobre a qual os gestos se lhe reproduziam

mais amplos e magestosos! Uma pobre cerdeira, despida de folhas, é que lhe servia de referencia. D'aquelle lado era o Calvario, com a dolorosa imagem de Christo, vergado sob a cruz. O povo estava em baixo, oppresso e constricto. A Virgem mãe, á direita, banhada no pranto redemptor. Os verdugos, os da guarda romana, os discipulos e todos os amigos de Jesus, lá os significava na vertente do monte ignominioso, que no caso presente era um alcouve de cor alegre.

No meio d'uma apostrophe clamorosa, quando de braços abertos e solemne chamava o divino soccorro, foi interrompido por uma voz:

—Senhor reverendo pregador?—chamaram.

O sacerdote, voltou a cabeça, conservando suspenso o gesto e perguntou impaciente:

—Que diabo queres?

—Vossa Senhoria não me mandou chamar?

—Eu!

—Cá o nosso abbade é que disse.

—Ah!—exclamou, deixando cahir os braços. És o centurião?

—Entendo que sim—confessou o filho do Cancellia.

Disse-lhe que se approximasse. Explicou-lhe o caso. Em certa altura do sermão, tinha de quebrar a lança, e prostrar-se de bruços, soluçando, como peccador arrependido. Jesus Christo alli estava, coberto d'opprobrio. Todos o tinham insultado no caminho do Calvario; porque estava nas escripturas que assim devia ser. Elle, centurião, tambem maltractára o sublime prisioneiro, dando-lhe com a lança e chasqueando-o. Depois é que lhe veio um toque de luz divina e arrependeu-se.

—Tu entendes—explicava. Toque de luz divina é assim como uma pontuada sobre o coração. Entendes? Diz lá.

—Entendo muito bellamente, senhor reverendo pregador. Eu já figurei n'outros *Passos*, lá p'ra Monção—acrescentou com sorriso

experimentado. Mas senhor reverendo pregador, Vossa Senhoria, quer que eu me arrependa, logo á primeira que mandar?

—Porque?

—Eu á primeira... á primeira... não queria—explicou, coçando a nuca. É cá por causa da rapaziada, que depois chama podrico á gente.

—Ah! isso não tem nada. Lembra-te que estás deante do rei dos reis e do senhor dos senhores. Mas não te rendas logo... logo... Olha bem para mim—detalhou com bondade. Ao primeiro *rende-te* eu pego no lenço que está do lado da porta, levo-o á bocca, e torno a collocar-o no mesmo sitio. Tu reparas em mim, dás uma sacudidella aos hombros, assim, e continuas lá no teu posto. Eu fallo muito ainda. Ao segundo *rende-te*, repito o caso do lenço *mudando-o então*—sublinhou—para o meio do pulpito, d'esta maneira (Pegou no seu lenço de paninho vermelho, conservou-o segundos pendente da mão e depois collocou-o sobre um triste ramo de vide). Tornas a atinar comigo, um pouco mais sério do que da primeira vez; nova sacudidella de hombros, e continuas lá na tua vida. Sim, porque tu és um grande peccador e a divina graça não te póde tocar assim do pé p'ra mão. Entendes isto?

—Muito bem, senhor reverendo pregador—affirmou o filho do Cancellia, com o queixo agarrado na mão direita.

—Mas ao terceiro *rende-te*—accentuou significativamente o padre Silvestre, espaçando as syllabas—quando eu mudar o lenço para o lado do altar mór, tu reparas em mim, com olhos muito arregalados, como quem sentiu que lhe entrou alguma coisa no corpo; se quizeres dás um grande berro, quebras a lança no joelho, atiras-te ao chão de bruços, finges que choras (se te dér p'ra isso, choras realmente) e dizes alto: «Perdão Senhor! Perdão! Perdão! Perdão!»

O rapaz pronunciou:

—Perdão Senhor! Perdão! Perdão! Perdão!

—Isso mesmo. É para o povo repetir: «Perdão senhor, perdão, perdão» e chorar muito, como é costume.

—Entendi muito bellamente. O peor é se depois me chamam, cagarola e podrico, que me levo de mil demonios.

—E que chamem?—observou o pregador. Então queriam que tu te não arrependesses, depois de tocado pela divina graça? São uns brutos.

Logo de manhã principiára a affluir gente que vinha de longe. A egreja, os andores e o que se dizia dos anjos era um pasmo! A musica, logo que chegou, foi tocar um hymno e duas polkas á porta do senhor Guimarães, que veio á janella, com toda a sua respeitavel familia e hospedes, palitando-se soberbamente. Zé Maximo, o homem das occasiões, levantou um viva ao seu compadre e amigo, que foi correspondido atirando-se chapéus ao ar. De tarde, antes de sahir a procissão, a musica voltou para o beberete, que lhe foi servido no quinteiro. Houve vinho do Porto em calices, quatro broas de pão de ló partidas á mão. Para os figurantes, que estavam todos vestidos na vasta salla da tulha, á espera do momento, foram enviados dois cabaços de vinho, meia duzia de brôas de pão de ló, outra de garrafas de Porto e um cesto de cavacas. Houve por este motivo grande barulho e algazarra dentro do casarão da tulha.

Foi a propria esposa do senhor Guimarães, que teve a delicadeza de lhes ir encher os primeiros copos, como signal de apreço e um rasgo democratico na sua vida faustosa. Os rapazes d'aldeia sentiam-se engrandecidos dentro dos seus fatos galileus e romanos. As tres Marias e a Veronica, apenas levaram aos beiços os copos de vinho, com medo de se descomporem nos vestuarios. Os anjos, sentados em duas bancadas, comiam gulosamente rebuçados, babando-se pelos cantos da bocca. Os irmãos do Santissimo, encarregados de os acompanhar, vieram buscal-os para os conduzir á presença do senhor Guimarães e dos seus hospedes, antes da procissão. O destroço nas cavacas, no pão de ló e no vinho era feito, pelo Velho Simeão, por José d'Arimathéa, por Caiphás e Pilatos, que se mostravam altivos; pelo Evangelista e especialmente pelo Centurião e os seus doze romanos, que promettiam não sahir d'alli, em quanto houvesse uma gotta nos cantaros e nas garrafas.

O filho do Cancellia, estava arrogante, animando os seus com manifesto prejuizo dos superiores, Caiphás e Pilatos, não obedecendo ás palavras judiciosas do piedoso Simeão, que bebia menos por causa da barba, e recommendava aos outros compostura:

—Olhem que tomam por ahi alguma carraspana! É melhor voltarmos cá, outra vez, no fim de tudo.

—Isso é o que tu querias—retorquiu o Centurião. É dar-lhe, rapazes, até lhe chegar com o dedo.

E de tal modo comprehenderam estas palavras, que ao sahirem da tulha, Cancellia e os seus homens, levavam todo o seu animo e arrogancia natural, fortalecida pelo vinho.

—Grandissimo odre—disse-lhe com inveja o Simeão da barba, perdendo a suavidade, que era da indole do seu papel.

Os *Passos* começaram pelas duas horas. O itinerario foi combinado de modo que primeiro que tudo passassem á porta do senhor Guimarães, que seguia o andôr principal, como festeiro. A todas as senhoras que estavam á janella da sua casa d'azulejo, em especial a sua esposa, fez uma larga reverencia, passando ao mesmo tempo a mão na barba. Uma das coisas que mais impressionou a gente postada nos valados, foi o terem os anjos azas! Isso que concordava perfeitamente com o painel do altar mór, que representava a Annunciação, nunca elles tinham visto! E iam todos muito ricos, de setim branco e lentejoilas. Os melhores eram evidentemente os vestidos em casa de D. Maria de Refuinho, apesar de que os da mulher do sachristão e os da Lindoria, tambem não havia que lhes dizer:—ambas tinham sido creadas de conventos em Vianna. Cada anjo distinguia-se pela sua especialidade nas insignias de martyrio, em recordações da celebre *paixão*; era a coroa de espinhos, o martello, as tenazes e os pregos para crucificarem o Christo.

Havia dois que conduziam simulacros das escadas pelas quaes os verdugos tinham subido aos braços da cruz. Um rapasote, com

altivez para que todos reparassem, sustentava na ponta d'uma canna a esponja que servira ao fel e ao vinagre; outro era portador da lança com que se abria o sacratissimo lado. As chagas, em lacre vermelho, iam em salva de prata. A Veronica, rapariga esbelta, mostrava com ar piedoso, no santo sudario, a face penitente e ensanguentada do divino mestre. Quasi no fim iam as tres Marias, todas a par, cobertas de gaze preto e logo a seguil-as, S. João, o discipulo amado, com o queixo apoiado na mão esquerda. A Magdalena, uma rapariga casadoira, de longas madeixas encaracolladas cahindo-lhe nas espaldas nuas, caminhava em passo theatral, adeante do apostolo, e significava limpar abundantes lagrimas, deitando de vez em quando um riso de soslaio, ás pessoas conhecidas.

Entre os dois andores, o de Jesus vergando ao peso do madeiro, e o da Virgem lacrimosa que implorava do ceu piedade, ia o Cyreneu resignado e humilde logo em frente do Centurião, que commandava com arrogancia os seus doze companheiros. Eram rapazes escolhidos entre os mais espadaudos da visinhança. Orgulhosos dos capacetes prateados, das botas de montar, dos mantos vermelhos e das terriveis barbas, sustentavam intemeratamente as suas lanças, olhando em redor com provocação. O José Cancellia levando a insignia da videira, atiçava-os com olhares tremebundos e modos arrogantes de capitão. O povo manifestava-lhes a sua antipathia, principalmente ao José. Chamava-lhe ladrão, carrasco, ameaçava-o com o inferno. A Lindoria, não se teve que lhe não dissesse, quando elle passou:

—Barbas de chibo! Um tição por esses olhos é que tu querias!

Porém o Cancellia, apesar de carrancudo, não respondia. Pelos modos, parecia ter cabellos no coração, aquelle diabo—diziam todos. Os seus olhares furibundos sobre o Christo, não podiam constituir um peccado? Era realmente de mais. O Centurião do tempo dos judeus tinha a sua desculpa, porque não conhecia Jesus; mas este já ouvira muitas vezes os missionarios. Era fingido, bem se sabia, mas escusava de estar a fazer arremessos de lança, sobre a imagem que ia no andor; porque a isso é que ninguem o obrigava.

O atrevimento provocou da parte d'um visinho, um sarcasmo reprehensivo:

—Vaes-te ahi a fazer de chibante e logo rendes-te como um sendeiro!

—Não me puches—retorquiu o Cancelli—porque se vamos a isso, arraso tudo a pau.

N'este momento o *trombeteiro* deu signal para continuarem. Ao longe ouvia-se o alarido dos rapazes, que admiravam os prodigios de força, tanto do que levava o guião como do que sustentava o estandarte, pois eram bandeiras que pesavam muitas arrobas. A procissão seguia por uma encosta, no cimo da qual haveria o sermão do encontro.

Um limpido ceu de março cobria os campos, que principiavam a reviver para a alegria primaveral das cores e da luz. O sol glorioso batia de frente nos anjos, obrigando-os a piscar os olhos. As lentejoilas, os galões e os adereços faiscavam com ostentação. Todas essas innocentes crianças iam pomposamente levadas para o Calvario, pelos seus parentes, que lhes forneciam rebuçados em abundancia. A multidão commentava com amor a riqueza dos vestidos e as lembranças do martyrio. O som plangente e dolorido da musica, alastrava-se pelas campinas. O sermão do encontro, só commoveu algumas antigas beatas, que lagrimejaram encostadas aos carvalhos do largo. O pregador era um velho de voz pigarrada e bochecha cahida. Todos o conheciam e não lhe davam valor. N'esse dia memoravel, quem absorvia as atenções, era o padre Silvestre, que viera de Braga. Para o ouvir corriam os mais ageis pelo monte abaixo e atulharam a egreja com entusiasmo. Para os andores entrarem pediram auxilio ao Cancelli e aos da guarda romana. Á força de muito encontrão é que puderam abrir caminho. Houve gritos, exclamações injuriosas; mas as confrarias, os anjos e mais figuras, tiveram os seus logares. Tambem, o Centurião e os seus, foram logo, alli mesmo, pagos d'esse esforço, bebendo um cantaro de vinho que veio para a sacristia. Depois que tudo se acomodou como pôde, a egreja ficou silenciosa. A imagem do Redemptor e da

Virgem destacavam-se com energia, no horisonte do calvario, formado de nuvens caliginosas. Havia anciedade pelo apparecimento do pregador.

A figura grave do padre Silvestre mostrou-se no pulpito. Circumvagou a vista, desde o guarda-vento até a repousar na imagem do Christo, ajoelhado debaixo da cruz. O exordio foi longo, mas habilmente preparado n'um crescendo de dôr. Seguiu a vida simples do filho do carpinteiro de Nazareth, levando-o desde a malvadez de Herodes até ao baptismo no Jordão. Mostrou-o predestinado pelas prophecias, para a sua divina missão de soffrer o martyrio degradante que soffreu, por amor dos homens. Anteriormente á vinda de Jesus, a humanidade vivia numa escura masmorra, com porta, só para o inferno! As palavras da escriptura haviam de cumprir-se e era preciso o sacrificio d'um Deus, para salvar o mundo. *Elle* encarnou, soffreu, demorou-se trinta annos distante da patria celestial, para nos remir e dar exemplo. Nem que todos os homens vivessem eternamente em penas afflictivas, poderiam pagar tão infinita bondade! Por isso, na apaixonada peroração, o pregador, começou por considerar que estando dentro d'aquella egreja, só miseros peccadores condemnados aos rigores do inferno, convidava-os a que se prostrassem de bruços, para pedirem perdão a Deus dos enormes peccados, que todos haviam de ter, no logar mais intimo da alma.

Os gritos e soluços do povo sommavam-se, como elementos d'uma calamitosa tempestade. A gritaria das mulheres, que davam bofetadas nos seus filhos para os obrigar a carpir e conservarem memoria d'este sermão, esfusiavam no ar como uivos de vento. O pregador, para tomar mais pathetico o discurso, quil-o ornamentar com a conversão *d'um infiel*. O infiel era o Centurião, o filho do Cancellia, no qual ia experimentar o poder extraordinario da divina palavra.

Desde o principio se reconhecera, que o José estava casmurro; pois que, a despeito de todo o povo chorar, elle sempre se mostrára

atrevido, olhando o pregador com altivez. Os seus soldados tambem o acompanhavam no ar insolente. Algumas pessoas que estavam no segredo do que se passava, attribuiam aquella chibancia ao ultimo cantaro de vinho. O pregador, ignorante do facto, antes o julgou muito bem compenetrado do papel. Por isso começou por pedir aos fieis, que o acompanhassem na exhortação que ia fazer. Como as toupeiras que não tem olhos para a luz do sol, aquelle desgraçado não tinha meio de presenciar o encanto da luz da divina graça. Vivia em trevas infinitas, d'onde só podia sahir pelo enorme poder do Senhor. E estendendo-lhe os braços paternaes, pediu suavemente:

—Rende-te Centurião!

—Rende-te Centurião!—acompanharam os circumstantes, n'uma voz chorosa e precatoria.

O filho do Cancellia, que passeava soberbamente no calvario, parou cofiando a barba com magestade e affirmou resolutto:

—Não me rendo!

O Agrella, que estava alli perto, disse-lhe de modo que elle ouvisse:

—Não te rendes! Isso logo se verá meu pedaço d'asno.

Evidentemente, esta ameaça do alfaiate perturbou a vista do esforçado Centurião. Por entre a longa barba, sahiu-lhe um bafo enfurecido de colera, e se não fora a especial situação, era capaz de lhe quebrar a cabeça com a lança.

O pregador, tendo limpo os beiços ao lenço, segundo a convenção, continuou exhortando o infiel e pediu-lhe com mais instancia. Pintou, deante do povo absorvido na sua palavra santa, o triste estado d'aquella alma obcecada, recusando receber em si a divina luz! Empregou maior energia de phrase, foi mais caloroso e persuasivo. O povo seguia-o, supplicando com elle, levantando clamor cheio de lagrimas. Ao segundo *rende-te*, quando o pregador mudou o lenço para o meio do pulpito, o Centurião respondeu cathegorico:

—Não quero, não rendo!

—À terceira nós veremos—afirmou de novo o Agrella, que estava certo do que se passara entre o José Cancellia e o pregador.

O padre Silvestre investiu no ultimo pedido, dando-lhe a forma de objurgatoria. Para ser mais solemne, começou em tom simples, subindo gradualmente até ao intimativo.

Já via na frente do Centurião um principio d'arrependimento. O grande Deus ia feril-o com um d'esses raios de divina onnipotencia, como ferira Paulo na estrada de Damasco, como ferira o impio Agostinho, e o proprio Moisés na montanha. Não podia consentir-se que vivesse entre christãos, uma alma peccadora e impenitente. A conversão havia de dar-se a preço da propria morte, porque o Senhor usa de todos os meios, para chamar a si as almas!

O filho do Cancellia, perseguido d'ameaças, não se commoveu. Porém, quando o pregador o equiparou aos grandes santos, já parecia amollecido no seu espirito de resistencia. O povo chorava e clamava em altos gritos, o peito enchia-se-lhe de ternura e arrependimento. Talvez fosse melhor acabar com aquillo, prostrar-se por terra, como tinha promettido. O pregador mudou o lenço para a direita e concluiu com voz energica e grave:

—Abre esses olhos peccador! Rende-te Centurião!

—Agora!—intimou o Agrella.

O chefe da guarda romana fixou no pulpito um olhar atrevido. Julgou-se indigno da fama que tinha de valente se obedecesse á voz do Agrella. O vinho dava-lhe coragem e audacia. Tomando a lança ás duas mãos, bateu uma forte pancada no pavimento e respondeu ao pregador:

—Tenho-os bem abertos. Não me rendo! Não e não! Obrigue-me!

Depois d'isto a situação ficou inteiramente perturbada. O padre Silvestre teve uma paragem de surpresa. Não sabia o que aquillo queria dizer. Teria havido algum esquecimento ou engano?! Para que o rapaz percebesse melhor, tornou a pegar no lenço, suspendeu-o no ar e collocou-o á direita. Á voz imprecaviva do sacerdote, juntava-se o clamor plangente e formidavel do povo. Pois

que! O filho do Cancellia tinha duvida em reconhecer o enorme poder da Omnipotencia! em se rojar diante do Senhor dos Senhores, do Rei dos Reis! em reconhecer que o Immaculado Cordeiro veio morrer fragilmente na forma humana, só para nos remir e salvar! Estranha e incomprehensivel cegueira! Empedernido no peccado, devia estar aquelle coração. E pediu-lhe de novo que se rendesse, que attendesse á commovente voz de todas aquellas mulheres que o exhortavam e no meio das quaes estaria sua propria mãe.

As pessoas gradas pareciam irritadissimas. O brasileiro Guimarães lembrou-se de o mandar prender; mas o desembargador João Xavier, achou isso improprio do lugar. Enviaram o Zé Maximo, que lhe disse com moderação:

—Rende-te, diabo! Olha que o homem já está rouco.

—Deixe-o estar!—respondeu succintamente o Centurião.

Todos se mostravam inquietos. Semelhante cabeçudo, merecia boa doze de páu—opinavam.

O pregador estava esfalfado. A sua voz, já pouco distincta, era coberta pelo alarido que enchia a egreja! Ouviam-se supplicas, ameaças, palavras soltas, gritos, creanças a chorar...

O filho do Cancellia, de cada vez se inculcava mais firme, no proposito de se não render. Foram pedir ao pae que lhe impozesse a obediencia; porém o velho, que sempre tivera prosapias, mostrou má vontade de interferir. Opinou que o rapaz se renderia quando entendesse, que o deixassem lá, elle sabia bem do seu papel. Não era a primeira vez.

Tudo parecia perdido. O padre Silvestre, exausto de forças, furioso contra aquelle maroto, arrancou do peito um grito sublime. Com a colera estampada no rosto, dirigiu-se ao povo, e apontou vivamente para o Centurião clamando:

—Aqui d'El-rei! contra aquelle maroto! Prendam-no que foi elle que matou Nosso Senhor Jesus Christo! Povo! Faz justiça por tuas mãos.

Os das confrarias largaram as tochas e correram em tropel. O chefe dos soldados romanos preparava-se, juncto com os seus homens, para levarem tudo á bordoadada. Só então é que o velho Cancellia se adeantou, agarrando o filho pelo tronco:

—Eh! Zé. Que diabo é isso! Rende-te que já fizestes a tua figura, home!

Elle então, arrumando a lança para um canto, submetteu-se:

—Como vocemecê pede, vá lá! Se não ia tudo razo!

Depois na sachristia, o Guimarães, furioso, disse-lhe:

—Precisavas que te mettessem um páu, entendes? Culpa tive-a eu em mandar o cantaro de vinho. Não eras tu que fallavas, não.

O abbade, esse, mesmo d'estola, quiz-lhe esmurrar as ventas. O pregador é que lhe agarrou n'um braço, socegando-o:

—Deixa-o. Quem lhe hade pôr uma farda ás costas, sou eu. Lá é que ellas se pagam. Moinante!

O filho do Cancellia, ouviu-os com ar sizudo, sem responder. A vista toldou-se-lhe quando o ameaçaram. N'um impeto de colera, arrancou as barbas postiças e arrumando com ellas ao chão, disse sahindo para fóra:

—Ainda um raio me parta se eu tornar a fazer de Centurião! Macacos me mordam, se pozer outra vez isto na cabeça!

E atirou ao meio da herva do adro, o bello capacete prateado, que foi ter a distancia.

O abbade, ainda se chegou á porta dizendo-lhe deante dos homens que alli estavam:

—Ah! bom marmelleiro! Levem d'ahi esse odre de vinho, antes que eu lhe ponha os ossos num feixe.

Em casa do pae, custou muito a socegal-o. Foi preciso deitarem-lhe uma chapoeirada d'agua fria para o acalmar. O somno que dormiu, foi de mais de doze horas!

Fevereiro de 86.

A TRUTA GRANDE

Lá está o padre João, a dormir na sua cadeira de braços, debaixo da fresca lata! Peito ao léo, as abas do amplo casaco de lustrina pendentes, breviário para um lado, lenço para outro, caixa do rapé na mão, o ventre arfando pausadamente... É todos os dias assim, depois de jantar, no tempo dos calores. Para avaliar a tranquilidade de certas almas, é melhor sentir-lhe a respiração suave, do que ler, tudo quanto pensadores e casuistas, tem escripto acerca de moral. E julga-se um homem accordado, o sereno eclesiástico, pois regouga palavras incompreensíveis! Em que bello paiz de sonhos trabalhará a sua ideia?! Sorri-se, o labio papeja-lhe de contentamento... É que está á borda do rio, a canna de pesca firme, o olho interessado, a respiração silenciosa. Rabea-lhe em volta da isca e em breve a morderá, o peixe guloso e estúpido. A superficie da agua é serena. A transparencia deixa ver o fundo limoso e, talvez, a truta grande, com a magestade do seu nadar, passe altiva, a distancia.

Ah! magnifico padre João, como estaes evidentemente enganado! Os tremulos e repetidos puxões que vos agitam o corpo, ebrio de goso, não são do peixe a depennicar na isca, são as gallinhas em cata de moscas. Ellas é que vos tiram pelas abas sebentas do casaco de lustrina, querido e obeso, padre João!...

O dia era d'agosto e bem quente. Atmosphera tremula e translucida, como se fora de crystal fundido. No rio, as lavadeiras entoavam canticos religiosos aprendidos com os missionarios e modas profanas colhidas dos cegos que passavam. Nos campos em redor, áquella hora, não havia murmúrios do trabalho, pois já tinham acabado as sachas e as mondas. As regas, essas faziam-se de noite. Eram duas da tarde e entram no quinteiro os discipulos do latim. Ao verem o respeitado mestre, tão docemente adormecido,

deixam-no em paz e vão gazejar para os lados do rio. O porco foi menos condescendente. Tardava-lhe a lavagem e principiou a grunhir em volta do quinteiro, parando com o focinho erguido para a cosinha. Este barulho espertou o excelente ecclesiastico. Primeiro abriu um olho, depois outro, conservando-se alguns minutos em contemplação, mãos crusadas sobre o ventre. Parecia contar detalhadamente os doirados cachos que formavam um docel sobre a sua cabeça! Por fim ergueu o tronco considerando:

—Então não me ia deixando dormir?! Pois não é o meu costume. Ó Luiza!—chamou repetindo tres vezes.

Uma voz de dentro da casa respondeu:

—Não posso lá ir. Estou a arranjar a lavagem. Não ouve o pórco?

—Tem piedade de mim, moça—exhorou o padre João. Tenho esta bocca como um pau velho.

—Tambem, está sempre com seccuras!

Mas a rapariga compadeceu-se. Primeiro que tractasse do porco foi á adega, trouxe uma infusa de vinho, collocou-a desceremoniosamente no chão, juncto do amo que disse:

—Deus t’o pague mulher! Deus t’o pague! Se não fosse isto, nem hoje podia dar lições.

Com sorriso beatifico, pegou na infusa, repimpou-se na cadeira e começou *glou, glou, glou...* até um final de saciedade, que consistiu n’um prolongado ahhh!...

A creada, voltando com a lavagem, disse:

—Já ahi vieram os estudantes, mas como vocemecê estava de papo p’r’o ar, lá se foram derriçar co’as raparigas p’r’o rio. Não lhe tem respeito nenhum—censurou.

—Que respeito queres tu que me tenham?! Deixa-os lá, esta vida são dois dias. Gostam das moças? Tambem eu já gostei... e ainda gosto—concluiu arregalando olhos bregeiros.

—Um padre velho, sempre falla d’um modo...

—Historias! Velhos são os farrapos. Vae-me chamar esses estudantes. Se não aprendem latim, não serão nada. Latim é a base. Vae-os chamar, anda.

E acabou de emborcar o resto da infusa, com um beber sereno de satisfação. A creada reprehendeu-o:

—Todo elle é vinho. Quando não está, p'ra lá caminha.

—O que, bebedo? grandissima cachorra. É coisa que nunca me viste, mentirosa. Gosto da pinga e de ti; mas não me embebedo com estas coisas.

—De mim! Arreda, que me quero casar.

—Com esse garotaço que te namorisca? Has-de casar sem banhos, nem benção, eu t'o affianço. Vae-me alli chamar os estudantes, anda.

—Vá você, que tenho a massa a aziumar. Se hade tornar a adormecer...

Luiza subiu a escada de pedra para a cosinha. O padre João levantou-se sem resistencia, sahiu o portal e foi pelo carreiro abaixo, com o lenço vermelho a resguardar-lhe a cabeça, do sol. Chegado á margem do rio, lá viu os discipulos brincando com as lavadeiras. Muitas d'ellas levavam a coisa de galhofa; outras enxotavam-nos com pragas. O professor não se encolerizou, apesar de alguns estarem a fumar—o maior de todos os vicios, e que elle odiava do fundo d'alma. Toda aquella alegria e mocidade lhe arejou os sessenta annos. Enamorado da juventude, quedou-se a contemplar o quadro cheio d'animação. Benevolo e risonho, fatiava consigo mesmo.

—Não querem ver como se arreitam? Ora, ora, já a formiga tem catarrho!...

Levava o lenço ao nariz para enxugar o pingo da distracção. Escondido por detraz d'um choupo, interessava-se na contemplação d'este quadro virgiliano. Absorvia a fundos haustos o ar impregnado de terriveis prazeres, que lhe revolviam os nervos. Recuava

quarenta annos, ao tempo das rapasiadas, dos bons acasos, quando apalpava contornos e sentia na aproximação da carne, coisas de mil demonios. Talvez que ainda recuasse mais, á famosa idade em que a imaginação trabalha inquieta, creando gozos, adivinhando extasis e vive de imperiosos desejos, que entumescem. A physionomia graciosa do padre João, expandia-se á vista do quadro simples e primitivo—o beijo tremulo revelava o seu interior. A paisagem era encantadora, a corrente da agua arrepiava-se nos seixos; na mente do mestre de latim só podia haver quadros pittorescos de antigos faunos, a rirem juncto de fontes, em florestas edylicas.

—Olha o Esteves—commentava—como repara nas pernas da Clementina! Grandissimo tratante! Talvez não saibas o *Sum, és, fui* e estás ahi com esses olhos. Como já tem malicia! Mas que maliciasinha! mas que maliciasona!

Limpou precipitadamente outro pingo. Humedecia os beijos com a lingua, como o guloso de bellos manjares. Tudo aquillo o interessava. Sentou-se na relva por traz da arvore. Tomou uma abundante pitada, fungada em tres tempos, com todas as precauções para que o não presentissem.

—Ahh!!!...—respirou.

Queria ver onde aquillo chegava. Não podia ser grande coisa, estava muita gente, as mulheres velhas são experientes. Alguma apalpadella, um empurrão, talvez cocegas para fazer cahir as raparigas. Lá adeante, no meio do salgueiral andava a Victoria a estender a roupa e cantava o *Afasta, janota, arreda*. O padre João via-a pelas costas, o tronco inclinado sobre a relva, as ancas largas, as rijas barrigas das pernas, á mostra. Rapariga saudavel, muito alegre, amplo seio destinado a fecunda maternidade. Disiam que namoriscava o filho do sachristão; mas de quem ella parecia gostar verdadeiramente, era do praticante da botica, que lhe dava fartura de banha de cheiro, para o cabello. Trabalhava distante das outras lavadeiras, no coradouro, e para molhar as teias que lhe estavam confiadas, mettia-se no rio até aos joelhos, atirando agua ás manadas. O sol faiscando sobre a areia do seixal enlanguescia os

corpos, estonteava as cabeças. A Victoria desapareceu entre os salgueiros, para os lados onde não havia gente. E pouco depois, o discípulo mais graúdo do Padre João, o Thomaz do mercador, para lá se dirigiu, assobiando disfarçadamente.

—Olhem o moinante! Não querem ver?—rugiu o mestre do latim.

Porem, mais longe, n'uma clareira, a moça, reappareceu. O padre d'alli mesmo se pôz a vigiar, que não houvesse qualquer coisa. O estudante encontrou-se com a lavadeira, quiz effectivamente agarral-a, mas a rapariga esquivou-se-lhe, correndo adeante d'elle, furtando-se por entre troncos d'arvores. O ecclesiastico para ver melhor, levantou-se, seguia-os com prazer, inclinava-se para um lado e para o outro, punha-se nos bicos dos pés.

A Victoria a dar gargalhadas condescendentes, gritava pelas companheiras, ameaçava com um gongo o preseguidor. «E pilha-a.» «E agarra-a...» «Agora... fugiu...» «Lá cahiram ambos...»—ia elle commentando, conforme os cambiantes da lucta.

—O diabo é o Thomaz! Não escolheu mal o patifão—considerou, quando os dois, junto um do outro, conversavam sensatamente.

Mas o aspecto de conciliação perturbou-se. O estudante perseguiu de novo a rapariga que lhe fugia, gritando. A Lindoria ouvindo, correu para o sitio, cheia de fervor beato.

Ralhou, esbracejando descompostamente. A sua gritaria era para denunciar o rapaz, ao longe: «Maroto, metta-se com quem lhe der trela, não ande a desinquietar as almas». Ameaçou o estudante com o pae, com os missionarios, com uma queixa ao professor, com o inferno.

—Ah! tambem não é coisa para tanto—disculpava o sacerdote comsigo. Elle não fez mal nenhum.

Mas Lindoria não era d'este modo de pensar. Como Thomaz e outros companheiros lhe retorquiram com palavras feias, ella enfurecida e descomposta, subiu pelo carreiro, mesmo direita á casa do padre João. E berrava pelo caminho:

—Seus tratantes. Hão de dar grandes padres ou doutores. Padres! Abrenuncio! Eram capazes de dar cabo do reino dos céus. Ah! Vossa Senhoria já ahi vem? É que ouviu esta pouca vergonha!

Tinha dado de frente com o ecclesiastico, que retrocedera no caminho, para fingir que vinha de casa. A Lindoria, presumindo-lhe a ideia da procura dos discipulos, indicou-lhos:

—Estão alli senhor. Tire-lhes a pelle das mãos pelo amor de Deus, pelas cinco chagas, senhor padre João. Olhe que não sabe os marotos que tem!

A figura do mestre de latim, quedou-se respeitavel no alto da ladeira. Com um gesto largo de commando, appontou aos discipulos o caminho da aula.

Vieram todos junctos, como um cardume de peixes. O sacerdote caminhou adeante, sem os esperar, com o lenço vermelho pela cabeça, as abas do casaco afastadas como dois remos. E susteve-se um momento voltando-se para traz, com o fim de os increpar:

—São estas as horas d'aula? Eu ha um rôr de tempo á espera!...

A beata ainda lhe quiz contar tudo, mas o padre João nem a quiz ouvir:

—Não me dás novidade. Conheço-os. Deixa-os por minha conta.

Os estudantes seguiram-no, com semblantes de pouco temor. Já tinham experimentado mais vezes aquella farronca. Eram, quasi sempre, os dias mais serenos e benevolos.

Debaixo da varanda alpendrada, onde o ecclesiastico dava lições de verão, que se iria passar?

O padre João fazia um barulho da breca. Movendo-se com uma presteza desusada, foi ao quarto buscar a palmatoria, para amedrontar. Não se queria ver entre os dentes de Lindoria, que era capaz de lhe inventar a peor fama. Aquellas paredes e aquella figueira, habituadas ás objurgatorias tytanicas de Tito-Livio, aos versos amplos do melodico Virgilio, ás palavras conceituosas do

velho Horacio e de Esopo, deviam estar atemorizadas, pela subita colera do professor.

Chegou a parecer iracundo—o sobr’olho carregado, os beiços estendidos, o rosto afogueado. Os rapazes curvados sobre os livros, já se não riam. O padre, abrindo o Virgilio, disse desabridamente:

—Tradusa as Eclogas, senhor Magalhães. O senhor Thomaz emenda. Por cada erro uma palmatoada no primeiro e duas no segundo. Vamos a ver se são tão fortes em analyse, como na bregeirice.

Os mais pequenos, com as grammaticas abertas sobre os joelhos, estavam pallidos! Nunca o tinham visto assim! Respirava-se alli uma atmosphaera de terror. O mestre tinha baforadas de colera, batia com a palmatoria sobre a meza, arrumava os livros com impeto. O seu fim era crear em volta de si, um ambiente de respeito.

A consciencia gritava-lhe que não seria bastante punidor; mas estava resolvido a amedrontar a propria consciencia.

Para estabelecer uma intransigencia material entre si e aquelles que ia julgar; para se recolher absolutamente no grave papel de juiz, cobriu o rosto com o Virgilio. Não desejava ver os reus. Nenhum aspecto de humildade ou compuncção o tocara!

O Thomaz era o melhor dos seus estudantes. Traduzia Virgilio com elegancia, penetrando-lhe as subtilidades litterarias. Foi elle quem principiou a licção e não o Magalhães, como ordenára o professor. O padre João conheceu a manha. Deixou-se enganar, até lhe achou graça. Um ligeiro sorriso (o primeiro na tempestade do seu rosto), abriu-se como uma flor de cacto. As paisagens tepidas e enganosas, d’uma suavidade extensa, principiaram a desenhar-se-lhe deante dos olhos. Tityro e Melibeu philosophavam na sua linguagem culta e suave, como o murmurio dos regatos. A pastora das florestas, idyllicamente á sombra das arvores, dizia do seu peito coisas ternas ao pegureiro amado, que tangia frauta rude, juncto d’um ribeiro. O verso sahia claro, levantando-se n’uma cadencia adormecedora. Havia as messes côr de manteiga, enchendo de

riqueza o valle; na encosta estendiam-se rebanhos de cordeiros, que balavam por suas mães. Esta completa abstracção de materialidade, foi gradualmente enternecendo o mestre encolerizado.

Ao fim de poucos minutos, já respirava uma atmospheria de bondade natural; havia descoberto o rosto incauto. Não déra pela transição. Foi acompanhando em voz alta o discípulo que em breve o deixou só, limitando-se a ouvil-o. Pouco depois, o professor estava de pé, no meio da varanda, lendo com enthusiasmo, elevando-se nas maravilhas da contemplação egoista do poeta! Desapparecera o mestre iracundo, não havia palmatoria. Boquiaberto, diante dos discipulos, exclamava:

—Como isto é bello! Como isto é bello!

Foi-se á caixa do rapé, tomou farta pitada, fungou-a sem reboço, de pernas escachadas. Cahiu extenuado de prazer, na sua cadeira magistral. O Thomaz, que era velhaco, aproveitou o momento para dizer:

—Não sabe o senhor padre João, o que nós vimos ha bocado?

—Que foi?—perguntou.

—A truta grande, a serenar, encostada á pedra branca!

Tornou-se pallido e extatico! Endireitou-se na cadeira e disse, esforçando-se por se mostrar tranquillo:

—A truta grande, que anda ahi no rio!?

—Vi-a com estes.—insistiu o discípulo. É assim!— designou o comprimento d'um braço.

Estes maliciosos conheciam-lhe o fraco, como toda a gente. Muito mais do que apaixonado amante dos classicos latinos, era um pescador de canna. Esta paixão soturna é que lhe enchia a existencia. Por ella esquecia deveres sacerdotaes, obrigações escolares e a propria comida. Borracha á cinta, um naco de brôa, azeitonas... e lá andava um dia inteiro, pela margem do rio, para

baixo e para cima, a cocar. Principalmente se o peixe picava, se enchia o cacifre, o seu gozo era infinito. Só para algum *Senhor fóra* é que tinham ordem de o chamar, com tres badaladas no sino da torre. Esta ideia d'um moribundo se preparar para ir á presença de Deus, era mais forte. E resmungava ao enrolar a sedela:

—Como é para coisa d'estas, não ha remedio.

N'estes termos, habil foi o estratagema dos discipulos, para se lhe apoderarem do espirito benevolente, e conseguirem o sueto que desejavam.

O caso, apontado pelo Thomaz, era grave. Havia annos que elle, ao desafio com o morgado da Torre Velha, procuravam a gloria de pescar a famosa truta grande! Era um animal matreiro, raramente se mostrava fóra d'um fundo poço, onde as redes se não arriscavam.

Juncto da pedra branca, só a tinham visto, duas ou tres vezes. A revelação do discipulo fez com que o padre João desconhecesse immediatamente os encantos bucolicos de Virgilio, as pompas litterarias de Tito-Livio. Deante de si, não tinha o criminoso que minutos antes lhe arrancára berros de colera; só via o individuo, que possuia um conhecimento para elle inestimavel.

—Então era a truta grande! Tu vistel-a bem?! Tu conhecel-a?!

—Se vi! Se conheço! Estava a serenar muito junctinha á pedra. Quando vinha á tona algum bichinho a rabear, ella nadava depressa e, zaz, abocava-o, dando um pulo fóra d'agua.

—Oh! com mil demonios!—exclamou.—Oh! minha Virgem Santissima, que lhe vou metter o anzol, mesmo na guela!

E depois um pouco mais sereno, no abatimento produzido por uma onda de gozo considerou:

—Ha quantos annos ando eu atraz d'essa ladra! O dia hoje está quente... Sol de trovoada, é bom p'ra coisa! Que dirá o D. Luiz, quando souber?...

Mostrava nas palavras verdadeira energia de luctador; o seu campo de batalha era aquelle.

De entre muitas cannas, suspensas ao longo da parede da varanda, escolheu a que tinha ponteira mais flexivel e resistente. Da gaveta da sua banca de professor, tirou uma sedela de côr verde-agua.

Calculava tudo para ficar victorioso, n'esta peleja que durava annos. Alli não havia mestre, nem discipulos. Os rapazes davam-lhe conselhos, offerciam-se para ir ás minhocas, e o Thomaz achou muito grossa a sedela:

—És tolo—retorquiu o mestre. Não ves que é uma truta do tamanho d'um savel! Se a apanho, vocês tem feriado tres dias! Como ficará o D. Luiz? Ai! que regalo.

O morgado da Torre Velha era o seu competidor na pesca á linha.

Encontravam-se frequentemente n'este desafio tacito. A cada peixe que um encacifrasse, o outro fazia um cumprimento espalhafatoso, mas odiento. Ambos se julgavam com eguaes direitos, á creação de todo o rio. A truta grande, porém, como um e outro tinham jurado apanhal-a, era motivo de mais grave conflicto. Por causa d'ella tinham feito pesquisas especiaes. Iam de noite, de dia, nas occasiões das cheias para juncto da azenha; porque, de vez emquando, o formoso animal vinha-se alli refrescar, nas aguas correntes.

Estudavam em separado, os estados climatericos, para calcularem o momento proprio de conseguirem o seu fim. Quando a qualquer d'elles parecia opportuno, tomava a canna precipitadamente, e ainda que o jantar estivesse na mesa, abalava para o rio. Muitas foram as desillusões, fadigas e contrariedades; mas tudo venciam com tenacidade heroica. A dormir e acordados tinham momentos de subito terror: cada um via o outro, apparecendo victorioso, com a truta presa do anzol, usando de mil habilidades para a trazer á margem, sem partir a sedela. Porém n'esta occasião o mestre de latim (talvez ainda resto do espirito de rigorismo com que entrára na varanda) entendeu que devia continuar as licções e disse encostando a canna ao canto:

—Vamos primeiro acabar as licções.

Os discipulos entreolharam-se aterrados! Por esta é que elles não esperavam. A lembrança feliz não sortira effeito. Uma risonha invenção, reduzida a nada. O plano de irem roubar n'essa tarde certas uvas doiradas, completamente gorado! Todos os rostos se voltaram para o Thomaz, que estava cabisbaixo e confuso. Porém, neste apuro, foi o sonso do Esteves, que fallou:

—A estas horas, já está por lá o senhor D. Luiz, com a sua canna...

O padre João, deu um pulo na cadeira e perguntou rapidamente:

—O senhor viu-o passar!?

—Não senhor; mas no outro dia pediu ao moleiro que, quando ella por alli apparecesse, o mandasse chamar.

Era quasi tão terminante como se o tivessem lá visto. Seria mais acertado partir immediatamente, antes que o da Torre Velha tivesse denuncia. Tornava-se indispensavel tomar-lhe a deanteira.

—Bem, bem... Essas licções na ponta da lingua para amanhã. E não me vão para o rio, por causa das lavadeiras. Não gosto da lingua da tal Lindoria, que vae por ahi badalar... badalar...

Partiu de canna ao hombro e n'um passo diligente. *Deus nobis heac otia fecit*—segredava comsigo. Os discipulos fugiam para o outro lado, com medo que ainda lhe desse a tineta, de voltar para traz. Corriam pelos caminhos, davam saltos, guinchos... O Thomaz lembrou-lhes o que disse o padre João, porém elles, não se importaram, continuando a correr e a gritar sem fazerem caso.

Na margem do rio, o sacerdote, armou-se de todos os cuidados para não ser presentido do esperto animal. Ao dirigir-se á pedra branca, os passos eram miudos, evitando as folhas seccas, que gemem debaixo dos pés.

Que enorme prazer de vingança! Iria passar á porta do morgado, com a truta pendente da mão. «Olha lá! rala-te p'ra'hi!»—havia de

dizer mentalmente. Nunca houve bandido que espreitasse com mais sagacidade a sua victima.

Já de longe levava a canna prestes, a sedela colhida na mão para a lançar imprevistamente. Estava a pouca distancia, quando estacou, pallido de colera! O D. Luiz, surgíra n'esse momento da porta da azenha, seguindo rio acima com o anzol tambem prompto!

—Olhem o excommungado do barbaças que teve denuncia!— exclamou o ecclesiastico. Bem disseram os rapazes!

O fidalgo, homem edoso, corpulento, tez morena das soalheiras, olhar emprehendedor, tambem o viu e, provavelmente, faria identicas reflexões.

Comprimentaram-se com sorriso desdenhoso e n'esse instante abriu-se entre elles uma lucta colossal.

Estavam quasi a mesma distancia. Approximarem-se atabalhoados era inconveniente. Tanto um, como outro comprehenderam a gravidade do momento. O peixe era um só e decerto não teria a condescendencia de pegar nos dois anzoes ao mesmo tempo. O padre João humildou-se. Fez ao inimigo um signal em que pedia uma tregua, com o fim de parlamentarem. As circumstancias exigíam prudencia e ambos se afastaram da margem, para virem á falla.

O padre disse primeiro:

—Assim não póde ser, morgado. Nem p'ra mim, nem p'ra Vossa Senhoria!

—Que quer você que lh'eu faça? O rio não é grande?

—Mas a truta é uma, e se vamos á porfia escapule-se. Vossa Senhoria sabe que ella está alli.

—Palavra que não! Porque diabo não está você a dar aula aos seus rapazes?!

O sacerdote, zangado comsigo por lhe ter denunciado a truta, não pôde supportar-lhe a censura:

—E porque diabo não está o senhor a dormir a sua sesta! Ora é muito fina!

Estavam furiosos um contra o outro; mas a ocasião era inoportuna para se descomporem. N'esse momento, juncto da pedra branca, a superfície do rio enrugou-se, a agua espadanou e um peixe enguliu um insecto que vinha nadando.

—Seria ella?—rugiu o D. Luiz, com vontade de matar o padre.

—Ná...—opinou este fazendo-se forte—Ella ha de fazer mais mozza.

No fundo ambos acreditaram que podia ser. «Maldito sotaina!» «Maldito barbaças!»—insultaram-se mentalmente.

—Bem—disse o padre. Dois ao mesmo tempo é que não póde ser. Quer Vossa Senhoria que se tire á sorte quem ha-de ir?

—Valeu—concordou o fidalgo.

D. Luiz tirou um pataco do bolso e perguntou:

—Cruzes ou cunhos?

—Cruzes que eu sou padre. Agora trapaceie, se lhe parece.

—Não tenho os seus costumes, seu bebedo!—respondeu o fidalgo, mostrando na palma da mão as cruzes da moeda.

E atirando ao ar o pataco com força, viram-no cahir a distancia. Os dois pescadores correram cheios de commoção.

—Cunhos!—gritou o morgado ao ver a papuda effigie do rei D. João VI.

O padre João acceitou resignado a sentença. Encostou a um valado a canna, tirou prodiga pitada da caixa de prata e foi-se sentar n'uma pedra trauteando cantochão, talvez pela mesma razão que tem os condemnados á morte, para pedirem que rufem os tambores, junto do cadafalso. D. Luiz augmentava-lhe o supplicio, caminhando vagarosamente para a margem. Dois annos de pesquisas e cuidados iriam terminar n'aquelle instante, pela victoria do seu

adversario? Desappareceria aquelle tropheu de gloria, que lhe dera tantos sonhos enthusiasts? Principiou a cantar alto, desvairado por um sentimento de malevolencia. O da Torre Velha advertiu-o:

—Isso é para espantar, padre João?

Callou-se ficando n'um abatimento triste.

la presenciar a sua vergonha. O dia estava magnifico. Com ar de trovada o peixe pica, que nem mil diabos! E figurava-se-lhe na imaginação a truta grande de guela aberta, aboccando a minhoca do barbaças. Era horrivel e desoladora esta possibilidade!

Mas porque é que o cubiçado peixe não havia de fugir? A maior parte das vezes é o que succede—consolou-se. A elle mesmo não lhe tinha acontecido? Ella a serenar, a serenar, muito quietinha, deante dos seus olhos, nem parecia coisa viva... Procurava o lado de cima, lançava o anzol a distancia para vir nadando pela agua a baixo como um bicho inexperto, e afinal, a truta que para elle era o animal mais intelligente da criação, escapulia-se por entre os penedos, que era um regalo! Quantas vezes isto lhe succedera? Uma infinidade.

Ainda outra consideração:

O morgado não era grande pescador de linha. Ignorava muitos segredos da arte sublime e não possuia todos os petrechos. Teria elle escolhido uma sedela bastante verde-agua para não ser percebida, e bastante forte para resistir aos repellões do valentissimo animal?! A truta é o peixe mais valente do rio, tem uma força que poucos apreciam. Talvez o seu antagonista não soubesse calcular essa rijeza—considerou.

Porém a gravidade do caso parecia ter dado ao D. Luiz uma intelligencia agudissima. Atirou calculadamente o seu anzol e seguia pela margem, com o olho álferta e prompto a dar a pancada, logo que chegasse o momento. O padre João teve vontade de fingir uma dôr, só para o perturbar. A anciedade do seu peito, crescia tumultuariamente, como oceano em furia. Aquella alma bondosa, teve a ideia repugnante de desejar uma apoplexia ao fidalgo! Mas

reconhecendo-se criminoso, por este mau pensamento, poz o coração á larga, tornou-se magnanimo e até, mentalmente, pediu a Deus, que deixasse o morgado pescar a truta grande. Mas o da Torre Velha relanceou-lhe um olhar triumphante e o padre João, logo mudou de parecer, rosnando:

—Ah! ladrão! que se ella te foge muito me hei de rir.

O instante verdadeiramente supremo ia chegar. O anzol já se podia calcular perto da pedra branca.

Que infernal chamma abrazava o peito do ecclesiastico!? Poz-se de pé, só para seguir nas minudencias toda a peripecia. O fidalgo, attento e subtil, empregava o maximo da sua intelligencia.

Afinal, sente a pancada! Curva-se a ponteira! O peixe estava preso!

—Ah! grande maroto, que m'a roubaste—exclamou o ecclesiastico.

O instincto obrigou-o a ser generoso. Gritou ao D. Luiz:

—Agora é não a deixar fugir.

—Elle é o deixa—respondeu com orgulho, o da Torre Velha.

Começou a lucta heroica entre o fidalgo e o peixe. O animal era valente, podia quebrar a sedela, se o quizesse tirar sofregamente do rio. Tambem podia acontecer rasgar-se-lhe o beijo ou metter-se debaixo d'alguma lapa, se não tomasse precauções. Para obstar aos inconvenientes era indispensavel cançal-o, com paciencia e perspicacia. Por isso D. Luiz attrahiu-o a um logar conhecido, e alli o deixou rabear, defendendo-lhe o mysterioso poço, onde a truta se podia enredar n'alguma raiz. Puchava-a vagaroso e com delicadesa, consentia-lhe prudentes guinadas para o largo, dava-lhe linha calculadamente.

Ao fim de cinco minutos, tanto o fidalgo como o padre João, reconheceram que o peixe estava prompto. Condescendia, deixava-se ir para onde o levassem, mostrava-se fatigado e manso.

O sacerdote, já resignado, seguia todas as manobras sem rancor.

—Ande que apanhou—disse. Puche-a para perto e deite-lhe a mão debaixo d'água, se não, ainda a vê por um olho.

O D. Luiz aproveitou o conselho.

Attrahiu manhosamente o peixe ao sopé do muro, para que lhe ficasse debaixo d'um terrouço. Depois desceu; deitou-se de barriga, tão baixo que as barbas lhe tocavam na água; introduziu um braço, guiando-se pela sedela; e, quando conheceu que lhe tinha um dedo na guelra, disse victorioso:

—Esta já não foge, padre! Que bruta que ella é!

Retirou o braço da água, ergueu-se, ficando com o peixe pendente.

—Olhem o que é! Um barbo!... um peixe reles!—exclamou o sacerdote.

D. Luiz da Torre Velha, assim ludibriado pelo acaso, teve a ideia de atirar com o barbo á cara do padre! Porem era uma injustiça—considerou. Que culpa tinha de tudo isto o mestre de latim?! O seu abatimento, gerado na fatal desillusão era patente. Pegou na canna, na sedela, no cacifre, no peixe e... zaz!... atirou tudo ao meio do rio.

—Nunca mais! Póde ter a certeza de que nunca mais volto a isto —affirmou retirando-se.

Abril—85.

UM CORVO E UM PAPAGAIO

(CONTO PARA CRIANÇAS, OFFERECIDO AOS MEUS FILHOS)

Isto passou-se no tempo dos animaes fallantes:

Um velho corvo, tendo de idade perto d'um seculo, n'um dia de muita chuva e vento, veio, já sem forças, poisar na beira d'um telhado. Este valente da amplidão dos ares, tinha perdido toda a arrogancia do seu porte; encolhido e a tremer não se podia já ter nas pernas. A extremidade amarellada das suas pennas, outr'ora tão negras, mostrava que padecia de velhice e de fome. Ao habitante eterno dos penhascos sombrios, ao motejador das tempestades que assustam os homens, coube-lhe o vir dar o ultimo suspiro da sua longa vida, perto do comedoiro farto e luxuoso d'um vulgarissimo papagaio real. Este, de papo cheio, e aquecido pelo ar tepido da cosinha, ao sentir a queda do corpo enfraquecido do corvo, perguntou d'um modo gracejador:

—Que é lá!? Quem passa?

Uma voz quasi soluçante, conservando a meiguice dum peito corajoso, e o vigor do suspiro d'um general moribundo nos campos de batalha, respondeu:

—Gente de paz, amigo. Descanço um momento.

—Olha um corvo!—gritou o papagaio cheio de medo. Aqui d'el-rei que me come! Antonio, acode!

Mas o corvo, com uma voz tranquilla e cheia de bondade, serenou-o:

—Não te assustes... Não tenhas a meu respeito a opinião do povo, que é errada. Sou meigo e infeliz. Tive filhos, casa, uma companheira de muitos annos e tudo isto me roubaram os homens.

Durante a minha vida d'um seculo, tenho visto mais barbaridades praticadas pelos corações piedosos, do que todas as que attribuem á minha raça maldita.

O papagaio, ainda receioso, mas cheio de curiosidade perguntou:

—Então não és feroz e cruel como dizem?

—Não. Tenho affectos; no alto dos meus queridos rochedos, muita vez escutei com prazer o canto dos passaros nossos irmãos e a alguns quiz imitar. Amigos meus e meus irmãos viveram entre homens, tornaram-se familiares, chegando a comprehender a linguagem que se falla. Eu sempre gostei do ar forte e da liberdade das montanhas. Hoje enfraquecido e cheio de fome fui arrumado para este telhado, pelo vento que toda a vida escarneci. Ha muitos dias que não como, dá-me alguma coisa d'isso que ahi tens?

—Não posso—respondeu o egoista.—O meu arroz mal chega para mim... Tu tambem o não comias. Do que mais gostas, segundo dizem, é de carne podre.

—Que remedio tenho eu, á falta de melhor? É o unico alimento dos infelizes que vivem nas solidões. Comemos tudo... a fome é negra. O teu arroz cheira tão bem... Dá-me um bocadinho? Poucos minutos me restam de vida. Deixa-me ao menos aproveitar da tua comida, isso que tu deitas fóra e desprezas.

Fez um esforço para voar; mas não podia. No entretanto esse mesmo movimento d'azas atemorizou o papagaio que bradou:

—Não te chegues, não te chegues! Tu o que desejas é comer o meu arroz e talvez engulir-me a mim mesmo. Nada de brincadeiras. Essa tua fraqueza póde muito bem ser fingida, para me enganares. Não te chegues, senão chamo o Antonio, o meu amigo cosinheiro, que arranja coisinhas boas para o meu papinho, e se elle vem, olha que dá cabo de ti.

O corvo, quasi agonisante, soluçava tremendo de frio e de fome:

—Não me odeies, lá por eu ter má opinião em toda a gente. No tempo em que era forte, quantas vezes não cobri com o meu corpo, muitos passarinhos que não podiam resistir á tempestade?! Fiz o bem que pude. Soccorre-me hoje, que estou para morrer.

O papagaio, desconfiado e vaidoso, temendo que o rustico habitante dos pincaros lhe sujasse a plumagem vistosa, ordenou:

—Então deixa-te estar ahi. Vou pedir ao Antonio que te deite um pedaço de carne, da que não presta. Talvez a não mereças; mas devemos ser caridosos—concluiu espanejando-se.

O velho corvo, já sem altivez, agradeceu com ternura na voz:

—Obrigado. Nosso Senhor t'o pague.

No telhado porém, não podia resistir aos impulsos do vento. Confiado, ou talvez contra vontade, deu um vôo, do beiral onde estava, para o poleiro, desculpando-se:

—Tem paciencia. Não posso estar alli. Comerei n'este cantinho a esmola que me fazes.

Mas a proximidade d'aquelle corpo sujo, volumoso, d'aspecto selvagem, assustou o timido papagaio real, que logo gritou fóra de si:

—Ó Antonio. Traz o pau!...

E esvoaçava sem querer poisar. Agarrava-se á corrente que o prendia ao comedoiro. Tremia de verdadeiro medo, elle saudavel e nedio, diante d'este habitante dos rochedos, que estava a dar o ultimo suspiro.

O cosinheiro, ao ver o corpo immundo e repellente, perto do seu estimado papagaio, exclamou irado:

—Olha o ladrão de um corvo!...

E dando uma pancada no animal desfallecido, atirou-o sobre o lagedo da rua, onde o desgraçado morreu logo. Em seguida, o Antonio com o fim de socegar o seu querido, passava-lhe com brandura a mão na cabeça dizendo:

—Calla-te loiro, não tenhas medo. Queria-te fazer mal? Levou a sua conta. Coitadinho do loiro, coitadinho do loiro.

Assim se cumpre, muitas vezes, a justiça na terra. Meus filhos, não se deve acreditar facilmente nas culpas d'aquelles que são infelizes, principalmente quando precisam de que se lhes faça bem.

Lisboa, Março, 85.

A VISTA DO SALGUEIRO

(CONTO PARA CRIANÇAS)

Ambrosio era velho e vivia n'uma casa muito pobre, toda esburacada e de telha vãa. Lá dentro, os ratos eram tantos como as formigas n'um carroiro; e elle, sentado ao lume, via-os ir e vir, sem mesmo ter medo d'elles. Por traz da casa havia um pequeno quintal, ao fundo corria o rio, e pegado estava o moinho, habitado pelo moleiro, homem que elle odiava mais do que a morte.

Na tarde serena d'um dia d'agosto, Ambrosio, foi visto na margem, sentado n'uma pedra, o queixo pousado nos joelhos, a olhar fixamente e pasmado para uma arvore do outro lado. O ceu era dum azul pallido; as aguas passavam silenciosamente, até entrarem na guela d'azinha, onde produziam um sussurro; a roda movia-se de vagar; porque a força do rio era pouca... O pensamento d'Ambrosio voava, n'um mundo de independencia e maldade, planeando vinganças contra o moleiro seu inimigo. Era um odio velho, nascido de conflictos diarios, aggravado por muitos nada de que, o do moinho, nem tinha consciencia. No corpo d'Ambrosio, magro como de feiticeira, passava-se no momento em que o viram a olhar para o triste salgueiro, uma lucta violenta e feroz.

N'esse dia, apparecera-lhe em casa, um bacoro de perna quebrada. Sem mais reflectir attribuiu logo o maleficio ao damnado visinho e foi para alli ruminar uma vingança, que o deixasse consolado. Tinha um coração de pedra este demonio de velho! Se não fora assim, como poderia gozar, inventando martyrios, n'uma tarde serena de verão, toda silencio e bondade!

Mas não se desprendia do terrivel desejo de matar o moleiro, com os maiores soffrimentos e castigos, que no mundo tivesse havido! Seria capaz de se vender ao diabo, só para conseguir o seu fim.

Veio-lhe esta ideia audaciosa e encarou-a resolutamente. Tão firme foi o seu pensar, que logo o diabo em pessoa alli lhe appareceu deante dos olhos, offerecendo-se-lhe para tudo, em troca da alma se elle realmente lh'a queria vender. Era figura bem conhecida, a que estava deante de Ambrosio:—meio homem, meio cabra; um comprido pello cobrindo-lhe o corpo; um rabo a dar para um lado e para o outro, como o d'um lobo; os cornos arrebitados na cabeça; e os olhos a coriscarem como dois carvões accesos. O velho não se atemorizou, e como desejava vingar-se do moleiro, sentiu o peito cheio de goso, quando o diabo lhe disse:

—Ouvi a tua voz. Aqui me tens. Aceito o teu contracto. Pede o que quizeres.

—Então tu é que és o diabo?—perguntou.

—Eu mesmo. Sou o que tudo posso depois lá do *Outro* (apontou desdenhosamente para o ceu). No meu reino posso mesmo mais do que *Elle*.

—Fazes-me tudo quanto eu quizer para matar o moleiro?

—Tudo, com tanto que me entregues a tua alma.

—E para que queres tu a minha alma?

—Para a guardar juncta com outras.

Ambrosio observou escarnecendo:

—Não acredito que faças bom negocio. Pelo que dizem os padres, a minha alma não presta. Dou-ta, mas has-de trazer-me aqui o moleiro pelo cachaço, e depois de bem amarrado e preso, deixares-me fazer o que eu quizer. Mas quero-o bem amarrado e preso, porque tenho medo, entendes?

—Se entendo!... E só queres isso?

—Se perguntas é porque estás em maré de franquesa. Então vá lá: Quero ser rei; ter muito dinheiro, muitos palacios, muitas cidades, muitos cavallos, coisas ricas para comer.

—Só isso?

—Co’a breca! Muito boa deve ser a minha alma para ti. Olha, já que offereces, quero uma sanfona, para tocar aos ouvidos de minha mulher, quando ella estiver a resmungar... Tu sabes; ás vezes leva noites inteiras ... ron-ron-ron... ron-ron-ron...

—E por quanto tempo desejas tudo isso?

—Essa agora é que nem parece sua, seu diabo! Isso por muito tempo.

—Não posso dar-te tudo por mais de cinco minutos.

—Cá me parece sovínice. Cinco minutos não é nada.

—É tempo bastante de gosares todas as coisas que pedes e de te aborreceres de todas ellas.

Ambrosio deu uma estrondosa gargalhada, que encheu todo o valle, repercutindo-se nos reoncavos visinhos. O diabo acrescentou:

—É como te digo. N’esse ponto te mostrarei o meu grande poder. Um minuto basta para eu fazer passar na tua vida, todas as grandesas da terra. Outro minuto para percorreres todas as grandes cidades do mundo. O terceiro minuto para tocares sanfona a tua mulher e ella morrerá de desespero. O quarto para matares com toda a pachorra o moleiro.

—E o quinto?—perguntou Ambrosio.

—Esse é para te aborreceres.

—Como tu és grande, diabo!—disse o velho entusiasmado. Aceito.

—Deixa tirar uma gotta de sangue das tuas veias. Com esta penna de mocho, molhada no teu sangue, has-de pôr o teu nome n’este livro.

O inimigo do moleiro sentiu uma picada no sangradouro e logo o seu nome appareceu brilhante como o fogo, na pagina onde o escrevera, obrigado por uma força irresistivel.

Depois um vento infernal levou-o pelo espaço. Tudo quanto via e gosava eram deslumbramentos e delicias. Corria-lhe o corpo um calor de mocidade. Ricos manjares eram servidos em pratos d'oiro; as festas mais divertidas e luxuosas, passavam-se em palacios de marfim e cristal. Camas formadas de fofas nuvens, appareciam dispostas para um momento de cansaço. Levado milagrosamente, passou sobre os mares onde ruem tempestades, viu a seus pés cidades cheias de bulicio e riqueza, os reis da terra offereciam-lhe homenagem! Os montes de perolas, oiro e diamantes já eram para Ambrosio coisas sem valor. Por causa d'um mosquito que lhe passou no nariz, teve uma rajada de colera, que fez tremer toda a terra!

Logo em seguida viu humilde e supplicante o moleiro, que já estava preparado para o sacrificio.

—Quero matal-o cá á minha moda—disse para o diabo. Hade ser n'um banco, escochinado, como um porco.

No momento seguinte estava junto de sua mulher tocando-lhe sanfona aos ouvidos. A pobre velha, entrevada na cama, havia muitos annos, supplicava com olhares, que lhe não atormentassem as ultimas horas de vida. Porém o marido, homem de coração duro, foi implacavel até ao fim e viu-a morrer no meio de soffrimentos horriveis. Depois é que deu começo á tarefa mais importante, que era dar morte afflictiva ao moleiro.

Espatifal-o como um porco fôra sempre a sua ideia fixa. Ia realisal-a. A scena passa-se no quintalito junto do rio. A victima, com a sua grande estatura sae do moinho. Vem manietado e humilde, ao pé do algoz, apresentar-se para o sacrificio. Ainda que não ousava levantar os olhos, o seu porte era digno.

—Ah!—disse Ambrosio com grande satisfação. Vamos lá a isto?

O proprio carrasco, é que foi buscar um banco. Apontando para elle, mostrou-o á victima, com riso de mau:

—Hade ser aqui.

O pobre moleiro conservava-se calado e triste. Não ousava ter olhares coléricos, talvez, para o suplicio lhe ser menos barbaro. Não pedia; pois era um homem valente, digno, bondoso e reconhecia a crueldade do inimigo.

Ambrosio continuou:

—Só para chegar a isto dei a minha alma ao diabo. Se mil almas tivéra, todas daria, só para te cravar mil vezes uma faca no coração e tirar-te mil vidas que tu possuisses. Quem foi que me quebrou a perna do bacoro? quem me fez secar a lorangeira? quem me roubou a panella velha, com que eu tirava agua do rio? quem me estragou o mangericão?

E como a victima dos seus odios, continuava a olhar para a terra, sem responder, escarneceu:

—Ah! não foi ninguem!... Estas coisas fazem-se por si. Alem de seres o grande ladrão, que me roubou os feijões, és mentiroso. Pois vaes pagal-as todas juntas, meu rico amiguinho. Ora deite-se n'esta cama.

E com uma força que não era a do seu braço enfesado e velho, pegou no moleiro que era um gigante, e estendeu-o como uma arveola sobre o banco, atando-o fortemente com cordas.

—Agora espere que vou aqui buscar uma coisa.

Logo appareceu com um alguidar e uma comprida faca de matador. Mostrando estes objectos, acrescentou:

—Isto é um alguidar para receber o teu sangue vermelho e quente. Isto, uma coisa a que se chama faca para te fazer cocegas no coração. Talvez ainda tenha tempo para arranjar um serrabulho d'esse sangue e coração. Vamos á obra que se faz tarde.

Com placidez, gosando á vontade o martyrio do paciente, principiou a arregaçar os punhos da camisa de estopa. Mostrou a faca reluzente á victima que estava deitada. E voltando-se para o diabo disse:

—Você muito póde, seu amigo. Como eu tenho aqui este fanfarrão, sem se mecher? Tenho pena que meu pae me não

tivesse feito duas almas, para lhe dar a você!

O demonio austero e grave não respondeu á lisonja. Ambrosio entrou de novo no seu pardieiro e trouxe um pucaro d'agua quente. Tinha de molhar a pelle da victima, para a ponta da faca entrar mais firmemente. E chapinhando na garganta com a mão molhada, tinha uma respiração d'homem feroz.

Apontou a faca ao logar apropriado, principiou a enterrar-a lentamente, para a dôr ser mais prolongada, o sangue já sahia em borbotões do peito arquejante do moleiro.

—Não berra como os pórcos, este maldito!—considerou Ambrosio.

la-lhe remexendo cruelmente com o ferro nas entranhas! Gosava a sua victoria, fazendo soffrer a victima.

Foi prolongando este goso até aos ultimos momentos do moleiro. E quando reconheceu que alli estava definitivamente um morto respirou:

—Ahhh!... Isto valia bem uma duzia d'almas! Quanto falta senhor diabo?

—Vae acabar o tempo. Já lá te esperam. Olha!

Apontou para a bocca d'um enorme forno, onde entre as labaredas infernaes, estavam homens e mulheres dando gritos. Todas as velhas ideias de Ambrosio sobre penas eternas, se condensaram n'aquella realidade. Affrontou heroicamente um tal espectaculo, deante do qual o seu coração deshumano, ainda teve coragem para beber do sangue do inimigo! Porém o mundo infernal das chammas e gritos, crescia rapida e formidavelmente. O diabo sereno e magestoso estendia-lhe a mão para o agarrar, com as suas unhas de macaco! O aspecto do demonio era tão medonho e terrivel, que o velho Ambrosio teve subitamente um grande medo, todo o seu corpo estremeceu como se oscillasse o mundo, amedrontado e covarde ia a dar um passo para fugir...

N'esse instante escorregou e cahiu ao rio. Começou a berrar por soccorro como um possesso. O seu choro era mais infeliz do que o

de uma creança sem mãe.

A agua esaldava-o e sentia-se abrazado como no meio de labaredas infernaes! Quem lhe havia de acudir n'aquelle instante de afflicção? Foi o visinho, o moleiro, a sua victima que sahindo fóra do seu moinho o viu debater-se covardemente, como se estivesse assoberbado, por ondas d'um mar tormentoso!

—Eh!... diabo de gato!—disse o colosso mettendo-se ao rio e agarrando-o pela gola da vestia. Como diabo te aconteceu isto?

Levou-o para sua propria casa, metteu-o na cama agasalhado, deu-lhe um caldo quente para o revigorar. O velho Ambrosio, olhando-o receioso, batia o queixo de medo e dizia com a cabeça debaixo da roupa:

—Nada, não quero; elle póde deitar resalgar no caldo!

Arcos, agosto, 86.

INDICE

	PAG.
A minha morte	1
Nosso Senhor Jesus Christo	17
O cego de Guardiam	27
A velhice d'um rei	51
A mulher de Lucas	73
Dois caturras	95
A postura dos ovos	115
Rende-te Centurião	129
A truta grande	163
Um corvo e um papagaio	197
A vista do salgueiro	203

*** END OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK NOVOS
CONTOS ***

Updated editions will replace the previous one—the old editions will be renamed.

Creating the works from print editions not protected by U.S. copyright law means that no one owns a United States copyright in these works, so the Foundation (and you!) can copy and distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to copying and distributing Project Gutenberg™ electronic works to protect the PROJECT GUTENBERG™ concept and trademark. Project Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you charge for an eBook, except by following the terms of the trademark license, including paying royalties for use of the Project Gutenberg trademark. If you do not charge anything for copies of this eBook, complying with the trademark license is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose such as creation of derivative works, reports, performances and research. Project Gutenberg eBooks may be modified and printed and given away—you may do practically ANYTHING in the United States with eBooks not protected by U.S. copyright law. Redistribution is subject to the trademark license, especially commercial redistribution.

START: FULL LICENSE

THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE

PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg™ mission of promoting the free distribution of electronic works, by using or distributing this work (or any other work associated in any way with the phrase “Project Gutenberg”), you agree to comply with all the terms of the Full Project Gutenberg™ License available with this file or online at www.gutenberg.org/license.

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg™ electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg™ electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to and accept all the terms of this license and intellectual property (trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy all copies of Project Gutenberg™ electronic works in your possession. If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project Gutenberg™ electronic work and you do not agree to be bound by the terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. “Project Gutenberg” is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few things that you can do with most Project Gutenberg™ electronic works even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project Gutenberg™ electronic works if you follow the terms of this agreement and help preserve free future access to Project Gutenberg™ electronic works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation (“the Foundation” or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project Gutenberg™ electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the United States. If an individual work is unprotected by copyright law in the United States and you are located in the United States, we do not claim a right to prevent you from copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg™ mission of promoting free access to electronic works by freely sharing Project Gutenberg™ works in compliance with the terms of this agreement for keeping the Project Gutenberg™ name associated with the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format with its attached full Project Gutenberg™ License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in a constant state of change. If you are outside the United States, check the laws of your country in addition to the terms of this agreement before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg™ work. The Foundation makes no representations concerning the copyright status of any work in any country other than the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate access to, the full Project Gutenberg™ License must appear prominently whenever any copy of a Project Gutenberg™ work (any work on which the phrase “Project Gutenberg” appears, or with which the phrase “Project Gutenberg” is associated) is accessed, displayed, performed, viewed, copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away

or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

1.E.2. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is derived from texts not protected by U.S. copyright law (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees or charges. If you are redistributing or providing access to a work with the phrase “Project Gutenberg” associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the Project Gutenberg™ trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is posted with the permission of the copyright holder, your use and distribution must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked to the Project Gutenberg™ License for all works posted with the permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg™ License terms from this work, or any files containing a part of this work or any other work associated with Project Gutenberg™.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg™ License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any word processing or hypertext form. However, if you provide access to or distribute copies of a Project Gutenberg™ work in a format other than “Plain Vanilla ASCII” or other format used in

the official version posted on the official Project Gutenberg™ website (www.gutenberg.org), you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon request, of the work in its original “Plain Vanilla ASCII” or other form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg™ License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying, performing, copying or distributing any Project Gutenberg™ works unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg™ electronic works provided that:

- • You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from the use of Project Gutenberg™ works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg™ trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, “Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation.”
- • You provide a full refund of any money paid by a user who notifies you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full Project Gutenberg™ License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and discontinue all use of and all access to other copies of Project Gutenberg™ works.
- • You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.

- • You comply with all other terms of this agreement for free distribution of Project Gutenberg™ works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg™ electronic work or group of works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing from the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the manager of the Project Gutenberg™ trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread works not protected by U.S. copyright law in creating the Project Gutenberg™ collection. Despite these efforts, Project Gutenberg™ electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain “Defects,” such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the “Right of Replacement or Refund” described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg™ trademark, and any other party distributing a Project Gutenberg™ electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE PROVIDED IN PARAGRAPH 1.F.3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a defect in this electronic work within 90 days of receiving it,

you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must return the medium with your written explanation. The person or entity that provided you with the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS', WITH NO OTHER WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages. If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg™ electronic works in accordance with this agreement, and any volunteers associated with the production, promotion and distribution of Project Gutenberg™ electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following which you do or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg™ work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any Project Gutenberg™ work, and (c) any Defect you cause.

Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg™
Project Gutenberg™ is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of

computers including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need are critical to reaching Project Gutenberg™'s goals and ensuring that the Project Gutenberg™ collection will remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure and permanent future for Project Gutenberg™ and future generations. To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4 and the Foundation information page at www.gutenberg.org.

Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non-profit 501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification number is 64-6221541. Contributions to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's business office is located at 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887. Email contact links and up to date contact information can be found at the Foundation's website and official page at www.gutenberg.org/contact

Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

Project Gutenberg™ depends upon and cannot survive without widespread public support and donations to carry out its mission of increasing the number of public domain and licensed works that can be freely distributed in machine-readable form accessible by the widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations (\$1 to \$5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United

States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up with these requirements. We do not solicit donations in locations where we have not received written confirmation of compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any particular state visit www.gutenberg.org/donate. While we cannot and do not solicit contributions from states where we have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from donors in such states who approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff. Please check the Project Gutenberg web pages for current donation methods and addresses. Donations are accepted in a number of other ways including checks, online payments and credit card donations. To donate, please visit: www.gutenberg.org/donate.

Section 5. General Information About Project Gutenberg™ electronic works

Professor Michael S. Hart was the originator of the Project Gutenberg™ concept of a library of electronic works that could be freely shared with anyone. For forty years, he produced and distributed Project Gutenberg™ eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg™ eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as not protected by copyright in the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our website which has the main PG search facility: www.gutenberg.org.

This website includes information about Project Gutenberg™, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.